

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GUSTAVO DA SILVEIRA AMORIM

**O COMPORTAMENTO DO /E/ E DO /O/ PRETÔNICOS:
UM ESTUDO VARIACIONISTA DA LINGUA FALADA CULTA DO
RECIFE**

Recife
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**O COMPORTAMENTO DO /E/ E DO /O/ PRETÔNICOS:
UM ESTUDO VARIACIONISTA DA LINGUA FALADA CULTA DO
RECIFE**

por

Gustavo da Silveira Amorim

Recife
2009

GUSTAVO DA SILVEIRA AMORIM

**O COMPORTAMENTO DO /E/ E DO /O/ PRETÔNICOS:
UM ESTUDO VARIACIONISTA DA LINGUA FALADA CULTA DO
RECIFE**

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Stella Telles

Recife
2009

GUSTAVO DA SILVEIRA AMORIM

**O COMPORTAMENTO DO /E/ E DO /O/ PRETÔNICOS:
UM ESTUDO VARIACIONISTA DA LINGUA FALADA CULTA DO
RECIFE**

Dissertação aprovada em ____ / ____ /2009

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Stella Telles

(Orientadora)

1º Membro

2º Membro

Recife, Agosto de 2009

A Deus, meu criador.

A Jane, minha companheira.

A Breno e Estela, minha herança.

Dedico esta dissertação

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me capacitar e me fazer senti o seu zelo, cuidado e proteção diariamente.

Aos meus familiares, em especial, a minha amada mãe, pelo suporte coragem e exemplo a mim transmitido.

A minha esposa, Jane, pelo carinho e compreensão pelas horas que não pude estar ao seu lado por dedicar-me a este trabalho.

Aos meus filhos Breno e Estela, verdadeiros tesouros, por me fazerem acreditar que o mundo pode ser melhor.

A minha mais que orientadora, Stella Teles, pelo carinho, compreensão, engajamento e ensino, por me fazer acreditar que podemos ser altruístas sem perdermos a essência da humildade.

Aos meus adoráveis professores do mestrado, pelo brilhante trabalho que foi realizado durante o curso, em especial, a Marlos, Abuêndia e Gilda (*in memoriam*) pela dedicação e carinho que demonstraram durante as aulas.

A coordenação da Pós-graduação, pelo desprendimento, competência e prazer no servir.

Ao PROLING - UFPB, em especial a Greyci, por me ajudar a compreender melhor o programa GOLDVARB X e pelas relevantes dicas que me dera.

Aos meus colegas do mestrado, em especial a Joanes, Viviane, Leonora e Ana Cristina por me ajudarem nos momentos de dificuldades e de necessidades.

A Sandra Siqueira, *in memoriam*, pelas dicas e conselhos dados durante a especialização.

A Gilberlande Pereira, por acreditar em mim.

Aos colegas da GER – Vale do Capibaribe, pela ajuda e desprendimento sempre que necessário.

A Santa, professora da minha 4ª Série, pelo amor e credibilidade que sempre me confiou.

Aos colegas das Escolas de Lagoa de Itaenga e Limoeiro, pela grande ajuda e carinho que demonstraram durante a confecção deste trabalho.

Aos informantes, por se doarem e colaborarem com este estudo.

Ao pessoal do Conselho de Ética, pelo atendimento e orientações relevantes para o andamento da pesquisa.

Aos meus alunos, pela compreensão das faltas e substituições que de mim foram demandadas.

Aos meus amigos, todos, que direta ou diretamente me ajudaram nesta caminhada.

Nenhum trabalho é feito sozinho, portanto, os méritos também são de vocês.

“... Coloco os meus olhos em Ti,
quando as circunstâncias parecem mentir.
Tentando roubar minha fé, tentando me desanimar,
me fazer desistir...
...Meus olhos estão em Ti, Senhor!
Pois por mim mesmo nada posso fazer.
Espero somente em Ti, Senhor!
Teu braço forte opera o impossível...”.

(Ana Paula Valadão – Diante do Trono 9, 2006.)

SUMÁRIO

RESUMO	12
ABSTRACT	13
LISTA DE SÍMBOLOS	14
LISTA DE FIGURAS	16
LISTA DE GRÁFICOS	17
LISTA DE TABELAS	18
INTRODUÇÃO.....	21
1. CAPÍTULO I	
O ESTUDO DAS VOGAIS PRETÔNICAS NO BRASIL	24
1.1. Estudos Preliminares	26
1.1.1. Antenor Nascentes	26
1.1.2. Mário Marroquim	28
1.1.3. Matoso Câmara	31
1.1.4. Marroquim x Nascentes – Descrição Comparativa	33
1.2. Estudos Variacionistas	34
1.2.1. Leda Bisol (1981)	36
1.2.2. Lílian Coutinho Yacovenco (1993)	38
1.2.3. Regina Celi Mendes Pereira (1997)	41
1.2.4. Myrian Barbosa da Silva (1998)	43
1.2.5. Simone Negrão de Freitas (2001)	44
1.2.6. Gianni Fontis Celia (2004)	46
1.2.7. Geruza de Souza Graebin (2008)	49
1.2.8. Ana Amélia Menegasso da Silveira (2008)	52
1.3. Descrição Comparativa	54
1.4. Resumo	58
2. CAPÍTULO II	
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	71
2.1. Quanto à Teoria Sociolinguística Quantitativa.....	71
2.2. Variação Linguística x Mudança	72
2.3. Procedimentos Metodológicos	76

2.3.1. A Comunidade de Estudo – Perfil Sócio-histórico-cultural	76
2.3.2. Objetivos	79
2.3.2.1. Geral.....	79
2.3.2.2. Específico.....	79
2.3.3. Hipóteses	80
2.3.4. <i>Corpus</i>	81
2.3.5. Procedimento de coleta e organização dos dados	82
2.3.6. Exclusão dos dados não significativos	85
2.3.7. Variáveis eliminadas pela rodada <i>Up & Down</i>	88
2.3.8. O Tratamento Estatístico.....	89
2.4. Definição e Descrição das Variáveis	92
2.4.1. Variável Dependente	92
2.4.2. Variáveis Independentes	92
2.4.2.1. Variáveis Linguísticas	93
2.4.2.2. Variáveis Extralinguísticas	95
2.5. Resumo	96
3. CAPÍTULO III	
ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS	97
3.1. Considerações Iniciais	97
3.2. Fatores Estudados	98
3.2.1. Fatores Linguísticos	99
3.2.1.1. Contexto Anterior	99
3.2.1.2. Contexto Posterior	106
3.2.1.3. Vogal da Sílabas Tônica	115
3.2.1.4. Vogal Pretônica Átona Seguinte	127
3.2.1.5. Posição Quanto à Sílabas Tônica.....	132
3.2.1.6. Extensão da Palavra	134
3.2.1.7. Natureza da Vogal Média Pretônica	137
3.2.1.8. Tipo de Sílabas	139
3.2.1.9. Estrutura da Sílabas	140
3.2.1.10. Natureza do <i>Corpus</i>	143
3.2.1.11. Natureza do Vocabulo	145
3.2.2. Fatores Extralinguísticos	147

3.2.1.1. Sexo/Gênero	148
3.2.1.2. Faixa Etária	149
3.3. Resumo	151
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
ANEXOS	
i - Ficha Social do Informante	163
ii – Lista de Palavras	164
iii – Texto	166
iv – Resultados Finais para /e/	169
v – Resultados Finais para /o/	170

RESUMO

Esta dissertação faz uma análise da língua falada culta do Recife – PE. É de seu interesse verificar o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ que podem ser pronunciadas, nesta localidade, de três formas: E : e : i / O: o : u. O corpus foi formado pela fala culta de doze informantes aleatoriamente selecionados de acordo com a metodologia da sociolinguística quantitativa (ou variacionista) proposta por Labov (1972) e descrita por Tarallo (2004). Tais informantes foram distribuídos igualmente de acordo com o gênero/sexo, faixa etária (até 39 anos e 40 anos ou mais). Os fatores analisados foram distribuídos em extralinguísticos: sexo/gênero e faixa etária, e linguísticos: realização, contexto fonológico precedente, contexto fonológico posterior, extensão do vocábulo, posição quanto à sílaba tônica, tipo da vogal tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade, tipo de sílaba, natureza do vocábulo, *corpus* e estrutura da sílaba. O *corpus*, composto por 6.360 dados, foi submetido ao tratamento estatístico do programa computacional GOLDVARB X de onde foram extraídas as informações para posteriores conclusões. Os resultados confirmaram que os recifenses cultos preferem as vogais médio-altas às demais variantes. Os fatores lingüísticos se mostraram mais motivadores à variação do que os extralingüísticos, mostrando que a língua contém elementos que a auto regulam. Quanto ao método de coleta, a fala e a leitura de palavras foram as que mais contribuíram para a manutenção.

PALAVRAS-CHAVE: Vogais Pretônicas, Língua Portuguesa, Fonética/Fonologia.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the cult language of the Recife - PE. It is of interest to verify the behavior of pretonic vowels / e / and / o / can be pronounced in this city, in three ways: E: e: i / O: o: u. The data was formed by the speech of twelve informants randomly selected according to the methodology of quantitative sociolinguistics (or variations) proposed by Labov (1972) and described by Taralho (2004). These informants were also distributed according to gender / sex, age (up to 39 years and 40 years or more). The factors analyzed were distributed in extralinguistic: sex / gender and age, and linguistic: precedent phonological context, following phonological context, the word length, position on the tonic syllable, tonic vowel, following pretonic, atonicity, nature the syllable, the word nature, *corpus* and structure of the syllable. The data, composed of 6360 realizations, was submitted to statistical treatment of GOLDVARB X computer program from which they were extracted information for subsequent findings. The results had confirmed that the cultured persons living Recife prefer the medium-high vowels the excessively variant ones. The linguistic factors if had shown more motivators to the variation of what the extralinguistic, showing that the language will count elements that the auto one they regulate. How much to the collection method it says, it and the reading of words had been the ones that had more contributed for the maintenance.

KEY-WORDS: Pretonic vowels, Portuguese language, phonetics / phonology.

LISTA DE SÍMBOLOS

- Transcrição

Transcrição fonética	[]
Transcrição fonológica	/ /

- Vogais

Vogal médio-baixa anterior	[E]
Vogal médio-alta anterior	[e]
Vogal alta anterior	[i]
Vogal baixa central	[a]
Vogal médio-baixa posterior	[O]
Vogal médio-alta posterior	[o]
Vogal alta posterior	[u]
Vogal alta anterior nasal	[~i]
Vogal médio-alta anterior nasal	[~e]
Vogal baixa central nasal	[ã]
Vogal médio-alta posterior nasal	[õ]
Vogal alta posterior nasal	[~u]

- Consoantes

Oclusiva alveolar surda	[t]
Oclusiva alveolar sonora	[d]
Fricativa alveolar surda	[s]
Fricativa alveolar sonora	[z]
Nasal alveolar	[n]
Lateral alveolar	[l]
Tepe alveolar	[f]
Africada alveopalatal surda	[tʃ]

Africada alveopalatal sonora	[dž]
Lateral palatal	[lʲ]
Nasal palatal	[ň]
Fricativa palatal surda	[š]
Fricativa palatal sonora	[ž]
Oclusiva velar surda	[k]
Oclusiva velar sonora	[g]
Fricativa velar	[x]
Oclusiva bilabial surda	[p]
Oclusiva bilabial sonora	[b]
Nasal bilabial	[m]
Fricativa labiodental surda	[f]
Fricativa labiodental sonora	[v]

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Demarcação dialetal do Brasil segundo Nascentes.....	27
FIGURA 2	Quadro demonstrativo das vogais tônicas do PB.....	32
FIGURA 3	Quadro demonstrativo das vogais átonas pretônicas do PB diante de uma consoante nasal na sílaba seguinte.....	32
FIGURA 4	Descrição dos trabalhos analisados de acordo com a Sociolinguística Laboviana por cidade e estados onde foram realizados os estudos.....	35
FIGURA 5	Localização do Recife e seus limites geográficos	77
FIGURA 6	Foto aérea da área litorânea do Recife	79
FIGURA 7	Distribuição da amostra da pesquisa	82
FIGURA 8	Diagrama de Daniel Jones	127

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Aplicação das regras de elevação, abaixamento e manutenção das vogais médias pretônicas na língua falada culta de Recife.....	97
GRÁFICO 2	Índices percentuais da aplicação das regras de elevação, abaixamento e manutenção das vogais médias pretônicas na língua falada culta de Recife.....	98

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Variáveis observadas nos estudos preliminares sobre o comportamento das vogais médias pretônicas no Português do Brasil sem o arcabouço da Sociolinguística Quantitativa.....	34
TABELA 2	Comparação dos fatores relevantes para a elevação das vogais médias pretônicas na região sudeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa	56
TABELA 3	Comparação dos fatores relevantes para a elevação das vogais médias pretônicas nas regiões norte e nordeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa.....	58
TABELA 4	Comparação dos fatores relevantes para a elevação das vogais médias pretônicas nas regiões sul e centro oeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa.....	60
TABELA 5	Comparação dos fatores relevantes para o abaixamento das vogais médias pretônicas na região sudeste e centro oeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa.....	62
TABELA 6	Comparação dos fatores relevantes para o abaixamento das vogais médias pretônicas na região sudeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa	64
TABELA 7	Comparação dos fatores relevantes para a manutenção das vogais médias pretônicas na região sudeste e nordeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa	66
TABELA 8	Comparação dos fatores relevantes para a manutenção das vogais médias pretônicas na região norte e centro-oeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa	67
TABELA 9	Códigos para codificação no GOLDVARB 3.0	83
TABELA 10	Distribuição dos símbolos utilizados nos dados para análises.	85
TABELA 11	Vocábulos excluídos e números de ocorrências para /e/	87
TABELA 12	Vocábulos excluídos e números de ocorrências para /o/	88
TABELA 13	Variáveis refutadas pela rodada <i>Up & Down</i>	89
TABELA 14	Contexto Precedente – Resultados para /e/.....	100

TABELA 15	Contexto Precedente – Resultados para /o/.....	101
TABELA 16	Contexto Precedente (Tabela 1 x Tabela 2)	102
TABELA 17	Contexto Posterior – Resultados para /e/.....	107
TABELA 18	Contexto Posterior – Resultados para /o/	110
TABELA 19	Contexto Posterior (Tabela 18 x Tabela 19).....	112
TABELA 20	Contextos anterior e posterior (Tabela 17 x Tabela 18 x Tabela 19 x Tabela 20)	114
TABELA 21	Comportamento da pretônica em relação a vogal da sílaba tônica – Resultados para /e/	117
TABELA 22	Comportamento da pretônica em relação a vogal da sílaba tônica – Resultados para /o/.....	121
TABELA 23	Vogal da sílaba tônica - Resultados para /e/ e para /o/ (Tabela 8 x Tabela 9)	125
TABELA 24	Comportamento da vogal pretônica seguinte – Resultados para /e/	128
TABELA 25	Comportamento da vogal pretônica seguinte – Resultados para /o/	130
TABELA 26	Comportamento da vogal pretônica referente à posição quanto à sílaba tônica – Resultados para /E/	133
TABELA 27	Comportamento da vogal pretônica referente à posição quanto à sílaba tônica – Resultados para /o/	134
TABELA 28	Extensão da palavra - Resultados para /e/	135
TABELA 29	Extensão da palavra - Resultados para /o/	136
TABELA 30	Natureza da vogal média pretônica - Resultados para /e/	137
TABELA 31	Natureza da vogal média pretônica - Resultados para /o/.....	138
TABELA 32	Tipo de Sílabas - Resultados para /e/.....	139
TABELA 33	Tipo de Sílabas - Resultados para /o/	140
TABELA 34	Estrutura da Sílabas - Resultados para /e/.....	141
TABELA 35	Estrutura da Sílabas - Resultados para /o/	142

TABELA 36	Natureza <i>do Corpus</i> - Resultados para /e/.....	144
TABELA 37	Natureza <i>do Corpus</i> - Resultados para /o/.....	146
TABELA 38	Natureza do Vocábulo - Resultados para /e/	146
TABELA 39	Natureza do Vocábulo - Resultados para /o/	147
TABELA 40	Sexo/Gênero - Resultados para /e/.....	148
TABELA 41	Sexo/Gênero - Resultados para /o/	149
TABELA 42	Faixa Etária - Resultados para /e/	150
TABELA 43	Faixa Etária - Resultados para /o/	151

INTRODUÇÃO

Existe um grande báratro entre a fala e a escrita, esta afirmativa é senso comum entre os mais diversos estudiosos linguísticos. Bem mais que a observação entre a fala e a escrita, afirmamos nós que existem também incongruências entre a(s) fala(s) dos brasileiros, é o que reza a Teoria Variacionista, cujos representantes munidos de arcabouços metodológicos inseriram o método quantitativo no universo da linguística. Claro que a década de 60, época das discussões em torno dos aspectos sociointeracionistas da língua, era um campo fértil para tal pronunciamento. No entanto, algumas retaliações até hoje são deflagradas para esta área da linguística. Contudo, uma coisa é certa, os estudos variacionistas não apenas mostram as lacunas que existem entre a gramática internalizada e gramática padrão, como também têm servido de suporte para entender e reverter os baixos índices do sistema escolar brasileiro no tocante ao aprendizado de língua materna. Desta feita, os estudos dos fenômenos linguísticos têm trazido à luz algumas pertinentes discussões que visam suprir as lacunas deixadas por décadas de preconceito e discriminação pautados numa política exclusivista e sem nenhuma explicação histórica palpável.

As pesquisas sobre os fenômenos linguísticos não são de recente época, datam de muito tempo. No Brasil, os estudos de Antenor Nascentes, como veremos posteriormente, é uma tentativa de desvendar tais comportamentos e justificar historicamente como eles ocorreram, (Nascentes,1953). Afora os estudos filológicos, os estudos variacionistas surgem na década de 60, a partir da introdução dos estudos linguísticos nos cursos universitários e da formação das próprias licenciaturas em linguística. A partir desta

inserção da corrente variacionista nos estudos linguísticos do Brasil, um leque bastante numeroso de estudos surge investigando o comportamento do português brasileiro, desde a fonologia à sintaxe dentre outros aspectos submetidos à metodologia estatística, com fins de estratificação de resultados que dêem ou possam dar explicações confiáveis a tais fenômenos.

Atrelado a tais motivações de explicação científicas, como faláramos anteriormente, os fenômenos fonéticos / fonológicos não seriam colocados de fora. Pelo contrário, apresentam inúmeros fenômenos a serem analisados. Afinal, a realização oral (a fala) é a parte dinâmica da língua, e como tal, a mesma condiciona-se devido aos aspectos internos e externos da própria língua.

Dentre estes fenômenos, o comportamento das vogais médias pretônicas é plausível de verificação dentro dos estudos sociolinguísticos variacionistas. Os pesquisadores que escolhem estes tipos de fenômenos se debruçam sobre uma gama de teorias a fim de compreendê-los e explicá-los.

Com o propósito de contribuímos para elucidação do panorama variacionista brasileiro, realizamos um estudo sobre o comportamento destas vogais na língua falada culta do Recife. Estudamos a fala de doze informantes de ambos os sexos e todos de nível superior, divididos em duas faixas etárias, os dados foram submetidos ao programa computacional GOLDVARB X.

No primeiro capítulo, fizemos um levantamento dos estudos existentes sobre o comportamento das vogais médias pretônicas no Português Brasileiro. O primeiro momento foi preenchido pelas pesquisas de Antenor Nascentes (1922), Mário Marroquim (1934) e Matoso Câmara (1940) que, apesar de não ter usados critérios estatísticos para

fundamentar as pesquisas, não tiveram seus trabalhos com menos relevância que os demais, uma vez que foram os pioneiros desta empreitada. No segundo momento, analisamos os trabalhos fundamentados na teoria quantitativa laboviana. Esta parte é composta de oito estudos das cinco regiões do Brasil. O intuito desta descrição é apurar os contextos que mais, ou menos, favoreceram e influenciaram as realizações das pretônicas. No final do capítulo, pusemos tabelas que dispõem dos resultados por região, realização e fatores linguísticos e extralinguísticos.

O capítulo segundo traz as considerações metodológicas e teóricas desta pesquisa. Na primeira parte foi feita uma análise da teoria utilizada em nossa pesquisa. A seguir, foram apresentados o método que utilizamos neste estudo, bem como os fatores analisados. Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram mostrados passo-a-passo, descrevendo não só o que foi realizado, mas como também foi realizado.

A análise dos dados foi feita no capítulo terceiro. Os resultados das rodadas e estratificação dos dados foram apresentados em tabelas seguidos dos seus respectivos exemplos quando necessário e dos comentários pertinentes. Deste modo, os contextos linguísticos foram analisados primeiramente, seguidos dos contextos extralinguísticos, cada fator foi exposto sucessivamente como demonstrado nos procedimentos metodológicos (Capítulo II). Por fim, as últimas colocações foram feitas nas Considerações Finais, expondo o que, de maneira concisa, foi crucial da análise dos nossos dados.

CAPÍTULO I

1. O ESTUDO DAS VOGAIS PRETÔNICAS NO BRASIL

Estudar o comportamento das vogais de uma determinada língua dá suporte para que os falantes e estudiosos da mesma saibam como este mecanismo se comporta diante de certos fatores linguísticos e ambientes sociais, indicando assim, que há, como narra Labov (1966), “*uma variação linguística que pode acarretar, ou não, uma mudança*”. Desta forma, fica evidente, a percepção de uma variação que se processa devido a vários aspectos que contribuem para a evolução linguística, mostrando assim que a língua é dinâmica e não estática, como pensava, outrora, alguns estudiosos.

Antes mesmo do surgimento da sociolinguística e dos estudos da mesma no Brasil, alguns autores, como foi mencionado, se interessavam pelos estudos comportamentais do Português Brasileiro. Os trabalhos realizados por estes estudiosos não foram submetidos a nenhum tratamento estatístico e nem tampouco condicionados por um controle de dados, trata-se de estudos iniciais, realizados a partir da observação e percepção dos linguistas. Estes estudos serviram de base para o surgimento de trabalhos específicos regidos pela Teoria Variacionista ou Sociolinguística Laboviana.

Um dos fenômenos demais estudado atualmente e objeto de investigação de muitos pesquisadores tem sido o sistema vocálico das línguas do mundo, seu comportamento, suas

restrições. Podemos citar, como exemplo, o sistema vocálico do Português Brasileiro que muito analisado tem sido analisado, de norte a sul, e rendido uma gama de trabalhos científicos resultante desses estudos.

Com relação ao sistema vocálico, podemos discorrer sobre o comportamento das vogais pretônicas no Brasil, como citado anteriormente, que de muito tempo já era observado nos estudos de pesquisadores como o filólogo Antenor Nascentes em seu *“idioma nacional”*. Nele, o referido autor traça e estabelece limites dialetais entre as diversas regiões do país e sendo através da pronúncia das vogais pretônicas que o autor estabelece as linhas dialetais para o falar do Brasil.

Enquanto Nascentes (1922) se preocupava, de antemão, com um estudo mais abrangente do comportamento do Português Brasileiro, outro estudioso, após certo tempo, Mário Marroquim (1934), descreveu, ainda que sem um aparato sociolinguístico, o que não tira, assim como a pesquisa de Nascente os méritos de tais observações, o comportamento da língua nordestina. Neste estudo o autor descreve vários fenômenos que marcam o falar do Nordeste (Pernambuco e Alagoas).

Outro pesquisador, bem mais munido de artefatos científicos, até porque o mesmo era do meio linguístico, Matoso Câmara, estabelece, em meados da década de sessenta, um estudo sobre a estrutura da nossa língua, onde descreve fatores e fenômenos variáveis na língua portuguesa do Brasil.

A partir de meados da década de 60, com o amadurecimento e fixação dos estudos sociolinguísticos, surge, no Brasil, uma série de estudos sobre as vogais médias pretônicas. Na atualidade se intensificam com mais rapidez, o que mostra a importância dessas observações como forma de contribuição para determinar e delimitar, conforme Silveira

(2008 p. 28): I), a diferença que há entre o Português do Brasil e o de Portugal, II) o grande abismo que há entre as realizações fonéticas no nosso idioma, III) contribuir, como já foi dito, com a constituição de um inventário fonético da nossa língua.

1.1. Estudos Preliminares

Desde os tempos mais remotos, as vogais médias pretônicas no Português apresentam comportamentos distintos no que tange a suas pronúncias. Fernão de Oliveira, gramático e observador português, na primeira metade do século XVI, já observava a alternância do o ~ u; e do e ~ i, conforme Mattos e Silva (2006, p. 55):

Ante u e o pequeno há tanta vezinhança que quasi nos confundimos dizendo uns somir e outros sumir e dormir ou durmir e bolir e bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre i e e pequeno como *memória* ou *memórea* e *glória* ou *glórea*.

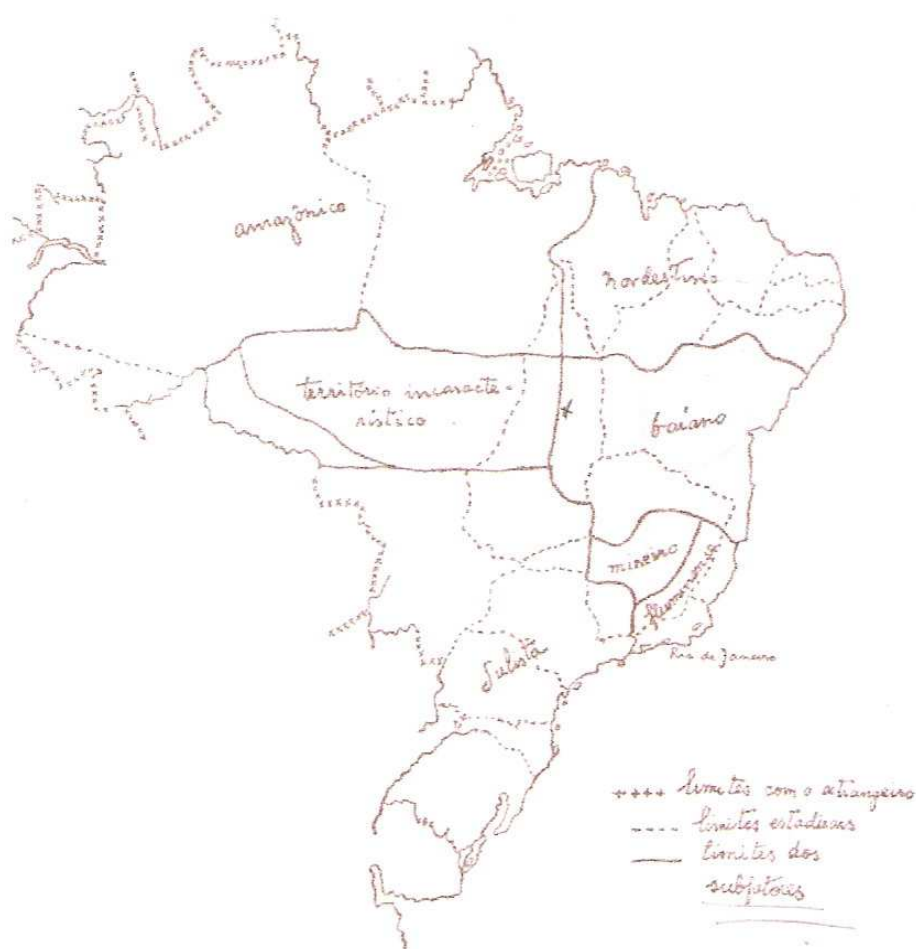
As vogais médias pretônicas podem sofrer os fenômenos fonológicos denominados *alçamento*, ocorrendo quando elevam o traço de altura das vogais /e/ e /o/, passando a serem pronunciadas como [i] e [u]: *m[e]nino* ~ *m[i]nino*, *b[o]neca* ~ *b[u]neca*; também podem sofrer *abaixamento*, ocorrendo quando as mesmas se comportam de modo contrário, e se realizam como [E] e [O]: *m[e]nino* ~ *m[E]nino*, *b[o]neca* ~ *b[O]neca*.

1.1.1. Antenor Nascentes (1922)

Em seu “*Idioma Nacional*”, Nascentes toma a pronúncia carioca como a pronúncia ideal para o português falado no Brasil. No âmbito social, tal justificativa se dá devido ao fato de ser esta cidade a capital do país na época. Nascentes traça uma divisória com relação à

pronúncia do país estabelecendo limites entre as regiões norte e sul. Para o autor, a região norte compreende dos estados do Amazonas e Pará até a Bahia, a região Sul compreende os estados do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. As pretônicas, segundo o autor, seriam as marcas mais notáveis desta divisão. Enquanto a região norte apresenta a pronúncia mais aberta [E,O], a região sul apresenta a pronúncia mais fechada [e, o, i, u].

FIGURA 1: Demarcação dialetal do Brasil segundo Nascentes ¹



Ainda no tocante às pretônicas, o estudioso cita o caso da vogal média /e/ em início de vocábulos em sílabas sem *onset* diante da consoante fricativa /s/ e da nasal /n/ que tende a elevar-se de maneira categórica, [i]mbeber, [i]ncantu, [i]star, [i]sclamar. Também em

¹ Fonte: Nascentes, O linguajar Carioca (1953, p.18)

palavra onde a sílaba tônica contém a vogal alta /i/, a pretônica /e/ se eleva *p[i]rigo*, *m[i]nino*, *f[i]liz*. As palavras que contêm a vogal média /e/ em posição inicial seguida das consoantes /m/, /n/, /z/, /r/ e /j/ a pronúncia é fechada *[e]minente*, *[e]nergia*, *[e]sôfago*, *[e]xótico*, *[e]rigir*, com exceção de *[i]menda*. O /e/ inicial do prefixo *entre-* pronuncia-se com o timbre fechado, *[e]ntremeio*, também ocorre nos vocábulos eruditos iniciados por *em-*, *em-*, *hen-*, *hex-*, *ex-*, *[e]mbriologia*, *[e]ntidade*, *[e]nfiteuse*, *[e]nsiforme*, *[e]nzóico*, *h[e]ndíade*, *h[e]xágono*.

Na constatação do autor, o /o/ é pronunciado como [u] em palavras que têm como tônica a vogal alta, num processo de elevação vocálica, *p[u]lítica*, ou aberta [E], *c[u]légio*. A influência de [i] e [u] tônicos tornam o /e/ e o /o/ reduzidos, *[i]scrivi*, *d[i]via*, *m[i]sqüinho*, *abs[u]luto*, *c[u]ruja*. Quanto à contiguidade, o [i] átono também pode influenciar a elevação de /e/ nas sílabas pretônicas seguintes, *c[i]rimônia*, *v[i]stimenta*. Nos trabalhos recentes, a variável contiguidade tem mostrado que, dependendo da distância das vogais altas não tônicas, as tônicas podem influenciá-las. Também é visto que nem sempre as tônicas altas são responsáveis pela elevação das pretônicas /e/ e /o/, nestes casos a observação estaria compreendida em outras variáveis *pr[i]sunto*, *s[u]cidade*. Alguns trabalhos nos mostram que uma vogal alta anterior pode influenciar ou não a pretônica média posterior ou o contrário ocorrer.

Quanto aos hiatos, o autor cita os casos das sequências *-eo-*, *-oa-* e *-oe-*, onde, nas ocorrências, sempre a vogal inicial do hiato tende a elevar-se, *T[i]odora*, *v[u]ar*, *p[u]eta*.

1.1.2. Mário Marroquim

Interessado nos estudos linguísticos do falar nordestino, Mário Marroquim escreveu “Língua do Nordeste”, livro dedicado aos aspectos fonéticos e gramaticais da língua portuguesa falada no Nordeste brasileiro.

O livro é dividido em doze capítulos que tratam respectivamente de tópicos relacionados à fonética / fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. O primeiro capítulo traz um estudo sobre alguns elementos que seriam incorporados à sociolinguística. A noção e definição de dialetos tentam explicar as diversas formas de falar dos brasileiros, justificando que este país é de uma enorme grandiosidade territorial e cultural. Constam, também, neste capítulo, explicações históricas quanto ao comportamento e à formação da língua portuguesa nacional.

No terceiro capítulo, onde é tratado o sistema vocálico do dialeto nordestino, Marroquim elenca os principais fenômenos de variação e comportamento das vogais tônicas, átonas, postônicas e pretônicas. São estas algumas considerações do autor.

- O *e* átono pretônico soa como *i* em geral: *p[i]dir*, *p[i]queno*, *t[i]sôra*, *[i]mbolar*, *s[i]nhor*, *m[i]lhor*. O autor neste caso não categoriza as circunstâncias as quais levam a vogal anterior a se comportar como uma vogal alta, mas nestes casos podemos observar que em *p[i]dir* a elevação se dar pela assimilação do traço (+alto) da vogal seguinte; em *p[i]queno*, tanto a vogal tônica nasal, como as consoantes precedente e seguinte influenciam no comportamento da vogal pretônica, favorecendo a elevação. Observamos, sem muito esforço, que tais variações ainda ocorrem em grande frequência na língua dos nordestinos. No caso de *t[i]sôra*, há uma monotongação do [ow] passando a [ô], a vogal média-alta posterior tônica favorece o alteamento da vogal média-alta anterior pretônica,

quanto a *[i]mbolar*, há duas discussões: i) a primeira diz respeito à regra categórica que consiste na elevação das vogais médias anteriores em posição inicial de vocábulo diante de uma consoante nasal em coda; ii) a segunda trata dos prefixos, há explicações históricas de cunho etimológico para tais ocorrências. Em *m[i]lhor* e *s[i]nhor*, além das vogais médio-altas posteriores, há a influência das consoantes palatal e nasal em contexto posterior.

- O e soa como i diante das fricativas /s/, /z/, da nasal /n/, em posição inicial de vocábulo, “ *[i]stora*, *[i]stérco*, *[i]stalação*, *[i]strada*, *[i]stribo*, *[i]spiritu*, *[i]spuma*, *[i]squadrão*, *[i]zistir*, *[i]zato*, *[i]zecutar*, *[i]mbaraço*, *[i]mpregar*, *[i]ncruado*, *[i]ncubação*, *[i]ncosto*”. Voltamos a mencionar a categorização de algumas regras existentes com relação ao comportamento das vogais pretônicas, a elevação do /e/ pretônico diante das fricativas surda ou sonora, alveolares e da consoante nasal, principalmente em início de vocábulo. Comportamento oposto ao item anterior, tem o e diante de uma consoante velar [h] ou de uma lateral [l], ou de outras, onde a mesma tende a ser pronunciada como vogal média baixa [E], *[E]rrar*, *h[E]rdeiro*, *H[E]rmes*, *[E]lvira*, *p[E]rfume*, *[E]vasão*, *p[E]cado*, *s[E]tembro*.
- O o inicial e/ou seguido de [l] ou [h] na posição de coda silábica, tem sua pronúncia como vogal média baixa: *[O]fício*, *[O]brigaçãO*, *[O]rdenar*, *s[O]ldado*. Se vier precedido de uma tepe pode alternar a pronúncia entre média alta e alta: *[o]relha*, *[u]relha*. Quanto ao contexto anterior quando o o vier precedido da bilabial [m] também alterna-se como [O], [o] ou [u]: *m[O]rgado*, *m[o]rrer* e *m[u]ldura*.
- Com relação aos verbos, o autor observou as seguintes variações: nos infinitivos dos verbos da segunda conjugação, o o é pronunciado como [o], *c[o]mer*, *m[o]rrer*, *m[o]ver* e nos verbos da terceira conjugação é pronunciado como [u], *d[u]rmir*, *s[u]rrir*, *b[u]lir*.

- O o eleva-se e nasaliza-se em palavras que tenham como consoante precedente uma velar e de como posterior uma labiodental ou alveolar, *g[~u]verno*, *c[~u]zinhar*.

Apesar de Marroquim não se pautar em metodologia científica e de trazer interpretações impressionistas para os fenômenos, seu trabalho tem um valor notável por registrar os fatos linguísticos por ele observado.

1.1.3. Matoso Câmara (1940)

A primeira descrição com base científica sobre a fonética e a fonologia, do sistema vocálico do Português Brasileiro é, sem dúvidas, a do estudioso Matoso Câmara. Em seus estudos, o autor traça um paralelo entre o Português Brasileiro e o Lusitano e mostra que é devido aos diversos timbres vocálicos que tais diferenças são processadas.

A observação demonstrada das vogais, em “*Estrutura da Língua Portuguesa*”, é feita com base no dialeto carioca. A posição tônica é que nos dá, segundo o autor, nitidez para observarmos a posição das sete vogais. Enquanto as posições átonas favorecem à neutralização.

A classificação das vogais tem assentado na posição tônica, são sete vogais que em posição átonas passam a cinco. É na posição átona que se define a diferença entre o Português do Brasil e da Europa.

FIGURA 2 - Quadro demonstrativo das vogais tônicas do PB

Altas	/u/		/i/
Médio-altas	/o/		/e/
Médio-baixas	/O/		/E/
Baixa		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

Segundo o autor: “a posição pretônica, apenas neutraliza, ou suprime a oposição de dois graus nas vogais médias”, (1994, p. 22). A seguir temos o quadro das vogais átonas pretônicas do Português Brasileiro em posição pretônica, que, de acordo com Câmara, reduzem-se a um número menor diante de consoante nasal na sílaba seguinte.

FIGURA 3 - Quadro demonstrativo das vogais átonas pretônicas do PB diante de uma consoante nasal na sílaba seguinte.

Altas	/u/		/i/
Médio-altas	/o/		/e/
Baixa		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

Observando, ainda, a descrição do autor: “As posições átonas favorecem o que na teoria fonêmica se chama de “neutralização”. Certas oposições que, em posição tônica, tem valor distintivo, se suprimem ou desaparecem.” Tais ocorrências dão-se com a alternância entre /e/ e /i/ ou de /o/ para /u/. Que, no caso de alguns homônimos, a diferença só é vista praticamente na escrita, pois as pronúncias dos vocábulos são únicas, *cumprido – comprido* [kuN'pridu].

Por fim, ainda no que diz respeito à distinção entre /e/ e /i/ e /o/ e /u/ na posição pretônica,

não há necessariamente o processo de neutralização, o que ocorre é uma tendência a harmonizar a altura da pretônica, uma vez que, de acordo com o registro informal ou formal do falante, o mesmo pode se realizar de uma ou de outra forma.

1.1.4. Marroquim x Nascentes - Descrição Comparativa

Podemos, através de um quadro comparativo, verificar as diferenças entre o dialeto do sul e do Nordeste a partir dos parâmetros utilizados em nossa pesquisa, vale ressaltar que, devido à falta de dados nos estudos de Câmara Jr., esses dados não foram aqui ressaltados o que não invalida o interesse primordial deste confronto.

TABELA 1 - Variáveis observadas nos estudos preliminares sobre o comportamento das vogais médias pretônicas no Português do Brasil sem o arcabouço da Sociolinguística Quantitativa.

Fatores	Nascentes Sul / Sudeste	Marroquim Nordeste
Realização	As vogais médias pretônicas tendem a elevar-se ou serem pronunciadas com o som fechado, <i>p[i]rigo, p[u]lítica.</i>	O /e/ e /o/ pretônicos, dependendo do contexto, podem ser pronunciados como vogais altas [i] e [u], <i>p[i]dir, m[u]ldura</i> , ora como vogais baixas [E] e [O], <i>[O]ficio, [E]lvira</i> , e ainda como média fechadas [o] e [e] <i>c[o]mer, ord[e]nar.</i>
Contexto anterior	As consoantes bilabiais e labiodentais influenciam a elevação dos vocábulos, <i>p[i]rigo, m[i]nino, f[i]liz.</i>	As consoantes bilabiais, as fricativas e as labiodentais contribuem tanto para o abaixamento como para a elevação de ambas as médias pretônicas, <i>p[E]rfume, s[O]ldado, b[O]dinho, s[E]tembro, s[u]rrir, d[u]rmir, m[i]lhor, s[i]nhor.</i>
Contexto posterior	As consoantes fricativas influenciam na elevação dos vocábulos, <i>pr[i]sunto, s[u]cidade.</i>	Da mesma forma, as consoantes anteriormente citadas juntamente com as glotais e com a laterais, são responsáveis, em posição seguinte, pela elevação e pelo abaixamento de /e/ e de /o/, <i>p[i]queno, t[i]sora, m[i]lhor, d[u]rmir, b[u]lir.</i>

Contiguidade	As sílabas adjacentes as sílabas tônicas, distância 1, fomentam a elevação dos vocábulos, <i>m[i]nino, p[i]rigo</i> .	As sílabas adjacentes, distância 1, apresentam-se tanto favorecedoras para o alteamento como para o abaixamento das pretônicas, <i>p[i]dir, [O]rdenar, m[u]ldura, p[E]rfume</i> .
Extensão	Os vocábulos trissílabos e os polissílabos tendem a elevar-se com mais frequência, <i>c[u]légio, c[i]rimônia</i> .	Os vocábulos trissílabos apresentam maior índice, tanto de elevação como de abaixamento, <i>(p[E]rfume, s[O]ldado, m[u]ldura, t[i]sora</i> .
Nasalidade	As vogais médias em início de vocábulos acompanhadas de consoantes nasais tendem a elevar-se, <i>[i]mbeber, [i]ncantu</i> .	Os vocábulos que apresentam maiores casos de elevação são os dos vocábulos iniciados com a vogal /e/ diante de uma consoante nasal. Neste caso aos índices são categóricos para a elevação, <i>[i]mbarço, [i]ncruado</i> .
Tônica	As vogais altas /i/ e /u/ em posição tônica influenciam no comportamento das vogais médias pretônicas, <i>ff[i]liz, p[i]rigo</i> .	As vogais altas /i/ e /u/ influenciam tanto a elevação como o abaixamento das vogais médias pretônicas, <i>p[i]dir, m[u]ldura, [E]lvira</i> .
Pretônica seguinte	As vogais médias que antecedem as pretônicas, no caso da pretônica seguinte, é um contexto favorecedor para a elevação, <i>[e]minente, s[u]cidade</i> .	Os dados existentes não são suficientes para se fazer uma análise deste fator.
Tipo de sílaba	As sílabas fechadas apresentam melhor ambiente favorecedor para a ocorrência da elevação, <i>m[i]nino, c[u]légio</i> .	Tanto as abertas como as travadas apresentam índices para a ocorrência da elevação e do abaixamento das médias pretônicas.
Posição da vogal	As vogais iniciais apresentam índices categóricos para a elevação, se vier precedidas da fricativa /s/ e da nasal /n/, <i>[i]ncanto, [i]scada</i> .	As vogais em posição de núcleo da sílaba apresentam maiores índices para a elevação e para o abaixamento das pretônicas.
Classe gramatical	Os nomes (adjetivos e substantivos) apresentam um número maior de vocábulo que alçam as médias pretônicas.	Os substantivos e os verbos são citados em maior frequência para a elevação e para o abaixamento da média pretônicas.

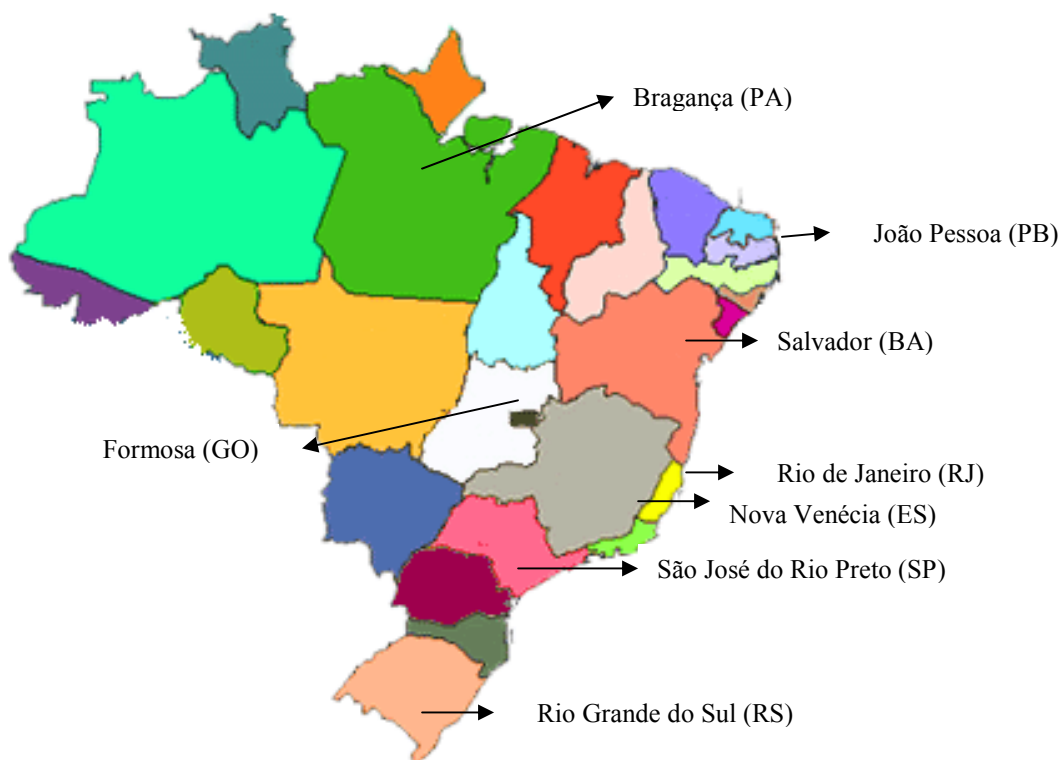
1.2. ESTUDOS VARIACIONISTAS

Com o advento da sociolinguística e da teoria variacionista, vários estudos foram realizados com o propósito de descrever a realidade linguística várias regiões e

comunidades existentes.

No Brasil, estudos dessa natureza fora e são realizados em diversas regiões do país, com diversos fenômenos da linguagem, a fim de mostrar o estágio atual da nossa língua. Seleccionamos oito destes trabalhos a fim de compreendermos a realização variável do fenômeno, para fazermos, paralelamente aos dados e resultados obtidos nesta pesquisa, um quadro comparativo. Na região Sudeste, mencionamos o trabalho de Silveira (2008), Yaconvenco (1993) e Célia (2004), no Sul, Bisol (1981), no Nordeste, Pereira (1997) e Silva (1989), na região Centro-oeste, Graebin (2008) e na região Norte, Freitas (2001).

FIGURA 4 : Descrição dos trabalhos analisados de acordo com a Sociolinguística Laboviana por cidade e estados onde foram realizados os estudos



1.2.1. Leda Bisol (1981)

Uma das pioneiras nos estudos variacionistas do comportamento das vogais pretônicas no Brasil, Leda Bisol fez um estudo intitulado “Harmonização Vocálica: Uma Regra Variável”. Nele, a autora estuda a fala de 44 informantes, dos quais 22 do sexo feminino e 22 do masculino. Os informantes foram catalogados também de acordo com a sua origem cultural, 8 metropolitanos, 8 da zona italiana, 8 da zona alemã, 8 fronteiriços e 12 residentes da capital e falantes da norma culta. O *corpora* foi composto por dois tipos de amostras, a primeira, principal, gravada com as zonas culturais, a segunda, suplementar, feita com a fala culta de 12 informantes retirados do projeto NURC – RS. Foi coletado um total de 8.107 contextos para /e/ e de 7.389 para /o/. Os dados foram submetidos ao tratamento estatísticos e foram quantificados através dos programas computacionais SWANINC 5 e 6 e VARBRUL.

No que diz respeito aos fatores verificados, constatou-se que a nasalidade é a grande favorecedora do alteamento da vogal média anterior /e/, *ac[i]ndido*, e não da posterior /o/, *c[o]ntido*. Quanto à tonicidade, as vogais altas homorgânicas favorecem em maior escala a elevação das médias pretônicas. Desta forma temos [i] para a elevação de /e/, *m[i]nino*, e a [u] para a elevação de /o/, *c[u]ruja*, em sentido contrário, apenas a não homorgânica [i] favorece a elevação de /o/, *c[u]rtina*, o que não ocorre com a não homorgânica [u] para /e/, *p[e]ludo*.

Conforme Bisol:

Desse resultado se infere que não se pode atribuir indiscriminadamente o papel de condicionador da regra da harmonização vocálica à vogal alta, pois tudo indica que o assimilador por excelência da regra de /e/ e a vogal /i/, enquanto na regra de /o/, ambas as vogais desempenham este papel. (1981, p. 61)

Os resultados mostram que a vogal alta em posição pretônica é um fator favorecedor para a elevação das médias pretônicas seguintes (*p[i]rdigão, pr[u]cisão, ff[i]licidade, p[u]pulação*). Quanto à vogal contígua, apenas a alta anterior desencadeia a elevação da média anterior, processo de homorganicidade (*pr[i]cisão*), enquanto para a vogal média posterior, as altas, tanto posterior como anterior, desencadeiam o processo de elevação (*v[i]ludo, m[i]dicina*). Quando colocadas lado a lado, contiguidade e tonicidade, verificamos que favorecem a elevação das médias pretônicas a tônica alta imediata (*m[i]ntira, c[u]ruja*), a pretônica e tônica altas, (*m[i]dicina, c[u]rrupio*) e as pretônica alta e tônica não alta (*m[i]ndigar, pr[u]cissão*). As distâncias 2 e 3 são as mais propícias para a elevação das médias pretônicas.

As palavras que têm relações paradigmáticas (cognatos) diretas apresentam um índice maior de elevação dos que as que não apresentam esta relação, *v[i]stir → v[i]stuário, c[u]stura → c[u]stureira, g[o]rdo → g[u]rdura, ff[e]rro → ff[i]rrugem*. No que cerne ao quesito da atonicidade, as vogais átonas permanentes, *m[i]nino → m[i]nince, ff[u]rmiga → ff[u]rmigueiro*, tendem a alçar em maior frequência que as átonas casuais, (*ff[e]rro → ff[i]rrugem, s[o]lo → s[u]lista*).

Quando analisados os vocábulos que possuem ou não sufixos, percebe-se que, na fala culta, as palavras que não contém sufixos favorecem mais a aplicação da regra, *m[i]nino, c[u]ruja*, com índices maiores, os vocábulos que possuem sufixos verbais, *p[i]dia, p[u]diria*, também tendem a alçarem com mais frequência, enquanto os vocábulos com sufixos nominais influenciam apenas a elevação de /o/, *fr[i]guisia, ff[u]rmusura*.

No tocante ao contexto precedente, as consoantes velares apresentam índices favorecedores para ambas as pretônicas e para todo o *corpora*, *qu[i]brar*, *qu[i]rido*, *c[u]nhaque*, *c[u]muna*, e a labiais que apresentam-se como favorecedoras apenas para a média posterior /o/, *b[u]neca*, *p[u]lítica*. Para os metropolitanos, em relação à vogal média posterior, a alveolar e a labial apresentaram índices favoráveis para a elevação, *n[i]gocio*, *t[i]mido*, *p[i]queno*, *ff[i]rida*. Quanto ao contexto seguinte, os resultados são díspares do contexto anterior, as consoantes velares favorecem o alteamento de /e/, em todas as etnias, *p[i]queno*, *s[i]gunda*, também para /e/, as consoantes palatais indicam um favorecimento para elevação, *m[i]lhor*, *col[i]gial*. Para a vogal posterior /o/, a palatal e a labial tendem a contribuir para a elevação da mesma, *s[u]nhar*, *p[u]dia*, *t[u]mate*, *pr[u]fissão*.

Para as variáveis extralinguísticas, os metropolitanos foram os que apresentaram maiores índices favorecedores para a elevação, seguido dos italianos que mostram índices também favorecedores para o alteamento. A variável sexo mostrou-se como fator não uniforme para a definição de uma regra, uma vez que os dados obtidos demonstram que os índices, tanto para /e/ quanto para /o/, não configuram para uma análise mais detalhada. Outra variável, idade, apontou que os falantes mais velhos tendem a alçarem com mais frequência (46 anos ou mais) do que os novos (25 a 45anos).

Por fim, para Bisol: “*a harmonização vocálica é, em sua essência, uma regra de condicionamento fonológico. Uma vogal alta que pertence ao corpo do vocábulo é o condicionador principal, mas não exclusivo.*” (p.123)

1.2.2. Lílían Coutinho Yacovenco (1993)

O trabalho de Yacovenco, denominado “As vogais Médias Pretônicas no Falar Culto Carioca”, foi realizado sob o modelo sociolinguístico laboviano. A autora analisou a fala de dezoito inquiridos de falantes do corpus do NURC – Rio de Janeiro, estruturados de acordo com o sexo/gênero, faixa etária, e zona de residência. As entrevistas foram gravadas no formato DID (diálogo entre informante e documentador). Cada entrevista foi composta de um tempo de 45 minutos. A pesquisadora dividiu a cidade do Rio de Janeiro em três áreas para coletar os dados, zona norte, sul e suburbana. Outros fatores linguísticos e extralinguísticos foram levados em consideração.

Com relação ao sexo/gênero, podemos constatar que os homens preferem a realização alta, ainda que com um pequeno percentual, 34,5% de realizações altas para homens contra 31,3% das mulheres. A variante dominante, no caso em questão, é a manutenção, o que leva a crer, de acordo com a autora, *ser esta a norma-padrão da comunidade linguística estudada, a dos cariocas cultos (1993, p.64)*. Com relação à faixa etária, os jovens apresentaram índices percentuais maiores quanto à manutenção (69%), e a faixa idosa favoreceu o alteamento e o abaixamento (37% e 4,2%). E, completando o quadro dos fatores extralinguísticos, os falantes da zona norte carioca mostraram-se mais favoráveis à regra de manutenção quando colocado frente a outras variáveis.

Para a autora, a manutenção se mostrou constante com índices percentuais e relativos altos, o que nos leva a afirmar que o falar carioca culto selecionou a variável média fechada [e,o] como a norma-padrão da comunidade. Quanto aos fatores linguísticos, observou-se o tipo de pretônicas, oral, nasal, anterior e posterior, estão relacionados diretamente a outros diversos fatores estruturais que podem exercer alguma influência sobre as mesmas. Yacovenco afirma que as vogais tônicas médias e baixas favorecem diretamente a regra de manutenção, enquanto as altas inibem tal aplicação.

Os contextos fonológicos precedentes e antecedentes influenciam, também, o comportamento das vogais pretônicas. A vogal anterior oral precedida por consoantes palatais, vibrantes ou vogais, tende a manter o timbre fechado. Quando a vogal pretônica é precedida por consoantes velares, por blocos consonantais ou em posição inicial, não há favorecimento quanto à manutenção das pretônicas. Os fonemas consonantais palatais ou vibrantes que seguem a anterior oral favorecem a sua realização fechada, já as velares e as alveolares a inibem. No processo derivacional (palavras cognatas), os vocábulos que contém segmentos átonos e vocábulos cuja tônica é alta são sucessíveis a inibir a regra de manutenção. Verificou-se, também, que a harmonização vocálica atua com mais frequência sobre a realização da vogal anterior oral /i/ que atua com inibição à regra de manutenção sobre /o/. As demais vogais tônicas (baixas, médias e alta posterior) favorecem a manutenção.

Os contextos precedentes ou posteriores são, segundo autora, os mais atuantes quanto ao comportamento e manutenção das regras das pretônicas. Assim, os blocos consonantais, as vibrantes e os segmentos vocálicos que vêm antes da vogal posterior oral /o/, juntamente com a ausência de segmentos à esquerda dessa vogal são favorecedoras da regra de manutenção. As consoantes labiais e velares que vêm antes da vogal pretônica tendem a inibir a regra de manutenção, favorecendo, neste caso, o abaixamento ou elevação das pretônicas. Contribuem, ainda, para a manutenção da regra, os sufixos não-verbais, enquanto os verbais inibem a regra de manutenção.

Finalizando, para a estudiosa:

A vogal anterior oral tem sua realização intimamente ligada ao tipo de vogal tônica que a sucede ou, ainda, a vogais tônicas de formas subjacentes... Por outro lado, a realização das médias posterior oral anterior e posterior nasal não se liga tanto às vogais que atuam sobre esses segmentos, mas sim ao contexto fonético em que se encontram

as pretônicas, sendo importantes, então, os segmentos antecedentes ou subsequentes as vogais analisadas. (1993, p.176, 177).

1.2.3. Regina Celi Mendes Pereira (1997)

Pereira elaborou um estudo sobre as “As Vogais Médias Pretônicas na Fala do Pessoense Urbano” em sílaba inicial de vocábulos, na estrutura silábica CV e CVC. A pesquisa de Pereira analisou a fala de 60 informantes selecionados de acordo com o sexo, faixa etária e escolaridade. Foram coletadas 54 horas de gravação dos informantes que falaram livremente sobre diversos temas. Os dados foram codificados e rodados no programa computacional VARBRUL seguindo a metodologia laboviana.

No que concerne aos fatores linguísticos, quanto à vogal seguinte à pretônica, percebemos que ocorre o processo de harmonização vocálica, uma vez que este tipo de vogal está diretamente ligado ao comportamento das vogais em sílabas pretônicas. Mostraram-se favoráveis numa relação homorgânica o [i] que favoreceu a elevação de /e/, *r[i]vista*, o [E] para o abaixamento de /e/, *v[E]getais*, para a manutenção de /e/, a média fechada [e], *c[e]rveja*. As vogais nasais [~i] e [~u] favoreceram a elevação de /e/, *m[i]nina*, *s[i]gundo*, para a nasal [~i] o peso relativo apresentado foi categórico (.97). As outras vogais nasais [ã, ~e, õ] favoreceram o abaixamento de /e/, *v[E]rgonha*. As vogais posteriores alta [u] e a média-baixa [O] favoreceram o abaixamento de /e/, assim como a vogal baixa [a], *v[E]locidade*, *v[E]rdade*. Quando observadas as vogais posteriores que influenciam o comportamento da pretônica /o/, vê-se que a maneira como o contexto vocálico posterior apresenta os mesmos condicionamentos, com exceção da alta nasal [~u] que em contexto seguinte a /e/ contribuiu para o alteamento, *s[i]gundo*, enquanto o /o/ favorece o abaixamento, *pr[O]fundo*. Quando verificadas as vogais médias antes de vogais altas,

tanto orais, quanto nasais, chegamos à conclusão que as altas [i] e [~i] favorecem diretamente a elevação de ambas as pretônicas (*r[i]vista, m[i]nina, p[u]licial, c[u]zinha*).

Os segmentos consonantais em posição anterior que se mostraram mais influentes no comportamento das vogais pretônicas não se mostraram unânimes em suas ocorrências. As consoantes labiais favoreceram tanto a elevação de /e/ quanto de /o/, *b[i]bida, m[u]leque*, as alveolares contribuem para a elevação de /e/ e para o abaixamento de /o/, *d[i]vagar, n[O]vecentos*. A velar apresentou um índice alto para a elevação de /e/, *qu[i]ria*, porém não se mostrou favorecedora em nenhum aspecto para /o/. Semelhantemente, a vibrante posterior mostrou-se favorecedora para o abaixamento de /e/, *r[E]gião*, e as palatais contribuíram para a manutenção de /e/ e para o abaixamento de /o/, *ch[e]gar, j[O]gava*.

Quanto ao contexto consonantal posterior, a consoante velar mostrou-se favorecedora para elevação de ambas as médias pretônicas (*s[i]gure, b[u]cado*). A sibilante mostrou-se favorecedora para a elevação de /e/ (*d[i]sastre*) e para o abaixamento de /o/ (*s[O]cial*). A vibrante posterior contribui para a manutenção da vogal média posterior /o/ (*m[O]rdida*) e para o abaixamento da anterior média /e/ (*p[E]rgunta*) e a palatal favorece o alteamento de /e/ (*b[i]xiga*) e a manutenção de /o/ (*g[o]staria*).

A posição contígua da vogal com relação à sílaba tônica mostrou-se favorável à elevação da pretônica, assim como a não contígua contribui para a manutenção. Com relação à classe gramatical, o estudo mostrou que os nomes estão mais sujeitos ao processo de elevação, enquanto os verbos apresentaram resultados mais propícios ao abaixamento. Observada a atonicidade das vogais pretônicas, constatou-se que os vocábulos que possuem pretônicas sempre átonas durante o processo derivacional apresentam índices maiores para a elevação.

Para variáveis sociais, o fator sexo mostrou que as mulheres tendem a elevar mais a pronúncia da vogal pretônica, tanto para /o/ quanto para /e/. A faixa etária demonstrou que *os falantes com faixa etária média são que mais fecham as vogais*, no entanto, *quando atingem uma idade mais avançada apresentam uma queda na elevação* (1997, p.115). E, quanto à escolaridade, os graduados/graduandos apresentam maiores índices para as variáveis mais fechadas (manutenção). Contudo, os falantes com menos escolaridade apresentam-se mais propícios à elevação.

1.2.4. Myrian Barbosa da Silva (1998)

O estudo de Silva, 1998, intitulado “As Pretônicas no Falar Baiano”, analisou a fala de 24 informantes do Projeto da Norma Culta de Salvador (NURC-SSA) distribuídos da seguinte forma: 12 do sexo/gênero masculino e 12 do feminino e divididos em três faixas etária distintas: F1, composta por falantes de 25 a 35 anos; F2, formada por informantes de 36 a 55 anos e F3, que reúne informantes com mais de 55 anos. O tipo de elocução selecionado foi o DID (entrevistas com um documentador). O *corpus* constitui entrevistas de 20 minutos para cada informante, totalizando um somatório final de 8 horas de gravação. Também, foi levado em consideração a classe social do falante. A pesquisadora utilizou para composição dos *corpora* dados do Atlas prévio dos falares baianos e outros dados da pesquisa de Jacyra Mota (1979) em Ribeirópolis / SE.

Com relação aos fatores linguísticos, podemos observar que a posição da vogal tônica contígua (contexto vocálico) se mostrou como um fator relevante para a observação do comportamento das pretônicas. Em palavras que contêm a vogal pretônica contígua na distância 1da tônica, *c[o]légio*, *r[e]vista*, foram obtidos os seguintes resultados, para a

elevação da pretônica posterior /o/, apresentaram-se favorecedoras as tônicas orais [u] e [i] e as tônicas nasais [~u] e [~i]; para a elevação de /o/ foram favorecedoras as tônicas orais fechadas [u] e [i] as médias fechadas [o] e [e] e as nasais fechadas [~u], [~i] e as nasais médias [õ] e [~e]; para o abaixamento de /o/ foram favorecedoras as tônicas orais abertas [O] e [E], a baixa [a] as nasais médias [õ] e [~e] e a baixa nasal [ã]. Quanto às vogais pretônicas anteriores apresentaram-se favorecedoras para [i], as vogais tônicas altas [u] e [i], as médias abertas [O] e [E], as nasais altas [~i] e [~u] e as nasais médias [õ] e [~e]; para a realização de [e] foram favorecedoras as tônicas altas orais [i] e [u]; e as médias fechadas [o] e [e]. Para a realização de [E] foram favorecedoras as tônicas médias fechadas [o] e [e], a média baixa [a], as nasais médias [õ] e [~e] e a nasal baixa [ã].

Quanto às pretônicas seguintes, podemos observar que as pretônicas altas posteriores [u] e [i] favoreceram a realização homorgânica das vogais posteriores pré-pretônicas [u] e [o], e das anteriores [i] e [e]. As vogais pretônicas médio-altas [o] e [e] favoreceram a realização das pré-pretônicas /o/ e /e/. As pretônicas médio-baixas [O] e [E] favorecem as pré-pretônicas [O] e [E], enquanto a pretônica baixa [a] favorece apenas a pré-pretônica /e/. As vogais pretônicas nasais altas [~u] e [~i] favoreceram as pré-pretônicas [O] e [i], enquanto as pretônicas médias nasais [õ] e [~e] e a baixa nasal [ã] apenas a pré-pretônica [E].

1.2.5. Simone Negrão de Freitas (2001)

O estudo de Freitas, “As Vogais Médias Pretônicas no Falar da Cidade de Bragança / PA”, também foi realizado nos moldes da teoria laboviana. A autora analisou a fala de 32 informantes estratificados e distribuídos por sexo, faixa etária, escolaridade e renda. As

gravações duraram entre 25 a 30 minutos e foram coletas de forma livre, como orienta Tarallo (1997).

Analisando o contexto vocálico para aplicação da regra, a pesquisa de Freitas mostrou que a vogal tônica contígua contém uma relação direta no comportamento das vogais pretônicas. Desta forma, contribuíram para a manutenção de /o/ as contíguas tônicas [e] e [o], para o abaixamento de /o/, as vogais baixas,² ditongos nasais³ e as nasais não altas⁴. Para a elevação da mesma, contribuíram a tônica anterior oral [i] e a nasal [i~]. Para a manutenção de /e/, contribuíram a tônica média fechada anterior [e], a média fechada posterior [o] e os ditongos orais⁵. Para o abaixamento da pretônica anterior, mostraram-se favorecedoras as vogais baixas orais e as nasais não altas. E, para a elevação da anterior /e/ contribuíram as altas posterior e anterior orais e nasais.

No que tange à vogal átona contígua, os resultados são os seguintes: para a posterior /o/, favoreceram a manutenção a átona médio-baixa oral [o], para o abaixamento, as vogais baixas e os ditongos nasais, e para a elevação a alta posterior oral [u]. Para a anterior /e/, as altas anterior e posterior orais, as médio-altas anterior e posterior orais e os ditongos orais⁶ favoreceram a manutenção da pretônica. A alta posterior, as vogais baixas e os ditongos nasais contribuíram para o abaixamento de /e/, e a nasal alta anterior contribuem para a elevação da pretônica anterior /i/.

Com relação à vogal tônica não-contígua, a alta [u] favorece o abaixamento da pretônica posterior /o/ enquanto os ditongos nasais favorecem a manutenção. Quanto à vogal

² São [a], [E] e [O]

³ A autora utilizou os seguintes ditongos nasais: [ãy, ãw, ~ey, ~iw, õy, õw, ~uy].

⁴ Foram utilizadas as seguintes vogais nasais: [ã], [õ] e [~e]

⁵ Os ditongos orais utilizados pela autora são: [ay, aw, Ey, ey, iw, Ou, ou, Ow, ow, uy].

⁶ Os seguimentos vocálicos utilizados para verificar o comportamento das pretônicas foram os mesmos tanto para o contexto anterior, quanto para o posterior.

pretônica anterior os índices mais significantes apontam para o abaixamento de /e/, onde se mostraram favoráveis à alta posterior [u], a posterior médio-baixa [o], as vogais baixas orais, as nasais não-altas e os ditongos nasais.

No que cerne o contexto consonantal anterior, as consoantes posteriores favoreceram a manutenção de /o/ e o abaixamento de /e/, as labiais favoreceram apenas a elevação de /o/, as alveolodentais contribuíram para o abaixamento de /o/, as palatais também contribuíram para o abaixamento de /o/ e para a elevação de /e/, as velares favoreceram a elevação de /o/, e as posteriores contribuíram para a manutenção de /o/ e para o abaixamento /e/.

Quanto à consoante seguinte, favoreceram o abaixamento da vogal pretônica posterior /o/ as alveolodentais, as velares e as posteriores. Para a elevação de /o/ apenas a sibilante mostrou-se favorável. Para a pretônica anterior /e/, as posteriores mostraram-se favoráveis ao abaixamento e as velares para a elevação.

No tocante às variantes extralinguísticas, o fator escolaridade e o tipo de atividade não se mostraram relevantes para a aplicação da regra.

No dialeto de Bragança, as variantes médias destacam-se predominantemente sobre as baixas e as altas que se apresentam, segundo a autora, com menos frequência (2001, p. 109).

1.2.6. Gianni Fontis Celia (2004)

Celia realizou um estudo intitulado “As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES”, com nove informantes do sexo feminino com o terceiro grau completo e

divididos em três faixas etárias distintas, de 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 55 anos. A pesquisa foi realizada dentro dos moldes da sociolinguística quantitativa e os dados foram submetidos a um tratamento estatístico no programa GOLDVARB 2001. A autora utilizou como critérios de observação, realização, faixa etária, nasalidade, distância da sílaba tônica, tipo de vogal tônica, vogal pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte e tipo de sílaba. Foram excluídas da pesquisa as vogais médias em início de vocábulos, por se tratarem de um processo distinto dos daqueles que aparecem no meio dos vocábulos, os vocábulos que iniciam com o prefixo *des-*, por se mostrar como regra categórica e as nasais, juntamente com as fricativas /s/, da análise do abaixamento.

Dentre os fatores que mais contribuíram para a elevação das médias pretônicas, a vogal tônica alta anterior da sílaba tônica (*al[i]gria*, *ch[u]via*) favorece a elevação tanto do /e/ como a do /o/. A vogal baixa tônica foi a que menos contribuiu, neste contexto, para a elevação. Quanto à distância da sílaba pretônica em relação à sílaba tônica, a distância 1 (distância entre a vogal pretônica e a tônica) *s[i]gundo*, sílaba anexa à tônica, favorece a elevação de /o/, mas não de /e/, mesmo assim, por falta de padronização, a variável foi deixada de lado. No que tange à pretônica seguinte, a vogal alta anterior mostrou-se favorecedora da elevação para /e/, *p[i]r[i]goso*, e a alta posterior para /o/, *P[u]rt[u]gal*. No que se refere à atonicidade, a vogal permanente, *c[u]lega* > *c[u]leguismo*, *ff[i]liz* > *ff[i]licidade*, contribui tanto para /e/ como para o /o/, e as casuais variáveis contribuem apenas para /o/. As consoantes palatais e as velares, em contexto precedente, favorecem o alteamento do /o/, *j[o]rnal*, *c[u]bertor*, respectivamente, enquanto as bilabiais para o /e/, *m[e]lhor*, a ausência de consoantes, favorece altamente, a elevação de ambas, *mai[u]ria*, *Ca[i]tano*. Em contexto seguinte, as consoantes velares estimulam o alteamento de /e/,

al[i]gria, e as labiodentais o /o/, *n[u]vidade*. A ausência de consoante seguinte é fator favorecedor tanto para o /e/, como para o /o/, *campe[u]nato*, *te[u]ria*. A sílaba aberta é favorecedora unânime para a elevação das médias pretônicas, *c[u]mer*, *p[i]dir*. Quanto aos fatores extralinguísticos, a faixa etária dos informantes com mais de 54 anos é levemente favorecedora para a elevação das médias pretônicas.

O abaixamento do /e/ e do /o/ foram motivados, no que tange à relação da vogal pretônica com a sílaba tônica, pelas vogais médio-baixas, [O] e [E], da sílaba tônica, tanto para o /o/ quanto para o /e/, *d[E]serto*, *g[O]stoso*, sendo seguidas pela vogal baixa [a], *g[E]ral*, *m[O]rava*. A variável distância, tal qual outrora, foi deixada de lado por não ter sido considerada um fator relativo para o abaixamento. Quanto à pretônica seguinte, assim como a tônica, as vogais médio-baixas [E] e [O] e a baixa /a/ mostraram-se favorecedoras para o abaixamento das médias pretônicas, tanto para /e/ como para /o/, *per[E]reca*, *col[O]car*, *n[E]gativo*, *c[O]rajosa*. As consoantes labiodentais, em contexto anterior, foram favorecedoras do abaixamento de /e/, *dif[E]rença*, enquanto para o /o/ não houve nenhum índice favorecedor. No contexto posterior, as consoantes alveolares foram favorecedoras do abaixamento para ambas as médias pretônicas, *lat[E]ral*, *c[O]zinha*, e as labiodentais apenas para /o/, *n[O]vela*. A sílaba aberta apenas mostrou um índice de neutralidade para /e/, e não se mostrou favorecedora para /o/. A faixa etária que mais demonstrou-se propícia para o abaixamento foi a 2, que compreende os falantes que tem de 36 a 55 anos, seguida pelos mais jovens e sequencialmente pelos mais velhos.

Na pesquisa de Celia, assim com o em outras pesquisas, *a vogal tônica alta favorece a realização das variantes altas [i, u], no entanto, não é propriamente a tonicidade da vogal que determina qual variante será empregada, mas sim o tipo de vogal e sua contiguidade à*

variável dependente (2004, p. 81). Para a autora, o que favorece a elevação das vogais pretônicas é a vogal adjacente, tônica ou não.

1.2.7. Geruza de Souza Graebin (2008)

O estudo de Graebin foi realizado na cidade Formosa / GO. A autora utilizou a fala de 14 informantes da cidade, 7 do sexo feminino e 7, masculino. Foi utilizado também como critérios de composição do *corpus* o contato com Brasília, pois há indícios de que, devido à localização muito próxima da capital federal, um grande número de habitantes recorrem aos empregos e às atividades seculares da capital. A classe social do falante também foi investigada juntamente com o nível de escolaridade. Quanto à idade, apenas uma faixa etária foi selecionada, todos os entrevistados tinham entre 30 e 45 anos. De acordo com a autora, essa escolha se deu em virtude de ser esta “*a faixa etária dos habitantes economicamente ativos e conseqüentemente, facilitar a procura por informantes que se encaixassem no critério “trabalha em Brasília”.* (2008, p. 109)

As entrevistas foram feitas nos locais de trabalho ou nas casas dos entrevistados, contendo aproximadamente cerca de 25 minutos cada uma, além da leitura de um texto para verificar se haveria alguma diferença entre o *corpus* lido e o espontâneo. Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico no programa computacional GOLDVARB-X. Quanto aos fatores linguísticos, foram observados a zona de articulação da variável dependente (grupo de controle), vogal da sílaba seguinte, segmento precedente, segmento seguinte, acento secundário. Foram excluídos todos os dados que apresentavam pronúncia categórica, *m[i]nino*, *d[e]pois*, *b[u]nito*, *r[e]ais*, os que foram produzidos majoritariamente por uma variante, *s[u]taque*, *p[u]rque*, *s[e]mana*, os ditongos crescentes

em *-ie*, *pr[o]pr[ie]tários*, *-io* (*nac[io]nal*), os ditongos em *-ei*, *ac[ei]ta*, *f[ei]jão*, *ref[ei]ção*, *-oi*, *[oi]tenta*, *[oi]tavo*, e o item *ap[e]sar*, que se destacou por não apresentar variação nem no diálogo nem na leitura. Quanto aos vocábulos que são iniciados pelas sequências *e/N/-* e *e/S/-* foram mantidos, pois alguns itens foram pronunciados com a variante média fechada, enquanto outros variaram, *[en]cantado* ~ *[in]cantado*, *[es]quema* ~ *[is]quema*.

Quanto aos fatores linguísticos, no item vogal seguinte, a nasalidade se apresenta como fator mais favorecedor para o abaixamento. Para a pretônica /e/, a vogal nasal seguinte produzida no mesmo ponto de articulação /ẽ/, apresentou o PR. 0.852, *dif[E]rente*, *ind[E]pendente*, *cr[E]scendo*, para a pretônica /o/ se deu a mesma forma para a nasal /ã/, com PR. 0.799, *r[O]lando*, *g[O]stando*, *m[O]rando*. Em contexto oral, a vogal médio-aberta anterior contribuiu para o abaixamento de ambas as pretônicas, *d[E]testo*, *c[O]meça*, enquanto a média aberta posterior e a baixa /a/ favoreceram apenas a posterior /o/, *m[E]lhor*, *c[O]loca*, *af[O]gada*. Ainda com relação à vogal seguinte, a alta anterior mostrou-se como fator favorecedor para o alteamento tanto para o /e/ como o /o/ pretônicos, *m[i]nino*, e *m[u]tivo*. Já a vogal alta posterior apenas manteve o /o/, *pr[o]cura*, assim como as média anteriores alta [e] e a baixa [E], *g[o]verno*, *c[o]meça*, o /o/ favoreceu o abaixamento de /e/, *m[E]lhor*. Em contexto nasal, as vogais [~i] e [~e] favoreceram a elevação de /e/, *p[i]dindo*, *des[i]nvolve*, a alta nasal [~u] elevou ambas pretônicas, *n[i]nhum*, *pr[u]nunciar*.

Quanto ao segmento seguinte, o alteamento da pretônica /e/ é maior entre as consoantes com o traço [+alto], pós-alvulares, palatais e velares, os índices mais elevados pertencem aos contextos com travamento em /N/ e hiato, a manutenção se dá entre as consoantes bilabiais e labiodentais com traço [-alto], e o abaixamento quando seguido pela glotal /h/.

Para a vogal /o/, os índices mais altos se encontram entre a glotal /h/ e a coda em -R, que segundo a autora são os “*mesmos ambientes apontados para a pretônica anterior /e/*”, ou seja, as labiodentais, as pós-alveolares e as palatais, com coda em /S/ e hiato. “*A manutenção se dá em quase todos os segmentos seguintes, com destaque para as consoantes labiodentais e a coda em /N/*” (p. 173).

No que tange aos segmentos precedentes, o abaixamento de /e/ se deu quando pós-posta a consoantes pós-alveolar, velar /k/ e glotal /h/. Para a elevação, as consoantes velares e os itens sem segmentos precedentes foram os principais responsáveis para a manutenção de /e/, as consoantes palatais apresentaram maiores índices. Para /o/ as bilabiais e as velares se mostraram mais suscetíveis à elevação. A glotal e as palatais foram responsáveis pela manutenção, enquanto os outros segmentos pelo abaixamento.

O acento secundário também foi fator determinante nos índices apresentados. Teve mais ênfase no abaixamento da pretônica posterior /o/. A distância favoreceu a manutenção de /e/ e a elevação de /o/. A distância 2 contribuiu para o abaixamento e para a elevação de /e/ e apenas para o abaixamento de /o/. A distância 3 favoreceu, novamente, a elevação e o abaixamento de /e/, e o abaixamento e a manutenção de /o/. E, finalmente, os vocábulos com 4 ou mais sílabas antes da tônica tiveram resultados semelhantes ao da distância 2, contribuiu para o abaixamento e elevação de /e/ e apenas para o abaixamento de /o/. Sendo assim, “*o índice de elevação decresceu à medida que a vogal /o/ se distanciou da sílaba tônica*”. Para o /e/, *quando esteve a duas ou três posições silábicas da sílaba tônica, a elevação e o abaixamento foram favorecidos.* (p.188).

A variável extralinguística - classe econômica - verificou que a classe média apresentou índices favoráveis para o abaixamento das médias pretônicas, a classe alta para a

manutenção e classe baixa apenas para a manutenção da anterior /e/. Quanto ao tipo de discurso, o diálogo apresentou resultados favorecedores para o abaixamento de /e/ e para elevação das médias pretônicas, enquanto a leitura de textos apresentou resultados favorecedores apenas para a manutenção de ambas as pretônicas.

O nível educacional mostrou que as pessoas mais escolarizadas tendem a manter o /o/ fechado. Os que frequentaram a escolar até 11 anos favoreceram o abaixamento e elevação da média anterior e os com menos escolaridades também apresentaram resultados semelhantes aos da faixa 2 (até 11 anos).

Com outro fator, sexo, a pesquisa constatou que a fala feminina tende a abaixar e a elevar o /e/, enquanto a masculina a manter a pretônica médio-alta /o/. Por fim, o contato com Brasília apenas favoreceu a elevação de /e/.

1.2.8. Ana Amélia Menegasso da Silveira (2008)

A pesquisa realizada por Silveira abordou a fala do interior paulista. A pesquisa verificou a fala dos moradores da região de São José do Rio Preto, Noroeste Paulista. Os dados analisados fazem parte do IBORUNA, que é resultante do projeto “O português falado na região de São José do Rio Preto”. É formado por dois tipos de amostra, a censo e a de interação. A amostra censo é composta por 152 inquéritos de fala de informantes que fazem parte da região circunvizinha: Ipiguá, Onda Verde, Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu e Mirassol. Para a pesquisa foram utilizadas as falas de 16 informantes femininos, com nível superior, de faixas etárias distintas: 16 a 25 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos. Foi pré-requisito, a vivência nas cidades ou pelos menos ter chegado nela, ao menos com cinco

anos de idade. Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico com o auxílio do VARBRUL.

Com relação aos critérios linguísticos foram excluídos da análise os verbos, pois as vogais dos substantivos e adjetivos têm sons distintos das dos verbos. As vogais médias iniciais também foram excluídas, “*dado que seus princípios regentes não coincidem com os que elevam uma vogal média pretônica interna*”, assim como os hiatos e os prefixos (2008, p. 76). Na investigação da autora, na fala estudada, extrai-se que os dados corroboram para a manutenção das médias pretônicas /e/ e /o/, enquanto em outros trabalhos os índices apontam para o alçamento das vogais pretônicas.

No que tange aos fatores linguísticos, a vogal tônica alta anterior seguinte contribuiu para o alçamento tanto de /e/, como de /o/, *m[i]dida*, *c[u]municativa*, a alta posterior [u] e a médio-baixa [E] favorecem apenas a pretônica /o/, *c[u]stume*, *pr[u]jeto*, enquanto a médio-alta [e] favoreceu a elevação de /e/, *b[i]zerro*. Quanto à posição da sílaba tônica, os vocábulos cujas sílabas estavam mais próximas da tônica se mostraram favorecedoras da elevação de ambas as pretônicas, *p[i]rigo*, *b[u]nito*. Outro critério, vogal átona seguinte, constatou que as altas, tanto a posterior [u] como a anterior [i] favoreceram o alteamento de ambas, *c[i]mitério*, *c[u]mprimento*, *s[i]gurança*, *c[u]munidade*. As consoantes labiais em contexto precedente favorecem a elevação das médias pretônicas, *v[i]stido*, *p[u]ssível*, enquanto as velares influenciam apenas a média posterior /o/, *r/u/tina*. Em contexto seguinte, as consoantes palatal e labial favorecem a elevação de /o/, *c/u/lher*, *s/u/brinho*, a velar, o alteamento de /e/, *s[i]gurança*. O padrão silábico (CV) favorece o alteamento das médias pretônicas, *ars[i]nal*, *abs[u]luta*, e o (CVC) favorece apenas a média posterior /o/, *c[u]stura*.

Quanto à nasalidade, os vocábulos que têm o elemento nasal na mesma sílaba mostraram-se mais favorecedores à elevação de /e/ (*s[i]ntido*), e aqueles cujo elemento nasal está na sílaba adjacente favorecem a elevação de /o/ (*c[u]meço*). Os vocábulos sem elementos nasais, sejam em coda ou na sílaba posterior, apresentaram-se como favorecedores da média posterior /o/ (*b[u]tina*). Quanto à atonicidade da vogal pretônica, a vogal átona permanente é favorecedora de ambas as médias pretônicas (*agr[i]ssivo*, *agr[i]ssividade*, *c[u]stura*, *c[u]stureira*).

Segundo a autora:

“Os fatores tonicidade e contiguidade da vogal alta seguinte são igualmente importantes para explicar a elevação da pretônica como resultado da harmonia entre vogais, assim como os processos de harmonização e de redução, são, na mesma medida, importantes para tal afirmação” (2008, p. 115).

1.3. Descrição Comparativa

Abaixo, apresentamos os fatores e segmentos que mais contribuíram para a aplicação de cada uma das regras, as tabelas são organizadas por região e por autores.

TABELA 2 – Comparação dos fatores relevantes para a elevação das vogais médias pretônicas na região sudeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa ⁷

		Elevação							
		Sudeste							
		Celia Nova Venécia / ES		Silveira São José do Rio Preto / SP		Yacovenco Rio de Janeiro / RJ			
Variante (Realização)	i	U		i	u	i	u		
Contexto anterior	Palatal	Palatal		Labial	Labial	Velar	Velar e labial		
	Bilabial	Bilabial			Velar				
	Ausência	Velar							
Contexto posterior	Velar	Labiodental		Velar	Palatal	Velar	Labial		
	Ausência	Ausência			Labial				
Contiguidade	-	d1		D1	d1	-	-		
Extensão	-	-		-	-	-	-		
Nasalidade	Nasal	Oral		Nasal	Passível	-	-		
		-			Oral				
Tônica	i	i		I	i	-	-		
		u		u	u				
		-		e, o	E, O				
Pretônica seguinte	i	u		i	i	-	-		
		Não altas		u	u				
Atonicidade	Átona Permanente	Átona Permanente		Átona permanente	Átona permanente	Átona permanente	Átona permanente e casual média		
	Casual baixa	Casual variável							
		Casual média							
Tipo sílaba	Aberta	Aberta		CV	CV	-	-		
		-			CVC				
Posição vogal	Central	Central		-	-	-	-		
Classe gramatical				-	-	-	-		
Faixa etária	36-55	25-35		16 - 25	16 - 25	Idoso	Idoso		
	55 ou +	36-55		26 -35	36 - 55			média	média
		-		55 ou +	55 ou +				
Residência	-	-		-	-	Zona sul	Zona sul		

Pode-se notar que na região sudeste alguns fatores, em comum, contribuem diretamente para a elevação das médias pretônicas em lugares distintos. As consoantes com traços (+ posterior) contribuem com maior frequência para a elevação das pretônicas, quer seja

em contexto precedente como posterior, seguido das velares e palatais. A ausência de seguimento consonantal só apresentou-se favorável à elevação na fala dos venecianos.

Ao verificarmos a contiguidade da pretônica em relação à tônica percebemos que, tanto na região sul como nas demais, a distância 1 mostrou que, quanto mais próximo à vogal tônica, a vogal pretônica é influenciada pela mesma.

A nasalidade tem sido apontada como um fator relevante no comportamento das pretônicas, no caso em questão apresentou-se como favorável à elevação da vogal pretônica média anterior /e/, enquanto para a média pretônica posterior, as vogais orais favorecem com mais frequência.

A vogal alta [i] mostrou-se com favorecedora, quase que unânime, na elevação de ambas as médias pretônicas, tanto em situação tônica ou pretônica seguinte, já o [u] estabelece uma relação homorgânica. Quanto à atonicidade, a átona permanente apresentou-se favorável à elevação seguida das átonas casuais e as casuais médias. No que tange à estrutura silábica, as sílabas abertas, com estruturas sem codas, apresentam-se mais propícias à elevação, mas não podemos afirmar que se trata de um fator com grande relevância.

No que diz respeito aos contextos extralinguísticos, a faixa etária foi a que apresentou mais notoriedade, pois, pelo que podemos constatar, os jovens usam mais as variantes elevadas que as demais classes etárias. No entanto, os trabalhos mostram que os índices não são elevados, o que pode desencadear uma regra não categórica, até porque trabalhos mais recentes têm mostrado que algumas variáveis extralinguísticas não tem tido muita importância no estabelecimento de regras.

TABELA 3 – Comparação dos fatores relevantes para a elevação das vogais médias pretônicas nas regiões norte e nordeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa

		Elevação											
		Nordeste				Norte							
		Silva Salvador / BA		Pereira João Pessoa / PB		Freitas Bragança / PA							
Variante (Realização)		i		U		i		u		i		u	
Consoante anterior	Labial		Palatal		Labial		Labial		Palatais		Velar		
	Velar		Labial		Alveolar		-				Labial		
	Alveolar não-lateral		Velar		Velar								
Consoante posterior	Velar		Palatal		Labial		Velar		Velar		Sibilante		
	Palatal		Labial		Velar								
		Alveolar		Sibilante									
			Palatal										
Átona Contígua	-		-		-		-		~i		u		
Tônica	i		i		i		i		i		i		
			u		~i		~i		u		~i		
					~u				~i				
									~u				
Pretônica seguinte	i		i		-		-		-		-		-
			u		-		-						
Atonicidade	Casual média		Átona Permanente		-		-		Media e baixa		Alta		
	Casual variável		Casual. variável						Baixo		Átona permanente		
Faixa etária	+ velhos		+ velhos		-		-		Idoso		Idoso		

Observamos na tabela acima que as consoantes labiais e palatais, em contexto anterior, mostraram-se fortes favorecedoras para a elevação das médias pretônicas na região nordeste, especificamente a labial que favoreceu tanto a fala dos soteropolitanos, quanto dos pessoenses. As palatais favoreceram a elevação de /e/ em Bragança-PA, de igual modo as velares. Em contexto posterior o quadro não se diferencia muito, notamos apenas a inclusão das sibilantes no quadro. As alveolares, na realização da fala dos soteropolitanos, mostraram-se favorecedoras do alteamento da média posterior.

Com relação à vogal tônica, a vogal alta posterior [i] preencheu todos os requisitos e foi a grande favorecedora da elevação de ambas as vogais médias pretônicas. O [u] favoreceu o alteamento do /o/ em Salvador e o /e/ em Bragança. Postos tais dados,

compreende-se que a alta anterior estabelece uma relação homorgânica direta com a média posterior. As vogais altas nasais [~i, ~u] também desencadearam o alteamento das médias pretônicas no falar dos moradores de João Pessoa e Bragança. Em posição pretônica seguinte na fala dos soteropolitanos, a alta anterior também favorece a elevação da média anterior enquanto o [u] contribui apenas para a elevação do /o/, comprovando o que fora dito anteriormente sobre a relação de homorganicidade que as vogais anteriores estabelecem entre si.

As vogais casuais médias e as casuais variáveis revelaram-se favorecedoras da elevação das pretônicas, com destaque para a átona permanente que contribuiu para a elevação da pretônica posterior tanto no nordeste (Salvador), quanto no norte (Bragança).

Os fatores extralinguísticos não se mostraram como relevantes para a aplicação da regra, pois verificam-se que em ambas as cidades, com exceção de Salvador que apresentou a variável faixa etária com uma leve propensão, a não influência de tais fatores é perceptível como vimos na tabela 2. Diferentemente, a região sudeste, quando confrontados os dados, mostrou que as variáveis extralinguísticas apresentam uma relação direta com a fala, ainda que com índices não tão altos.

TABELA 4 – Comparação dos fatores relevantes para a elevação das vogais médias pretônicas nas regiões sul e centro oeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa

	Elevação							
	Sul			Centro Oeste				
	Bisol Rio Grande do Sul			Graebin ⁸ Formosa / Go				
Variante (Realização)	i		u		i		u	
Contexto anterior	Velar		Velar		Bilabial		Bilabial	
			Labial		Alveolar		labiodental	
					Velar Pos. inicial		Velar	
							Vogal	
Contexto posterior	Velar		Palatal		Alveolar		Bilabiais	
					Palatal		Labiodental	
					Velar		Alveolar	
	Palatal		Labial		Coda /s/		Palatal	
					Coda /n/		Velar	
					Hiato		Coda /s/	
							Coda /n/	
Vogal Pretônica	Vogal alta		Vogal alta		-		-	
Nasalidade	Nasal		Oral					
Tônica	i		i		i		i	
			u		O		u	
					~i		e	
					~u		E	
					~e		~u	
Pretônica seguinte	i		i		-		-	
			u		-		-	
Atonicidade	At. Perman. e variável		Átona Permanente		-		-	
			Cas. variável					
Distância	Distância 3		-		-		-	
Raça / Origem	Metropolitanos		Metropolitanos		-		-	
	Italianos		Italianos					
Corpus	Fala livre		Fala livre		Dialogo		Dialogo	
Faixa etária	+ velhos		+ velhos		-		-	
Sexo					Feminino			

⁸ A referida autora, em seu trabalho, fez uma demarcação mais detalhada dos contextos fonológicos consonantais posteriores e anteriores. Aqui fazemos menção da divisão utilizada nos outros trabalhos, no entanto, para uma melhor compreensão discorremos a seguir a classificação feita pela mesma: em contexto precedente, bilabiais [p, b, m], dentais alveolares [d, d̥, s, n], velar [k], em contexto precedente, labiodental [d], alveolares [s,z], velares [k,g].

Ao nos debruçarmos sobre os dados das regiões sul e centro-oeste, percebemos que certos segmentos consonantais que precedem ou antecedem as vogais médias pretônicas favorecem a elevação das mesmas, como é o caso das consoantes velares, labiais e palatais. Tais segmentos também se fazem presente nos demais trabalhos expostos aqui.

Um outro fator que apresenta uma relação de semelhança muito grande é a vogal tônica que desencadeia o processo de alteamento. Em todas as regiões estudadas e em todos os trabalhos constatamos que as vogais altas anterior e posterior, nasal ou oral, têm se mostrado favorecedoras deste processo. O que chama a nossa atenção é o fato de a alta anterior contribuir para a elevação de ambas as pretônicas, enquanto a alta posterior apresenta-se mais favorável à elevação da média posterior, o que nos leva a acreditar, assim como, Bisol, Celia, Yacovenco e demais pesquisadores, que há uma relação homorgânica entre as vogais posteriores. As vogais altas também exercem uma influência muito grande quando se trata da posição pretônica seguinte. A mesma relação de homorganicidade entre as vogais posteriores também é constatada em relação à pretônica seguinte.

Os aspectos extralinguísticos são o que de fato nos chamaram a atenção. Observa-se que, com relação a tais fatores, nem todos se mostraram favorecedores à regra de alteamento. Se na região sudeste estes aspectos se apresentaram relevantes, na região sul eles aparecem com menos intensidade e na região centro-oeste quase não tem significância. Ao compararmos os trabalhos, a nossa hipótese se confirma quando confrontamos os dados destas regiões. Nos trabalhos da região sul e sudeste, os fatores extralinguísticos se mostraram mais favorecedores, quando subimos em direção ao norte e nordeste estes aspectos perdem força.

TABELA 5 – Comparação dos fatores relevantes para o abaixamento das vogais médias pretônicas na região sudeste e centro oeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa

Variante (Realização)	Abaixamento									
	Sudeste				Centro - oeste					
	Celia Nova Venécia / ES		Yacovenço Rio de Janeiro / RJ		Graebin Formosa / GO					
	E	O	E	O	E	O				
Contexto anterior	Labiodental	-	Vibrante	Vibrante	Labiodental	-	-	-		
			Labial	Ausência					pos-alveolar	-
									Velar	-
									Glotal	-
Contexto posterior	Alveolar	Alveolar	Grupo consonantal	Palatal	Dentais	Bilabiais				
	Bilabial	Palatal	Vibrante	Grupo consonantal	Pós-alveolar	Dentais				
		Labiodental			Glotal	Glotal				
					Coda /R/	Coda /R/				
Tipo sílaba	Aberta	-	-	-	-	-				
Tônica	a	A	a	a	-	-				
	E / O	E / O	ditongo	E/O						
Pretônica seguinte	a	A	-	-	E	E				
	E / O	E / O	-	-	i	O				
					~e	a				
					õ	~e				
					ã	ã				
Atonicidade	Casual baixa	Casual baixa	Átona Permanente	Média	~e õ	a ~e				
			Palavra base	Palavra base						
Faixa etária	Intermediária	Intermediária	+ velho	+ velho	ã	ã				
Tipo de corpus	-	-	-	-	Dialogo DID	-				
Classe social	-	-	-	-	Média	Média				
Sexo	-	-	Masc.	Masc.	Feminino	-				
Residência	-	-	Subúrbio	Subúrbio	-	-				
Escolaridade	-	-	-	-	- escolar.	-				

Ao observarmos os aspectos que contribuem para o abaixamento das médias pretônicas nos trabalhos do quadro acima, constatamos que há uma irregularidade quanto aos fatores que favorecem o abaixamento em uma determinada região e não em outra. As consoantes labiodentais, em posição anterior, mostram-se favorecedoras do abaixamento de /e/ em duas cidades de regiões distintas (Nova Venécia e Formosa) que

também apresentaram outro fator em comum: o não preenchimento do contexto anterior como favorecedor do abaixamento da média posterior. Os segmentos consonantais mais posteriores, no geral, contribuem em maior escala para o abaixamento das pretônicas.

As vogais baixas e médio-baixas em posição tônica favoreceram o abaixamento das médias pretônicas. Esta afirmação pode ser averiguada quando comparamos as vogais tônicas nos trabalhos do sudeste e as vogais seguintes no estudo de Graebim, que, além das vogais baixas e médio-baixas, encontraram também as médias nasais como favorecedoras do abaixamento de ambas médias pretônicas.

A atonicidade é um fator relevante que se mostrou favorecedor do abaixamento em ambos os trabalhos, especificamente a átona permanente e as casuais baixas foram as grandes contribuintes para o abaixamento das médias pretônicas.

Os fatores extralinguísticos se mostraram relevantes para o abaixamento das vogais médias pretônicas. A faixa etária foi apontada como fator contribuinte pelas pesquisas de Celia e Yacovenco. Na fala dos moradores de Nova Venécia, os intermediários mostraram-se mais propensos ao abaixamento, enquanto na fala dos moradores do Rio de Janeiro, foram os mais velhos os que se mostraram mais favoráveis. Isto pode se explicar, conforme a autora, devido à imigração nordestina, quando o Rio de Janeiro era, ainda, a capital da nação. Trata-se, portanto, dos resquícios linguísticos daquela geração.

O sexo/gênero também foi apontado nos trabalhos de Yacovenco e de Graebim como relevantes. Na fala dos cariocas, os falantes do sexo/gênero masculino mostraram-se mais propensos ao abaixamento de ambas as pretônicas e, no trabalho de Graebim, os

falantes do sexo/gênero feminino foram responsáveis pelos índices do abaixamento da média pretônica anterior.

TABELA 6 – Comparação dos fatores relevantes para o abaixamento das vogais médias pretônicas na região sudeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa

Variante (Realização)	Abaixamento							
	Nordeste				Norte			
	Silva Salvador / BA		Celia João Pessoa / PB		Freitas Bragança/ PA			
	E	O	E	O	E	O		
Contexto anterior	-	-	Velar	Alveolar	-	-	Alvéolo-dental	
			-	Palatal	-	-	Palatais	
Contexto posterior	-	-	Vibrante Posterior	Sibilante	-	-	Velar	
							Posterior	
Contigüidade	-	-	-	Não contígua	-	-	-	
Tônica	a	a	-	-	a	-	-	
	E / O	E / O	-	-	E/O	-	E/O	
	i, u	i, u			Dit.oral		ã, õ, ~e	
							Dit. nasal	
Pretônica seguinte	a	a	a	a	a	-	a	
	E / O	E / O	E, O	E	E / O	-	E/O	
			u	u			ã, ~e, õ	
	i, u	i, u	ã, ~e, õ	~u, ã, ~e, õ	i	-	i	
Atonicidade	-	-			parente médio	-	Parente médio-baixo	
					-	-	Parente baixo	
Faixa etária	+ Novos	+ Novos	-	-	-	-	-	
	+ Velhos	+ Velhos						
Classe morfológica	-	-	-	-	Nomes	-	Pronomes	
Escolaridade dos pais	Sem curso superior	-	-	-	-	-	-	
	Com curso superior	-	-					

Observemos agora os dados das regiões norte e nordeste no tocante ao abaixamento das médias pretônicas. No trabalho de Silva, os contextos anterior e posterior não foram

apontados como favorecedores para o abaixamento. O que observamos é que os segmentos consonantais se apresentam mais favorecedores para o abaixamento da média pretônica posterior do que para a anterior que apenas se mostrou favorável nos dados de João Pessoa.

Com relação ao contexto vocálico favorável ao abaixamento, percebemos que as vogais médio-baixas e baixas são as desencadeadoras da regra de abaixamento; isso pode ser comprovado na aplicação dos fatores: vogal tônica e pretônica seguinte. As vogais nasais também se mostraram favorecedoras do abaixamento nos trabalhos de Celia e de Freitas. Na fala dos pessoenses, as vogais nasais das sílabas seguintes se mostraram como favorecedoras do abaixamento, tanto para vogal pretônica anterior quanto para posterior, e nos dados de Freitas, apenas para a média posterior.

A atonicidade só se mostrou relevante no trabalho de Freitas, sendo os parentes médio, baixo e médio-baixo os favorecedores do abaixamento das vogais médias pretônicas. Outro fator que se mostrou relevante apenas no trabalho de Freitas foi a classe morfológica, os nomes e os pronomes foram as palavras que mais contribuíram para o abaixamento das médias pretônicas.

Nos trabalhos das regiões sudeste e centro-oeste os fatores extralinguísticos contribuíram para a regra do abaixamento, diferentemente dos dados da região nordeste e norte, onde os fatores extralinguísticos não se mostraram relevantes para o abaixamento das médias pretônicas, com exceção do fator escolaridade dos pais e faixa etária que foram relevantes apenas no trabalho de Celia.

TABELA 7 – Comparação dos fatores relevantes para a manutenção das vogais médias pretônicas na região sudeste e nordeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa

	Manutenção					
	Sudeste			Nordeste		
	Yacovenco Rio de Janeiro / RJ			Pereira João Pessoa / PB		
	e		o	e		o
Contexto anterior	Palatal		Palatal	Palatal		Vibrante Posterior
	Labial		Gupo Cons.			
	Vibrante		Vogal			
	Vogal		Vibrante			
Contexto posterior	Palatal		Grupo consonantal	-		Palatal
	Vibrante		Alveolar	-		Vibrante posterior
	Grupo consonantal		Velar			
Tônica	a		i	-		-
	e / o		a	-		-
	Ditongo		Ditongo			
Pretônica seguinte	-		-	e		o
	-		-	o		e
				ditongo		ditongo
Atonicidade	Baixa		Baixa			
	Pal. Base		Ditongo			
	Média		At. permanente	-		-
Faixa etária	+ novos		+ novos	-		-
Sexo	Fem		Fem	-		-
Residência	Norte/sub.		Norte/sub.	-		-

TABELA 8 – Comparação dos fatores relevantes para a manutenção das vogais médias pretônicas na região norte e centro-oeste de acordo com os estudos analisados nesta pesquisa

Variante (Realização)	Manutenção			
	Norte		Centro-oeste	
	Freitas Bragança / PA		Graebin Formosa/GO	
	e	o	e	o
Contexto anterior	-	Posterior (fricativa glotal)	Bilabial	Bilabial
			Labiodental	Labiodental
			Dental	Dental
			Pos-alveolar	Alveolar
			Palatal	Palatal
			Glotal	
Contexto posterior	-	-	Bilabial	Bilabial
	-	-	Labiodental	Labiodental
			Pos-alveolar	Alveola
			Coda /S/	Pos-alveolar
				Coda /S/
			Coda /R/	
Tônica	a	e/o	-	-
	e / o	-	-	-
	Ditongo oral	-		
Pretônica seguinte	o	i/u	u	i/u
	-	e/o	e/o	o
		Ditongo oral	a	O
			-	a
			-	~i
Atonicidade		Parente médio	-	-
Classe Gramatical	-	Verbos	-	-
	-	Nomes		
	-	Advérbios		
Escolaridade	-	-	+ Escolarizado	+ Escolarizado
Classe social	-	-	Alta	Alta
Sexo	-	-	Masculino	-
Corpus	-	-	Leitura	Leitura

As tabelas 7 e 8 discorrem sobre a manutenção das vogais médias pretônicas nas regiões sudeste, nordeste, norte e centro oeste. No que tange aos segmentos anteriores, vemos que eles não foram favorecedores ou não apresentaram relevância para a manutenção da vogal pretônica anterior no trabalho de Freitas, e apenas as consoantes palatais se mostraram como desencadeadoras do fenômeno. Percebe-se que em ambos os trabalhos o segmento consonantal ou vocálico em contexto posterior ou anterior são praticamente os mesmos. É o que se pode constatar nos trabalhos de Yacovenco – falar capixaba, e Graebim – falar formosense. As consoantes vibrantes e as + posteriores (labiais, bilabiais, labiodentais) foram as que apareceram em maior escala no que cerne aplicação da regra de elevação.

As vogais médio-altas e a baixa em posição tônica, pretônica seguinte e vogal seguinte, se apresentaram, com maior frequência, como favorecedoras do processo de manutenção das vogais pretônicas. Mais uma vez, percebemos que a relação homorgânica é, de fato, um grande indício para explicar o comportamento das vogais pretônicas.

Os fatores extralinguísticos não se mostraram muito relevante para a aplicação da regra de manutenção das pretônicas nos trabalhos analisados. Com relação à faixa etária, os mais novos, no trabalho de Yacovenco, foram os responsáveis pelos maiores índices. O fator escolaridade só foi observado no trabalho de Graebim, mostrando que os mais escolarizados foram os responsáveis pelos índices mais altos. Assim como a classe social mais alta, que apresentou os pesos relativos maiores.

No que se refere ao sexo/gênero, as mulheres foram as que mais mantiveram a pronúncia médio-alta das pretônicas na fala dos cariocas, enquanto os homens

apresentaram um peso maior para manutenção da anterior das pretônicas na fala dos habitantes de Formosa.

1.4. Resumo

Neste primeiro capítulo, fizemos um panorama histórico-comparativo sobre o comportamento das vogais pretônicas no Português Brasileiro. No primeiro momento falamos sobre alguns autores que estudaram o comportamento das vogais pretônicas antes do surgimento da sociolinguística. Seus estudos, ainda que não seguissem um modelo estatístico não invalidaram, sob nenhuma hipótese, os méritos. Destes, citamos Nascentes, que observou e delineou as regiões de acordo com os traços linguísticos de cada uma. O autor afirmou que a pronúncia das pretônicas é a grande responsável pelas diferenças dialetais entre o norte, que tem o som mais baixo e aberto, e o sul que contém a pronúncia mais alta e fechada. Ainda falamos de Mário Marroquim, estudioso que escreveu sobre a diversidade linguística no nordeste, especificamente na faixa que se estende de Alagoas a Pernambuco. Marroquim não apenas se prendeu a pronúncia das vogais, levou, entretanto, outros aspectos em sua pesquisa. Citamos a descrição de Matoso Câmara que estabeleceu a forma mais aceita entre os estudiosos sobre a realização do sistema vocálico do Português Brasileiro.

A segunda parte deste capítulo mostra alguns estudos sociolinguísticos mais remotos. Dentre eles elencamos oito trabalhos das cinco regiões do nosso país. Na região sul, citamos a célebre pesquisa de Bisol (1981), na região sudeste, os trabalhos de Celia (2004), Yacovenco (1993) e Menegasso (2008), na região nordeste, Pereira (1997) e Silva (1989), na região norte, Freitas (2001) e na região centro-oeste, Grebin (2008).

Descrevemos cada um desses trabalhos separadamente e na parte final confrontamo-lhes em forma de tabelas e depois as analisamos em forma de comentários mostrando os pontos em comum e os fatores que em maior ou menor escala contribuíram para a aplicação de cada regra: elevação, abaixamento e manutenção.

CAPÍTULO II

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

2.1. Quanto à Teoria Sociolinguística Quantitativa

A sociolinguística surgiu nos meados da década de 60, em um congresso organizado pelo linguista Willian Bright. Ficaram instituídas neste evento as “Dimensões da Sociolinguística”, texto introdutório e defendido pelo próprio Bright. Segundo o mesmo, a nova corrente deveria demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais. Quanto ao objeto de estudo, ficaria estabelecida a diversidade linguística que estaria relacionada a um conjunto de fatores socialmente definidos (identidade social do falante, identidade social do ouvinte, contexto social e atitudes linguísticas).

De acordo com Alkmim, 2001:

A Sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar, buscando a contribuição de áreas como a Etnologia, a Psicologia e a Linguística, o novo domínio pretende descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural e, deslocando o enfoque tradicional sobre o código linguístico, procura definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade. (p. 29,30)

Mais tarde, 1963, Labov publica um estudo sobre a comunidade de Martha’s Vineyard, uma ilha no litoral de Massachusetss. Neste estudo, Labov destaca o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da diversidade linguística observada na pesquisa. Em

1964, ele realiza uma outra pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova York, onde o mesmo implanta um modelo de descrição e interpretação dos dados pesquisados – a Teoria Variacionista.

Labov, 1963, também fez observações acerca de processos pedagógicos no tocante ao ensino de língua materna quando constatou a ineficácia do sistema escolar ao ensinar o inglês para as minorias de crianças oriundas de grupos sociais desfavorecidos. Nascia ali a Sociolinguística Educacional.

À Sociolinguística ficaria encarregada a tarefa de estudar a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social (situação de uso). É claro que a língua deve ser analisada dentro de uma comunidade linguística, um conjunto de falantes que interagem verbalmente e que compartilham do mesmo signo linguístico (língua).

Quando se estuda uma comunidade linguística, a constatação mais precisa é a existência de diferenças de falares. Desta forma fica evidente a variação linguística. A essas diferentes formas de falar, a sociolinguística classifica como *variedades linguísticas*. Essas variedades linguísticas podem mostrar dois processos linguísticos em curso: variação ou mudança. A variação é um estágio de competição de duas ou mais formas de falares. A mudança ocorre quando apenas uma variedade linguística sobrevive.

2.2. Variação Linguística x Mudança

As mudanças e variações linguísticas são bem perceptíveis no decorrer da história. A variação ocorre a todo o momento. As disputas internas que surgem em torno das

variedades são inevitáveis. O próprio Labov já constatara isto ao analisar a fala dos vendedores de Nova York.

As variações observadas nas línguas são e estão relacionadas a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferente falam de formas diferentes. Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias de sua região, de sua classe social e até sua idade.

Dentro do plano social existem forças que lutam entre si para que a mudança ocorra. São as forças centrífugas e centrípetas. Dessa maneira, uma língua é simultaneamente caracterizada por sua tendência que ora busca a unificação, ora busca a estratificação e diferenciação. Enquanto as forças centrífugas rumam do centro a outras regiões, as centrípetas fazem o movimento contrário.

De acordo com os estudos sociolinguísticos, podem-se descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica) e variação social (diastrática).

A variação geográfica está relacionada às diferenças distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origem geográficas distintas.

A variação social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que está ligada à identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade linguística. Vários fatores estão relacionados diretamente à variação.

Com relação à variável sexo/gênero, sabe-se que os homens falam diferentes das mulheres. Esta é uma afirmação bastante constatada entre os estudos sociolinguísticos. Essas diferenças não estão relacionadas apenas às aparências ou o tom de voz.

Pesquisas constataam que as mulheres são mais conservadoras do que os homens, usando conseqüentemente a variedade padrão com mais frequência.

De acordo com Paiva, 2004:

As diferenças mais evidentes entre a fala dos homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher, nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um outro masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento. O que não impede, entretanto, que ainda possamos ouvir e utilizar expressões como “não fica bem para uma garota falar dessa forma”. (p. 33)

Uma outra discussão de cunho social seria a utilização do termo gênero ao invés de sexo. Cada vez mais, fica difícil demarcar os papéis sociais diante de uma sociedade em transformação. Mulheres realizando atividades que outrora era exclusivamente tarefas masculinas, esta mudança social não se estabelece apenas no mercado de trabalho, como também há uma forte incidência de homens que cada vez mais ficam em casa para que as esposas trabalhem para manter o sustento econômico da família, sendo assim, fazem também uso dos termos que outrora era de uso feminino.

Diante deste exposto, a análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. A consciência do padrão que aponta o conservadorismo linguístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidade de fala.

Ainda segundo Paiva, *Ibidem*:

Evidentemente, qualquer explicação acerca do efeito da variável gênero/sexo requer certa cautela, vistas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística e as

transformações sofridas por diversas sociedades no que se refere à definição dos papéis feminino e masculino. A esse respeito, a interação entre eles e a variável idade fornece alguns elementos de reflexão. (p. 41)

No que diz respeito à variável escolaridade, sabe-se que há uma batalha de cunho social quanto ao uso ou não das formas culta e social, tanto que existe o termo variante estigmatizada. Recebe esse nome a variação das pessoas que não fazem parte do grupo seletivo de falante que dominam a norma culta. Essa discussão tem se apresentado com muito fôlego nos últimos anos. Alguns autores compraram “essa briga” e chegaram a lançar a bandeira do “preconceito linguístico”, conforme Bagno, 1999.

Mediante esta discussão, a escola prioriza os estudos escritos, enquanto os estudos de usos concentram-se na fala. Nasce aqui o binômio fala x escrita, que tem recebido bastante atenção de alguns pesquisadores.

A variável idade também tem se mostrado bastante relevante nas pesquisas. Tem-se conhecimento que os mais velhos falam diferentemente dos mais jovens, no entanto em algumas pesquisas e em alguns fatores esses processos não tem ocorrido com tanta distinção.

A variável região apresenta um campo bastante rico para a pesquisa sociolinguística. Em um país como o nosso, totalmente heterogêneo, as diferenças de falares são perceptíveis a qualquer ouvido. O mais curioso, no entanto, é que essas diferenças podem ser detectadas até de cidades para cidades ou até mesmo de bairro para bairro, como tantas pesquisas mostram. É claro que quando se traça um perfil desses estudos podemos observar que uma variável está diretamente ligada à outra e que ambas não se situam nem agem isoladamente.

Até aqui, pudemos ver que as línguas variam. Nisto nos apoiamos na verdade de que as línguas do mundo não permanecem estáticas. Daí podemos também realizar experimentos de variação linguísticas em mais diversos níveis: fonético, léxico, morfológico, sintático, pragmático, semântico e discursivo.

Labov acreditava que toda língua apresentava variação, e que sempre desencadearia em mudança linguística. Ele acreditava também que a mudança seria gradual. Haveria primeiro um estágio de transição, para em seguida ocorrer a mudança. Para ele a mudança e a variação estão estreitamente relacionadas, seria muito difícil estudar uma sem estudar a outra.

Considerou ele que não devemos nos focar no que é puramente linguístico. Se quisermos explicar quais forças agem na língua, podemos e devemos incluir o modo como a língua está inserida na sociedade.

A língua está sempre sendo reformulada, ela comporta o surgimento de inovações a todo o momento. O importante é que nem toda inovação vinga, nem toda inovação é incorporada e difundida pelos falantes de uma determinada comunidade. Toda variação pode em princípio vir a ocasionar mudança.

É o que diz Chagas, 2004, p. 151: *“Como a língua está a todo momento se equilibrando entre tendências potencialmente conflitantes, e até mesmo opostas, está sujeita a sofrer mudanças, pois esse equilíbrio pode vir a ser alterado por qualquer tipo de fator, interno ou externo”*.

Para a sociolinguística, a natureza variável da língua é norte fundamental, que sustenta a observação, descrição e a interpretação do comportamento linguístico, Alkimim, 2002, p.42. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como

um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não tolerância e aceitação da diferença ou mudança são responsáveis por numerosos equívocos linguísticos e sociais.

2.3. Procedimentos Metodológicos

Nesta pesquisa, seguimos vários procedimentos metodológicos baseando-se sempre nos pressupostos da teoria sócio quantitativa laboviana, narrada pelo próprio Labov (1976, 1966) e por Guy e Zilles (2007). Desta forma, todos os procedimentos foram aqui registrados para fins de constatação e estruturação sistemática do trabalho. Na composição do nosso *corpus*, seguimos as orientações descritas por Tarallo (1996). Também fizemos uma investigação sobre o contexto histórico e cultural da comunidade estudada. Entendemos, assim, que uma pesquisa sociolinguística implica na investigação e aplicação de vários fatores e métodos.

2.3.1. A Comunidade de Estudo – Perfil Sócio-histórico-cultural

A coleta de dados para a realização deste trabalho foi extraída da comunidade dos falantes do Recife, capital do estado de Pernambuco.

O Recife está localizado na zona litorânea do estado, posicionando-se na parte central do litoral. A cidade é uma das três maiores aglomerações urbanas da Região Nordeste, possui uma superfície territorial de 220 km² e limita-se ao norte com as cidades de Olinda e Paulista, a oeste com São Lourenço da Mata e Camaragibe, ao sul com o município de Jaboatão dos Guararapes e a leste com o Oceano Atlântico.

A observação de outras características geográficas nos revela que o clima é quente e úmido, a temperatura média na cidade é 25,2° C, a altitude com relação ao nível do mar é 4 m e as coordenadas geográficas são: latitude 8° 04' 03" S e longitude 34° 55' 00" W.

O Recife possui 94 bairros, 6 regiões político-administrativas. Sua população é de 1.422.905⁹ habitantes, correspondendo a 43% da população da Região Metropolitana. Os bairros mais populosos são Boa Viagem (100.388 hab), COHAB (69.134 hab) e Várzea (64.512 hab). Sua densidade populacional é de 64,78 (hab/ha), e a composição etária da população está assim dividida: 0 a 14 anos: 26,16%; 15 a 64 anos: 67,33%; e 64 anos e mais: 6,51%.

FIGURA 5: Localização do Recife e seus limites geográficos



O surgimento de Recife está ligado ao estabelecimento de alguns pescadores que situaram na estreita porção da terra que se iniciava desde Olinda e se alargava ao sul. Devido ao mar calmo e às sombras dos arrecifes, os veleiros pesados seguiam para os arrecifes que se erguiam ao sul devido à mistura dos dois grandes rios, Capibaribe e Beberibe. Devido à presença de alguns portugueses que naquelas terras se instalaram,

⁹ Estes dados são referentes ao censo IBGE, ano 2004.

alguns fortes também foram edificados, com o intuito de proteger o território brasileiro de possíveis ameaças estrangeiras.

Em 1630, o Recife já possuía uma pequena povoação que se estendia desde a Ilha dos Navios até o encontro dos dois rios. Nela já havia igreja e frades franciscanos. Neste período dar-se início a invasão holandesa, comandada por Henry Cornell Lonck.

Mais tarde, Recife passa a ser administrada pelo governo holandês, na pessoa do Conde Maurício de Nassau que projetou na terra amplos jardins e palácios, promovendo a vinda de grandes personalidades e estudiosos.

Depois da célebre Batalha do Guararapes, o Recife passou por um período de grandes transformações sociais e econômicas. Devido ao seu acesso e as suas boas águas, vira rota de comércio e de grandes negociações. A cidade ganha a instalação da Alfândega, várias pontes são construídas e aterros passam a serem feitos com mais frequência, transformando as terras alagadas em terras boas.

O Recife é considerada cidade no dia 5 de dezembro de 1823. Um ano depois surge a Confederação do Equador. Dentre os heróis desse movimento destaca-se Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que foi fuzilado a 13 de janeiro de 1825. Em 1827, o Recife passa a ser capital da província. Posteriormente, assume o poder do governo, em 1838, Francisco do Rego Barros, conhecido como Conde da Boa Vista, cuja administração foi marcada por grandes melhoramentos urbanos. Foram de sua época, a construção do Palácio do Governo e a do Teatro Santa Isabel, obra do engenheiro francês Louis Léger Vauthier, trazido aqui pelo Conde.

Depois da Revolução Praieira, em 1848, organizada pelo partido liberal, o Recife mergulha numa fase de grande progresso. A cidade começa a crescer muito

rapidamente, iniciando-se, em 1907, a execução do grande plano de saneamento, idealizado pelo higienista Saturnino de Brito.

Durante o século passado o Recife passa por diversas e grandes transformações. Hoje, a cidade é considerada a segunda capital em número de habitantes e fluxo de comércio e turista, ficando atrás apenas da capital soteropolitana, na região Nordeste.

FIGURA 6: Foto aérea da área litorânea do Recife



2.3.2. Objetivos

2.3.2.1. Geral

- Realizar um estudo de base variacionista que vise à compreensão da língua falada usada em contexto interacional culto no Recife, utilizando como objeto de estudo o comportamento das vogais médias [e] e [o] pretônicos.

2.3.2.2. Específicos

- Descrever detalhadamente a manifestação das vogais médias pretônicas presentes na língua falada culta dos recifenses.
- Mapear e mostrar, através de uma análise fonológica, aspectos como: tipo de vogal média pretônica que se eleva ou abaixa, contexto posterior; tonicidade; extensão da palavra e registro, contiguidade, nasalidade, acento secundário que influencia a ocorrência de tais fenômenos.
- Descrever e analisar, por faixa etária e sexo, o comportamento das vogais pretônicas médias no falar culto do Recife.
- Estabelecer tabelas e quadros comparativos, subsequentemente, com os comentários e explicações de tais ocorrências.
- Identificar quais são as variáveis que influenciam na produção das variantes em estudo na perspectiva da Sociolinguística Quantitativa Laboviana.

2.3.3. Hipóteses

É possível que, de acordo com a observação de outros estudos em localidades diferentes, leituras de literaturas específicas e observação empírica:

- A presença de vogal alta na sílaba tônica seja a motivadora para a ocorrência da elevação da vogal média posterior. b[u]nito, m[i]nino.
- As médias altas fechadas ocorram restritamente diante de vogais de mesma altura e de certos ditongos. r[e]speito, m[o]rreu

- A alternância i~ê~ê e u~ó~ô só é possível diante das altas orais /i/ e /u/. R[e]cife, b[o]nito
- As consoantes alveolares tanto precedentes como posteriores às vogais pretônicas favoreçam o abaixamento das mesmas. d[O]mingo, p[E]dófilo
- As consoantes bilabiais favoreçam o abaixamento das pretônicas. m[E]lhor, p[O]rtuguês.
- As vogais médias /o/ e /e/, diante de uma consoante nasal em coda silábica tende a elevar-se. c[o]nversa, [e]ntrevista
- Quanto à estrutura silábica o padrão que mais tenda a abaixar seja o CV inicial. c[O]meçou, s[E]gundo
- A consoante oclusiva velar em posição precedente também favoreça o alteamento de /o/, juntamente com a palatal seguinte e labial precedente e seguinte. c[u]stela, b[u]neca.
- A variável linguística "sexo" não influencie de maneira relevante os dados de análise, uma vez que de acordo com pesquisas anteriores, a diferença entre as falas de homens e mulheres são cada vez menores.

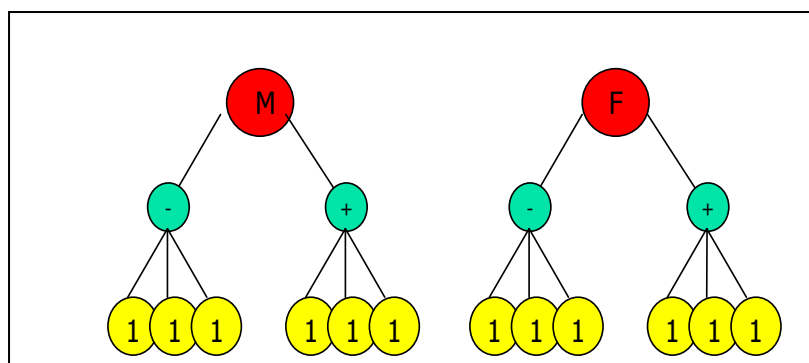
2.3.4. Corpus

O *corpus* é formado pela captação aleatória da fala de 12 (doze) informantes de ambos os sexos, com faixas etárias distintas, todos moradores do Recife, com pais recifenses, e com nível superior completo, não podendo estes ter se ausentados por mais de dois anos da cidade.

A figura 7 mostra a estrutura da pesquisa com relação à distribuição dos informantes e suas respectivas particularidades:

- Sexo / gênero: masculino, feminino,
- Idade: faixa etária 1 (-), até trinta e nove anos, faixa etária 2 (+), quarenta anos ou mais,
- Número de informantes: doze,
- Grau de instrução: Ensino Superior Completo

FIGURA 7: Distribuição da amostra da pesquisa



2.3.5. Procedimentos da coleta e organização dos dados

Os dados foram coletados através de entrevistas, realizadas de acordo com a metodologia de Tarallo (1997). Foram utilizados um computador portátil e um microfone ECM-MS907 Sony. A duração das conversas foi de aproximadamente 1 hora e 20 minutos. A gravação foi dividida em três partes: i) na primeira, os entrevistados falavam “livremente” sobre vários temas, questões como morte, medo, assaltos, e etc. Para coleta foi usado o tipo DID – diálogo entre entrevistador e entrevistado. Apesar de termos usados um roteiro, a entrevista era conduzida de acordo com o grau de relaxamento dos entrevistados, ii) na segunda, era apresentado um texto de quatro

laudas para o entrevistador ler. Pretendia-se, com isto, verificar o grau de formalidade e informalidade do falante, já que pesquisas têm mostrado que a fala é menos formal que a leitura, iii) na terceira, era exposta ao falante uma lista contendo cento e cinquenta palavras. Foi nossa intenção verificar, ainda mais, o nível de formalidade entre o texto escrito e a lista de palavras, e o nível da consciência fonológica dos falantes.

Depois da coleta, deu-se início a transcrição dos dados. Durante esta observação, foram excluídos os 20 minutos iniciais da conversa. Pois, segundo Tarallo (1997), estes são os momentos mais tensos da entrevista, uma vez que o entrevistado não se familiarizou com os equipamentos nem tampouco com o entrevistador. A partir daí, começamos a transcrever os dados de acordo com o comportamento das vogais em estudos, marcando foneticamente apenas estas vogais.

A priori, foram catalogados 16.221 dados que após as exclusões foram reduzidas à 6.360, sendo 3.947 dados para /e/ e 2.413 para /o/. Após esta etapa os dados foram codificados para rodagem no programa computacional GOLDVARB 3.0. Utilizamos os seguintes símbolos para transcrição dos dados:

TABELA 9: Códigos para codificação no GOLDVARB 3.0

Variáveis	Códigos	Realização / Descrição
Realização	0	[E]
	1	[e]
	2	[i]
	3	[O]
	4	[o]
	5	[u]
Sexo	M	Masculino
	F	Feminino
Faixa etária	N	Até 39 anos
	V	40 anos ou mais
Contexto fonológico precedente	b	bilabial (P, B, M)
	l	labiodental (F, V)
	p	palatal (NH, LH, X, J)
	a	alveolar / dental (T, D, N, r -L) velar

	v s g	(K, G) sibilante(S, Z) vibrante posterior (R)
Contexto fonológico posterior	B L P A V S G	bilabial (P, B, M) labiodental (F, V) palatal (NH, LH, X, J) alveolar / dental (T, D, N, r –L) velar (K, G) sibilante(S, Z) vibrante posterior (R)
Extensão	# * @	Dissílaba Trissílaba polissílaba
Posição quanto à sílaba tônica	1 2 3	distância 1 distância 2 distância 3
Atonicidade	C P	átona casual átona permanente
Tipo da vogal tônica	a E O e o i u â ê ô î û x n	vogal oral tônica baixa vogal oral tônica médio-baixa anterior vogal oral tônica médio-baixo posterior vogal oral tônica médio-alta anterior vogal oral tônica médio-alta posterior vogal oral tônica alta anterior vogal oral tônica alta posterior vogal nasal tônica baixa vogal nasal tônica médio-alta anterior vogal nasal tônica médio-alta posterior vogal nasal tônica alta anterior vogal nasal tônica alta posterior ditongo oral ditongo nasal
Vogal pretônica seguinte	/ A B C D F G H Â d f g h X N	não existe vogal oral tônica baixa vogal oral tônica médio-baixa anterior vogal oral tônica médio-baixo posterior vogal oral tônica médio-alta anterior vogal oral tônica médio-alta posterior vogal oral tônica alta anterior vogal oral tônica alta posterior vogal nasal tônica baixa vogal nasal tônica médio-alta anterior vogal nasal tônica médio-alta posterior vogal nasal tônica alta anterior vogal nasal tônica alta posterior ditongo oral ditongo nasal
Tipo de sílaba	a b	sílaba aberta sílaba fechada
Natureza do vocábulo	N	Nome

	V	Verbo
Corpus	e t l	espontâneo leitura de texto lista de palavras
Estrutura da sílaba	1 2 6 3	CV CVC CCV CCVC

Exemplo da planilha utilizada na decodificação:

TABELA 10: Distribuição dos símbolos utilizados nos dados para análises

Variável dependente		Variáveis extralinguísticas		Variáveis linguísticas										
Variante	Realização	Sexo	F. Etária	C. Prec.	C. Post.	Ext.	Pos. Si.t.	Aton.	Vg. Ton.	V. PS	T. Sil.	N. Voc.	Corpus	Est. Sil.
amEdronta	0	F	N	B	A	@	l	C	ô	/	a	N	e	l

Lemos da seguinte maneira esta tabela: vocábulo *amedronta*, vogal média pretônica realizada como média anterior baixa [E], informante do sexo feminino, faixa etária abaixo de quarenta anos, contexto precedente bilabial /m/, contexto posterior alveolar /d/, vocábulo polissílabo, distância de uma sílaba em relação à vogal tônica, atonicidade casual, vogal tônica nasal média posterior, ausência de vogal pretônica seguinte, sílaba aberta, vocábulo nominal, espontâneo, padrão silábico CV.

2.3.6. Exclusão dos dados não significativos

Observando as discussões propostas por alguns autores, como Scherre e Naro (2003), alguns vocábulos foram excluídos, por diversos motivos, com o intuito de melhor validarmos a nossa pesquisa. Pois, a manutenção destes dados poderia comprometer os

resultados das análises deste estudo, como podemos observar nas justificativas seguintes:

a) Vogal em início de vocábulos sem onset: conforme Bisol (1981), o comportamento destas vogais são diferentes do comportamento das vogais na posição interna dos vocábulos. Ex: eterno, elefante, Olinda, otário.

b) EN- e ES- em início de vocábulos: estas sílabas tendem a favorecer categoricamente, na variedade culta do Recife, o alteamento destas vogais e assim maquiando os resultados da pesquisa. Ex: Enquanto, ensinar, estrela, escola.

c) vogais pretônicas nasais: as vogais nasais devido ao seu traço de nasalidade, + alto, são fortes candidatas à elevação ou manutenção na pronúncia médio-alta, nunca na variedade médio-baixa. Ex: pensando, reconhecida.

d) prefixos pré- pro- des- co-: de acordo com Bisol (1981), os prefixos da língua portuguesa em *parte se comporta como se fora a palavra que lhe dera origem, guardando relativa independência com respeito ao vocábulo do qual faz parte*. Ex: desilusão, pretexto.

e) sufixos diminutivos -inho e -inha: de igual modo aos prefixos, os sufixos tendem a ter o mesmo comportamento. Ex: pezinho, coisinha.

f) verbos da 2ª conjugação, no passado perfeito, cuja pretônica esteja anexa à sílaba final que recebeu uma desinência como um ditongo: estas formas verbais não são pronunciadas como variantes baixas ou altas, são categóricas da pronúncia médio-alta. Ex: aconteceu, adormeceu.

g) hiatos: como afirmara Bisol (*ibidem*), a elevação das vogais (hiatos) sobrepuja à da vogal interna. Ex: joelho, toalha, teatro.

h) palavras fonológicas: por entendermos que a junção de palavras ainda é um fenômeno pouco conhecido por nós, e que estes casos são particulares, resolvemos em não aceitarmos neste estudo tais conjunturas, até porque as vogais em início de palavras também foram refutadas. Ex: ...e estava, ...a escola.

i) vocábulos com mais de 20 ocorrências: com o intuito de evitar equívocos provocados pela ocorrência elevada de uma mesma variante, os vocábulos com frequência igual ou superior a 20 foram excluídos. As tabelas a seguir mostram quem, quantos e a frequência que ocorreram.

TABELA 11: Vocábulos excluídos e números de ocorrências para /e/

Vocábulos	Nº de ocorrências	Vocábulos	Nº de ocorrências
<i>cErteza</i>	22	<i>rEsolveu</i>	30
<i>consEgui</i>	29	<i>rEvista</i>	21
<i>cobErtor</i>	30	<i>rEsolvido</i>	23
<i>alEgria</i>	25	<i>sEmana</i>	21
<i>betErraba</i>	20	<i>zEbu</i>	20
<i>acrEdito</i>	22	<i>apesar</i>	32
<i>corrEdor</i>	22	<i>apertava</i>	20
<i>bEtterraba</i>	21	<i>americano</i>	22
<i>bEbia</i>	20	<i>representante</i>	32
<i>bEbidas</i>	21	<i>representante</i>	28
<i>crEtinos</i>	20	<i>região</i>	20
<i>brEjeiros</i>	20	<i>recuperação</i>	21
<i>dEtido</i>	22	<i>relógio</i>	34
<i>dEmorou</i>	22	<i>pecado</i>	20
<i>fEvereiro</i>	54	<i>pejorativo</i>	20
<i>jEnipapo</i>	23	<i>semente</i>	27
<i>guErreiro</i>	21	<i>secretaria</i>	27
<i>mElhor</i>	78	<i>secretaria</i>	27
<i>mEdroso</i>	22	<i>sinceramente</i>	22
<i>divErtir</i>	20	<i>chegou</i>	27
<i>profEssoranda</i>	20	<i>geralmente</i>	23
<i>pErcebeu</i>	40	<i>movelaria</i>	20
<i>podEria</i>	35	<i>negócio</i>	21

<i>pErder</i>	24	<i>querendo</i>	25
<i>protEtor</i>	20	<i>questão</i>	20
<i>pEdido</i>	20	<i>vestibular</i>	22
<i>quErer</i>	24	<i>verdade</i>	29
<i>REcife</i>	33	<i>parecia</i>	22

TABELA 12: Vocábulo excluídos e números de ocorrências para /o/

Vocábulo	Nº de ocorrências	Vocábulo	Nº de ocorrências
<i>cOrredor</i>	26	<i>cobrar</i>	20
<i>ConcOrridíssimo</i>	38	<i>coleguismo</i>	21
<i>cObertor</i>	26	<i>domesticar</i>	20
<i>carrOceiro</i>	21	<i>engordando</i>	20
<i>cOmeçando</i>	23	<i>fedorento</i>	21
<i>cOmigo</i>	24	<i>formação</i>	21
<i>demOrou</i>	22	<i>fotografia</i>	20
<i>dOrmida</i>	20	<i>gostaria</i>	20
<i>dOrmir</i>	26	<i>gosmento</i>	20
<i>dOrmindo</i>	28	<i>gostava</i>	22
<i>gOverno</i>	20	<i>hipopótamo</i>	22
<i>nOrmal</i>	32	<i>informada</i>	20
<i>mOtor</i>	20	<i>jogado</i>	20
<i>nOvelo</i>	20	<i>locutor</i>	20
<i>pOderia</i>	41	<i>momento</i>	39
<i>prOblemas</i>	24	<i>microfone</i>	20
<i>professOranda</i>	20	<i>movelaria</i>	20
<i>pOdia</i>	20	<i>novela</i>	28
<i>prOtetor</i>	20	<i>noventa</i>	34
<i>relOjeiro</i>	21	<i>nociva</i>	32
<i>tOmado</i>	20	<i>Ocorrência</i>	20
<i>adorava</i>	25	<i>problema</i>	26
<i>social</i>	23	<i>colega</i>	25
<i>socorro</i>	20	<i>coração</i>	20
<i>botava</i>	20	<i>rocheiro</i>	20
<i>colégio</i>	40	<i>bunito</i>	20

2.3.7. Variáveis eliminadas pela rodada *Up & Down*

O programa, após a rodada *Up & Down*, refutou algumas variáveis, tratando-as como não relevantes para cada regra observada, conforme a tabela abaixo:

TABELA 13: Variáveis refutadas pela rodada *Up & Down*

Grupo	Variáveis	Eliminação <i>Up & Down</i>					
		0	1	2	3	4	5
1	Realização						
2	Sexo				X		X
3	Faixa etária			X	X	X	
4	Contexto precedente						
5	Contexto posterior						
6	Extensão do vocábulo						
7	Posição quanto à S. tônica			X		X	
8	Natureza da Pretônica						
9	Vogal da sílaba tônica						
10	Pretônica seguinte		X	X			X
11	Tipo de sílaba		X	X		X	
12	Natureza do vocábulo			X		X	
13	Corpus			X			X
14	Estrutura da sílaba			X			X

2.3.8. O Tratamento Estatístico

Diante da grande quantidade de dados levantados em nosso estudo, fez-se necessário a utilização do programa computacional GOLDVARB X. Este programa é um aplicativo para verificações múltiplas de rodadas de dados que pode ser utilizado no Windows. O procedimento é simples, porém carece de alguns cuidados, principalmente no que tange à interpretação dos dados:

- O primeiro passo consiste na transferência dos dados no programa. Esta ação pode ser realizada de duas formas: i) copiando e colando os dados do Word ou do Excel, ii) abrindo o próprio programa através da opção *open - Ctrl+O*.
- Após a transferência dos dados, distribuimos os códigos dos grupos através da opção *Factor Specification*, numerando os grupos e atribuindo os *legal values* e *default values*. O primeiro diz respeito aos códigos propriamente ditos e o segundo a um código específico que representará todo o grupo.
- Atribuídos todos os valores e códigos aos grupos, conferimos todos os dados através da opção *Tokens – Checar Tokens*. Esta opção consiste na verificação de todos os dados. Caso algum deles apresente problemas de codificação, o programa irá indicar a mensagem: *Error in group # --- in the token---token #--- Line #---*. Esta mensagem permite que imediatamente corrijamos o erro através da indicação da linha e do *token*.
- Ainda através da janela *Tokens*, selecionamos a opção *No Record* para enviarmos os grupos selecionados à opção que permitirá a inserção dos grupos como células que serão direcionadas para a leitura dos dados e das rodadas.
- Na opção *Cells*, selecionamos a opção *Load cells in memory*. Esta opção consiste em remanejar todos os códigos para memória do programa, onde serão realizados os cruzamentos de todas as informações.
- Depois desta ação, o programa indicará a quantidade de células que foi gerada. Através destas células serão possíveis as rodadas *Up & Down* e *Step Up*.
- No nosso estudo optamos em fazer rodadas únicas com apenas uma variante, o que é suficiente para analisarmos os dados e extrairmos as informações relevantes. No total fizemos seis rodadas, por trabalharmos com seis variantes.

Alguns problemas que podem surgir são os *Nock outs*. Neste estudo eles foram solucionados com a criação de dados fictícios.

- Através da janela *Choose application value(s)*, podemos escolher qual(is) variante(s) queremos rodar. O programa indicará o número de células criadas. Na opção *cells*, podemos selecionar a rodada que queremos fazer.
- A rodada *One level* permite que saibamos os valores numéricos e percentuais para aplicação e a não-aplicação de cada grupo e fator. Na sequência da análise o programa atribui os pesos relativos para os grupos e fatores bem como para a aplicação total e o *Input*. Por fim, esta rodada informa as células formadas e aplicação e a possibilidade de erro que venha ocorrer.
- A rodada *Up & Down* trabalha de acordo com o modelo matemático de determinantes, matrizes, análise combinatória e progressões. Num primeiro instante, o programa determina o grau de significância dos fatores, através da variável independente, e através do grupo a qual pertence. Num segundo nível, os fatores são verificados conjuntamente e aí são feitas várias combinações de fatores, começando da mais simples até a identificação do melhor arranjo.
- Os pesos relativos levados em consideração neste estudo foram arredondados em duas casas decimais após a vírgula (ponto). Desta forma, os índices menores que PR. .50 são irrelevantes para a aplicação da regra em xeque. Os pesos relativos que mostraram-se entre PR. .51 e PR. .55 foram interpretados como mantenedores da regra, ou seja, não influenciam diretamente a aplicação da regra em estudo. Os pesos relativos acima de PR. .56 foram favorecedores da aplicação das regras. Quanto mais próximo de 1, mais favorável à aplicação da regra são as variáveis em estudo.

2.4. Definição e Descrição das Variáveis

No que se refere ao processo de variação, objeto da sociolinguística, é salutar que se investiguem mais de uma possibilidade de influência. Desta forma, as pesquisas sociolinguísticas de cunho quantitativo elecam uma série de variáveis a fim de investigar, com cientificidade, os fatores que mais e os que menos favorecem os fenômenos estudados.

Nesta pesquisa existem dois grupos de fatores que são estabelecidos para a investigação estatística da variação linguística, variável dependente e variáveis independentes.

2.4.1. Variável Dependente

Neste estudo, trabalhamos com três fenômenos distintos e com seis variantes que representam a pronúncia das vogais médias anterior e posterior em posição pretônica. Deste modo as variáveis foram distribuídas da seguinte forma: Abaixamento – [E], [O], Manutenção – [e], [o] e, Elevação – [i], [u].

2.4.2. Variáveis Independentes

Após analisarmos a literatura existente, fizemos o levantamento das variáveis independentes que seriam relevantes para constatação ou não da regra em estudo. Sendo assim, distribuímos estas variáveis em duas categorias: linguística e extralinguística.

2.4.2.1. Variáveis Linguísticas

a) Contexto Fonológico Precedente

Estes segmentos, em nossa pesquisa, foram distribuídos e organizados de acordo com o ponto de articulação: bilabial [p,b,m], labiodental [f,v], palatal [ɲ, ʎ, ʃ, ʒ], alveolar-dental [t,d,n, ʎ, l, s, z], velar [k,g], glotal [h].

b) Contexto Fonológico Posterior

Assim como os seguimentos precedentes, os posteriores também foram organizados de acordo com o ponto de articulação: bilabial [p,b,m], labiodental [f,v], palatal [ɲ, ʎ, ʃ, ʒ], alveolar-dental [t,d,n, ʎ, l, s, z], velar [k,g], glotal [h].

c) Extensão

Buscou-se com esta variável verificar qual o padrão do vocábulo, com relação à quantidade de sílabas que o mesmo dispunha que mais contribui para os fenômenos em pauta. Foram classificados da seguinte forma: dissílaba, trissílaba e polissílaba.

d) Posição quanto à sílaba tônica

Neste item, foi nossa intenção observar a posição da vogal pretônica que mais favorece aos fenômenos estudados. Se a posição contígua ou não resultaria em algum argumento relevante. Distância 1 [menino], Distância 2 [acelerou], Distância 3 [boquechava].

e) Atonicidade

Verificamos através desta variável a natureza da vogal pretônica quanto à atonicidade. Foi classificada em átona casual, aquela que por consequência do processo derivacional

pode adquirir tonicidade: *sofrimento – soffro, corrida – corre*, e átona permanente, a que se mantém sempre átona por todo o paradigma: *boneca, governo, vermelho*.

f) Tipo de vogal tônica

A literatura existente mostra que o tipo de vogal tônica exerce papel preponderante no comportamento da vogal média em posição pretônica. Buscou-se, então, nesta pesquisa verificar até que ponto estas vogais são ou não relevantes para a aplicação da regra em estudo. Para a análise dos fenômenos em questão as vogais verificadas foram: vogal oral tônica baixa [a], vogal oral tônica médio- baixa anterior [E], vogal oral tônica médio- baixa posterior [O], vogal oral tônica médio-alta anterior [e], vogal oral tônica médio-alta posterior [o], vogal oral tônica alta anterior [i], vogal oral tônica alta posterior [u], vogal nasal tônica baixa [ã], vogal nasal tônica média anterior [~e], vogal nasal tônica média posterior [~o], vogal nasal tônica alta anterior [~i], vogal nasal tônica alta posterior [~u], ditongos orais, ditongos nasais.

g) Vogal pretônica seguinte

Assim como o tipo de vogal tônica, verificou-se neste trabalho o tipo de vogal pretônica adjacente ou não que aparece como favorecedora ou não dos fenômenos estudados. São elas: vogal oral tônica baixa [a], vogal oral tônica médio- baixa anterior [E], vogal oral tônica médio- baixa posterior [O], vogal oral tônica médio-alta anterior [e], vogal oral tônica médio-alta posterior [o], vogal oral tônica alta anterior [i], vogal oral tônica alta posterior [u], vogal nasal tônica baixa [ã], vogal nasal tônica média anterior [~e], vogal nasal tônica média posterior [~o], vogal nasal tônica alta anterior [~i], vogal nasal tônica alta posterior [~u], ditongos orais, ditongos nasais.

h) Tipo de sílaba

O tipo de sílaba aqui verificado não diz respeito ao padrão silábico. São, portanto, variáveis distintas. São dois os tipos de sílabas verificados: aberta [*cebola*] e fechada [*dissertação*].

i) Natureza do vocábulo

Quanto à natureza dos vocábulos, foi nossa intenção observar se os vocábulos estudados, nominais e verbais, exerciam influência no comportamento das vogais pretônicas.

j) Natureza do Corpus

Fez parte do nosso procedimento analisar qual o tipo do *corpus* que mais contribui para o fenômeno em xeque. A natureza do corpus foi assim constituída: fala espontânea, leitura de texto e leitura de lista de palavra.

k) Padrão silábico

Encerrando a aplicação das variáveis linguísticas, o padrão silábico analisado foi estabelecido com o intuito de verificar qual a estrutura silábica mais favorável ou não à aplicação dos fenômenos estudados: 1 – CV, 2 – CVC, 3 – CCV e 4 – CCVC.

2.4.2.2. Variáveis Extralinguísticas

Nesta pesquisa apenas duas variáveis extralinguísticas foram aplicadas ao estudo: Gênero/sexo e Faixa etária. Não fizemos utilização de nível de escolaridade por limitarmos a nossa pesquisa apenas à norma culta. Também não inserimos classe social por não termos argumentos suficientes para assegurarmos a distribuição de renda num

país como o nosso, tão multifacetado economicamente e sem descritores reais para a aplicação da regra.

Com relação ao sexo/gênero, os falantes foram classificados, obviamente, em masculino e feminino. E no que tange à faixa etária, os informantes foram selecionados da seguinte forma: faixa 1 – até 39 anos (+ novos) e faixa 2 – mais de 40 anos (+ velhos).

2.5. Resumo

Neste capítulo apresentamos a metodologia que utilizamos nesta pesquisa. Descrevemos aqui a teoria na qual nos pautamos para a realização deste estudo os processos de variação e mudança linguística. Descrevemos o contexto sócio-histórico-cultural da comunidade pesquisada, os falantes que se dispuseram para a gravação e coleta do *corpus*, bem como o perfil de cada um e a distribuição na formação das células.

Foi nossa intenção também discorrer sobre os informantes, perfil e comunidade de residência. Através do esquema, expomos a distribuição da amostra utilizada na pesquisa. Nos procedimentos metodológicos, falamos sobre a coleta dos dados proposta por Tarallo, 1997. Esquematizamos as variáveis utilizadas neste estudo, bem como os códigos utilizados para decodificação e rodada no programa GOLDVARB 3.0.

Através da análise do programa computacional pudemos estruturar e eliminar os dados que não foram significativos. A permanência deles implicaria numa série de transtornos que, por ventura, viram a comprometer os resultados. Por fim, elencamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas que utilizamos nesta pesquisa.

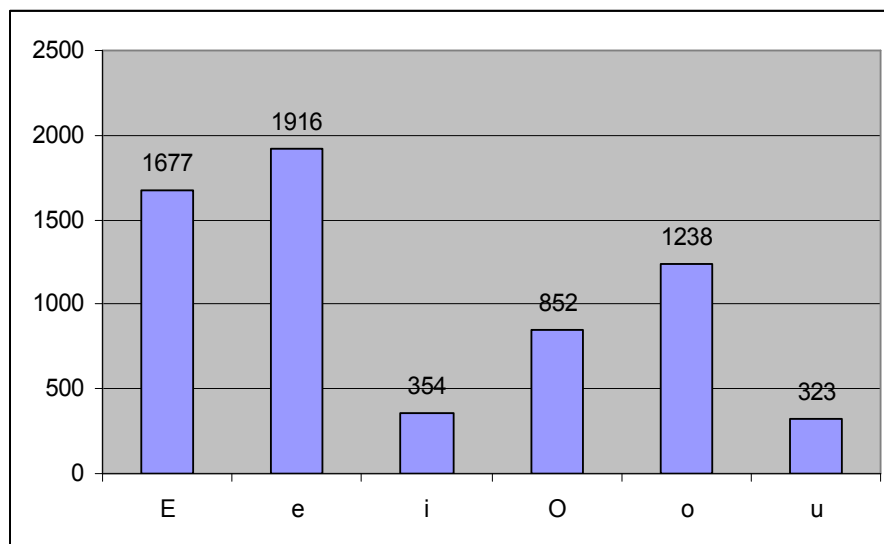
CAPÍTULO III

3. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

3.1. Considerações Iniciais

Após o procedimento metodológico descrito no capítulo anterior, passemos agora a descrição e análise dos dados coletados em nossa pesquisa. A tabela a seguir mostra os índices percentuais para cada variante.

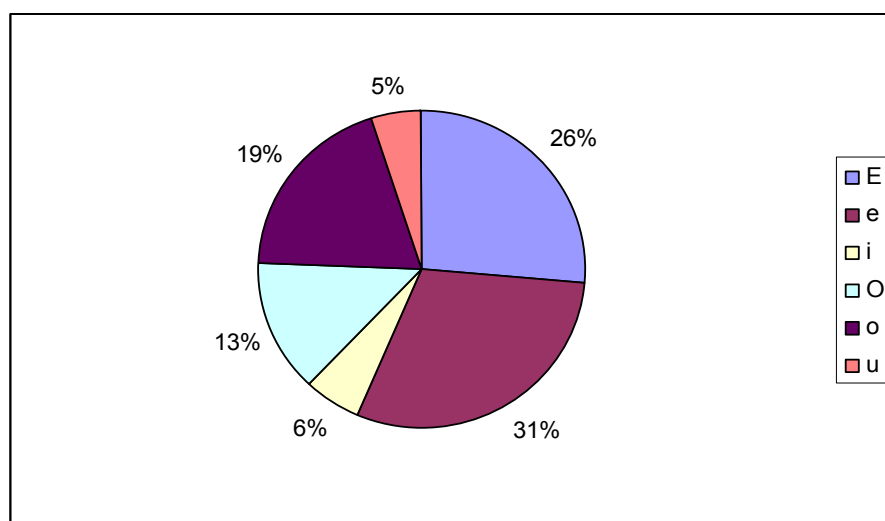
GRÁFICO 1 – Aplicação das regras de elevação, abaixamento e manutenção das vogais médias pretônicas na língua falada culta de Recife.



O gráfico nos mostra que os recifenses cultos optam pela manutenção das vogais médio-altas pretônicas, seguido das variantes mais baixas e por fim, pelas mais altas. Os índices mostram que de um total de 6.360 dados catalogados, as vogais pretônicas médio-altas [e] e [o] apresentaram os maiores índices. Para a primeira, obtemos um total de 1.916 dados,

apresentando um percentual de 31 %, para a segunda, um total de 1.238 e um percentual de 19%. As vogais pretônicas mais altas apresentaram os menores índices, para a alta anterior [i], obtemos um total de 354 e um percentual de 6%, para a vogal alta posterior [u], os dados somaram apenas 323 e um índice percentual de 5%.

GRÁFICO 2 – Índices percentuais da aplicação das regras de elevação, abaixamento e manutenção das vogais médias pretônicas na língua falada culta de Recife.



Vale ressaltar que estes números dizem respeito apenas aos índices percentuais. No entanto, carecem da descrição dos pesos relativos para uma melhor explicação.

3.2. Fatores Estudados

As variáveis linguísticas que utilizamos em nosso trabalho, como expostas anteriormente, foram analisadas de acordo com: contexto seguinte, contexto anterior, posição quanto à sílaba tônica, extensão do vocábulo, vogal tônica, vogal pretônica seguinte, tipo de sílaba, posição da vogal na sílaba, atonicidade, padrão silábico e classe gramatical. Optamos por discutir primeiramente os fatores linguísticos: os segmentos anteriores e posteriores, depois os contextos vocálicos e os estruturais, por fim os fatores extralinguísticos.

3.2.1. Fatores Linguísticos

Os fatores linguísticos são relevantes para explicação da variação linguística em xequê. No que reporta a um estudo sobre o comportamento das vogais médias pretônicas, não poderíamos deixar de prestar atenção a algumas peculiaridades que, descritas anteriormente no pré-projeto de pesquisa, daria conta de alguns questionamentos e hipóteses levantados.

Iniciamos o nosso monitoramento utilizando-nos dos contextos anteriores e posteriores. Aqui, como já fora mencionado na metodologia, descrevemos as consoantes que precedem ou sucedem a vogal pretônica em estudo quanto ao ponto de articulação deste seguimento. Dando continuação, descreveremos o tipo vogal tônica que pode influenciar a variação da pretônica e, por fim, a pretônica seguinte que também pode influenciar a vogal média pretônica.

3.2.1.1. Contexto Anterior

No gráfico que inicia este capítulo vemos que as variáveis mais altas são as preferidas do falante culto recifense. A quantidade de dados para as vogais anteriores são maiores que para as posteriores. Por isso, iniciamos esta discussão com as variantes da média pretônica anterior. Estão relacionados abaixo os contextos que se apresentaram favoráveis para a aplicação das regras.

A tabela seguinte apresenta os percentuais, pesos relativos e a probabilidade de aplicação para a pretônica /e/. O contexto posterior analisado é estruturado da seguinte forma: bilabial, labiodental, palatal, alveolar / dental, glotal e velar.

TABELA 14: Contexto Precedente – Resultados para /e/

Contexto Precedente	[E]		[e]		[i]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Alveolar /Dental <i>d[E]cênio</i> <i>t[e]lefone</i> <i>c[i]mitério</i>	43% (828/1925)	.52	47% (904/1925)	.48	10% (193/1925)	.57
Bilabial <i>esp[E]cialização</i> <i>p[e]riodo</i> <i>b[i]souro</i>	45% (397/882)	.51	45% (394/882)	.46	10% (91/882)	.59
Velar <i>qu[E]rido</i> <i>qu[e]rido</i> <i>qu[i]rido</i>	32% (59/183)	.31	57% (104/183)	.63	11% (20/183)	.63
glotal <i>r[E]lógio</i> <i>r[e]lógio</i> <i>r[i]cife</i>	26% (106/405)	.33	72% (293/405)	.81	2% (6/405)	.51
Labiodental <i>f[E]deral</i> <i>v[e]stígios</i> <i>f[i]liz</i>	53% (200/397)	.56	44% (166/397)	.52	3% (13/397)	.27
Palatal <i>j[E]suíta</i> <i>boch[e]chava</i> <i>j[i]rimum</i>	51% (87/171)	.89	31% (53/171)	.17	18% (31/171)	.75
Total	43% (1677/3947)		48% (1916/3947)		9% (354/3947)	

Com base na tabela 14, verificamos que os segmentos consonantais alveolares / dentais, bilabiais e palatais em posição anterior contribuem para o abaixamento e para a elevação de /e/, as labiodentais contribuíram para o abaixamento e para a manutenção, enquanto as consoantes velares e a glotal favoreceram a manutenção e a elevação da

média anterior. Os segmentos anteriores, na sua totalidade, contribuem mais para a realização alta do que para as baixas.

TABELA 15: Contexto Precedente – Resultados para /o/

Contexto Precedente	[O]		[o]		[u]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Alveolar / Dental <i>fíl[O]sofia</i> <i>n[o]civa</i> <i>s[u]brinho</i>	38% (339/897)	.60	54% (482/897)	.48	8% (76/897)	.37
Bilabial <i>b[O]neca</i> <i>em[o]ções</i> <i>b[u]nito</i>	33% (196/587)	.41	47% (275/587)	.46	20% (116/587)	.74
Velar <i>g[O]stosura</i> <i>neg[o]cia</i> <i>alg[u]dão</i>	40% (240/608)	.43	43% (259/608)	.51	17% (109/608)	.62
Glotal <i>r[O]dar</i> <i>r[o]dar</i> <i>r[u]dar</i> *	38% (34/91)	.65	61% (56/91)	.62	1%* (1/91)	.03
Labiodental <i>v[O]tarei</i> <i>ff[o]tografia</i> <i>ff[u]guete</i>	16% (21/129)	.50	77% (99/129)	.55	7% (9/129)	.40
Palatal <i>colch[O]nete</i> <i>j[o]gado</i> <i>reloj[u]eiro</i>	21% (22/103)	.41	67% (69/103)	.76	12% (12/103)	.16
Total	35% (852/2413)		51% (1238/2413)		14% (323/2413)	

* Tratam-se de dados fictícios criados para eliminar os *nock outs*.

Na tabela 15, as consoantes palatais e labiodentais contribuem para a manutenção da média pretônica posterior. As alveolares / dentais contribuem apenas para o abaixamento. As velares favorecem a manutenção e elevação também de /o/. Favorecem apenas o alteamento, as bilabiaais. A glotal contribui para a manutenção e também para a elevação.

Ao contrastarmos os contextos anteriores favoráveis para /e/ e /o/, notamos que os pesos mais altos estão ligados diretamente às realizações da variável [e].

Voltemos a comparar, agora, apenas os pesos relativos dos contextos fonológicos anteriores como influenciadores do comportamento das médias pretônicas:

TABELA 16: Contexto Precedente (Tabela 14 x Tabela 15)

Contexto Anterior	[E]	[e]	[i]	[O]	[o]	[u]
Alveolar / Dental	.52	.48	.57	.60	.48	.37
Bilabial	.51	.46	.59	.41	.46	.74
Velar	.31	.63	.63	.43	.51	.62
Glotal	.33	.81	.51	.65	.62	.03
Labiodental	.56	.52	.27	.50	.55	.40
Palatal	.89	.17	.75	.41	.76	.16

De acordo com os dados apresentados no quadro acima, as consoantes alveolares / dentais contribuem para o abaixamento de ambas as médias pretônicas e para a elevação de /e/. A literatura afirma que as consoantes alveolares são mais baixas em relação a sua articulação, isso pode explicar o favorecimento da realização das médio-baixas [E], [O], porém não explicaria a elevação de /e/ com PR .57. Outro fato que deveríamos prestar atenção é defendido nos estudos de Bisol (1981), quando a mesma afirma que:

“...as consoantes alveolares, tem a realização da articulação com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique um pouco levantada, tenderia a não favorecer o processo de harmonização, por não ter pontos de semelhanças com a vogal assimiladora”(p.93)

A autora ainda explica que “*as alveolares estão mais próximas, articulatoriamente, das vogais baixas às altas, infere-se que a combinação alveolar e vogal média ou o contrário, não contexto, que motive a aplicação da regra que altera a pretônica*” (Idem, p.94). O que explicaria, portanto, o favorecimento da alveolar para a elevação da média anterior que apresentou um PR .58? Poderíamos propor duas hipóteses, o contexto fonológico posterior, ou o fato de, mesmo sendo a alveolar uma consoante com uma articulação mais baixa, a pronúncia com a parte da frente da língua levantada poderia influenciar mais a vogal anterior do que a posterior, pois aí encontraríamos o traço de labialidade das vogais posteriores que, por si própria, são favorecedoras da elevação.

Ao compararmos os dados do Recife com outros trabalhos como os de Silva (1989) para a fala dos soteropolitamos e Pereira (1997) para a fala dos pessoenses, observamos que o mesmo processo ocorre em Salvador e João Pessoa, onde a alveolar influencia a realização alta de /e/, mas não a de /o/. Diferentemente do estudo de Graebin na fala de Formosa / GO, que mostra a alveolar como favorecedora de ambas as médias pretônicas.

As consoantes labiais, conforme alguns trabalhos, influenciam diretamente na elevação das médias pretônicas, por ter o traço de labialidade, o que faz com que as vogais que as tenham como contexto posterior ou anterior se elevem. Nos dados apurados em nosso estudo, constatamos que as consoantes bilabiais favorecem a elevação de ambas as pretônicas, e as labiodentais favorecem quase que diretamente a realização das mesmas

variantes. Estas últimas contribuem para a realização das variáveis mais baixas e para a manutenção.

Se, de acordo com a literatura, as consoantes labiais são responsáveis pela elevação por possuírem o traço de labialidade que tem sua realização articulatória alta, o que estaria fazendo com que elas apresentassem estes resultados para a realização mais baixa? Talvez o contexto posterior possa explicar. O que podemos inferir é que, no caso da elevação de /o/ e não de /e/, as vogais posteriores são mais arredondadas que as anteriores, pois segundo Bisol (1981, p.96):

Considerando-se que a labialidade é um traço das vogais posteriores que gradualmente se acentua à medida que se vai da vogal baixa para a alta, é a vogal /u/ aquela que se caracteriza, em princípio, por maior labialização. Essa comunhão de traços entre a consoante labial, por sua constituição, e vogal posterior, sobretudo /u/, é que torna a labial um contexto favorecedor da elevação da vogal, de tal forma que chega a ocorrer sem a presença do condicionador da regra de harmonização.

Compactuando com o argumento acima observemos os pesos relativos dispostos na tabela anterior. O PR .74 para [u] é bem maior que o de [i], PR. .59, no que tange à bilabial. Diferentemente, as labiodentais não se mostraram favorecedoras da elevação das vogais médias pretônicas.

As palatais em contexto anterior contribuíram para o abaixamento e para a elevação de /e/ e para a manutenção de /o/. Apesar de as consoantes palatais terem seu ponto de articulação alto, estas consoantes tem um comportamento diferenciado, Bisol (1981 p. 95) já afirmara que *“a elevação da vogal diante da palatal é, pois sempre condicionada à presença da vogal alta”*. É o que percebemos para a elevação de /e/ (*j[i]rimum*), mas não de /o/. Neste caso seria a própria consoante o fator da motivação comportamental. O abaixamento seria explicado pela presença de uma vogal baixa na sílaba subsequente,

isto para /o/, (*c[O]lch[O]nete*). Poderíamos também inferir que a vogal da sílaba posterior desempenharia um papel fundamental. Deixemos, porém, esta discussão para os contextos vocálicos que iremos investigar no próximo tópico.

Os segmentos velares contribuíram para a manutenção e elevação de ambas as médias pretônicas. A literatura afirma que as consoantes velares são fortemente favorecedoras da elevação ou das variáveis mais altas porque têm seu ponto de articulação alto. Na fala do recifense culto esta hipótese é fortemente constatada, pois os dados apresentaram peso relativo maiores para a manutenção e elevação das pretônicas, para [e] .81, [i] .51, e para [o] .51, [u] .62. Em concordância com o nosso estudo, os trabalhos de Celia (1994), Silveira, (2008), Yacovenco (1993), Silva (1989), Bisol (1981) e Graebin (2008) obtiveram a velar como segmento contribuinte para a elevação de ambas as médias pretônicas. Para o abaixamento, os trabalhos de Pereira (1997), Graebin (2008) e Freitas (2001).

A consoante glotal não apresentou um padrão comportamental diante do exposto, para a vogal pretônica anterior, ela mostrou-se significativamente favorecedora da manutenção com PR. .81 e PR. .51 para a elevação. Já para /o/, apresentou-se favorecedora do abaixamento, PR. .65, e para a manutenção PR. .55.

Os índices menores expostos na tabela acima estão direcionados aos dados fictícios utilizados para eliminar os *nock outs* que ocorreram para a realização de [u] diante de uma glotal PR. .03. Outros pesos relativos menores foram constatados nas palatais, para a manutenção de /e/, PR. .17, e para a elevação de /o/, PR. .16.

3.2.1.2. Contexto Posterior

Os segmentos observados pertencentes ao contexto posterior são os mesmos observados no contexto anterior, ou seja: alveolar / dental, bilabial, labiodental, palatal, glotal e velar. Como dissemos no item 3.1.1.1, exporemos estatisticamente os dados para /e/, paralelamente aos dados para /o/. Faremos a análise de ambos os dados, o cruzamento dos pesos relativos relevantes e por fim o confronto entre os segmentos posteriores e anteriores a fim de observarmos quais os segmentos que influenciaram tanto anterior como posteriormente.

O contexto posterior também é fator comum observado em todos os trabalhos aqui analisados. Buscamos nele algumas respostas para o comportamento variável das médias pretônicas. Pesquisas sociolinguísticas que estudam os aspectos fonéticos / fonológicos, em geral, se utilizam desta influência fronteira da sílaba para tentar explicar como a variação ocorre.

Como podemos notar nesta gama de estudos que se referem ao comportamento das médias pretônicas, as consoantes que têm o traço mais alto, como as velares e as palatais, influenciam com mais frequência a elevação das médias em posição pretônica. Por sua vez, as consoantes que não apresentam traços mais altos na tabela de traços distintivos, como as alveolares, glotal e dentais, são mais propícias a favorecerem o abaixamento dos segmentos vocálicos em voga.

Vejamos, pois, os resultados numéricos obtidos para a análise do contexto posterior, suas frequências e seus pesos relativos.

TABELA 17: Contexto Posterior – Resultados para /e/

Contexto Posterior	[E]		[e]		[i]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Alveolar / Dental <i>d[E]dicação</i> <i>secr[e]taria</i> <i>d[i]sabou</i>	45% (977/2163)	.49	45% (969/2163)	.44	10% (220/2163)	.62
Bilabial <i>d[E]mitida</i> <i>r[e]provo</i> <i>d[i]pressa</i>	42% (190/451)	.58	49% (223/451)	.39	9% (38/451)	.63
Velar <i>s[E]guinte</i> <i>r[e]cuperação</i> <i>s[i]gunda</i>	28% (158/568)	.34	57% (327/568)	.63	15% (83/568)	.64
Glotal <i>d[E]rramou</i> <i>d[e]rretendo</i> <i>d[i]rreter</i>	36% (137/377)	.55	63% (238/377)	.58	1% (2/377)	.04
Labiodental <i>l[E]vado</i> <i>r[e]finado</i> <i>n[u]vidade</i>	45% (129/287)	.47	52% (148/287)	.59	3% (10/287)	.36
Palatal <i>reman[E]jada</i> <i>r[e]gião</i> <i>cort[i]jar*</i>	85% (86/101)	.91	14% (14/101)	.14	1% (1/101)	.08*
Total	43% (1677/3947)		48% (1916/3947)		9% (354/3947)	

Respaldados na tabela 17, vemos que as consoantes alveolares contribuíram para a elevação da média anterior pretônica. As consoantes bilabiais contribuíram para o abaixamento e para elevação, as velares para a manutenção e para elevação. A

* Trata-se de dados fictícios criados para eliminar os *nock outs*.

consoante palatal não se mostrou favorável para a elevação média anterior com o PR. .08. Trata-se de um dado criado para eliminar o *nock out*, pois como podemos observar a elevação da média anterior diante de consoantes palatais é muito baixo ou inexistente.

No que tange ao favorecimento da elevação, as três consoantes: velar, alveolar e bilabial apresentaram índices significativos de .64 para a primeira, .62 para a segunda e .63 para a terceira. Vale ressaltar que a bilabial também apresentou-se como favorável ao abaixamento de /e/, com PR. .58.

Ao comparar com os trabalhos analisados até aqui, resultados semelhantes também foram encontrados. Quanto ao favorecimento da velar para a elevação quase todos os trabalhos também apresentaram a mesma como fator relevante, Celia (2004), Silveira (2008), Yaconvenco (1993), Graebim (2008), Silva (1989) e Bisol (1981).

Ainda no que toca às alveolares, é senso comum na literatura, como vimos anteriormente, que estas consoantes têm o traço + *baixo* e que, portanto, deveria favorecer o abaixamento da média pretônica, o que não aconteceu na fala culta do Recife, o índice mais alto, com relação à pretônica média anterior, foi para o alteamento. A palatal em sentido contrário também não influenciou o alteamento da média anterior, apesar de terem o traço + *alto*, estas consoantes favoreceram significativamente com PR. .91, o abaixamento da média posterior.

As consoantes labiais (bilabial e labiodental) não se apresentaram de forma coesa seguindo um único parâmetro. O que podemos perceber é que apresentaram índices distintos. Enquanto as bilabiaes favoreceram o abaixamento e a elevação de /e/, as labiodentais favoreceram a manutenção, contrariando os índices apresentados nos trabalhos aqui analisados. Mais a frente, quando cruzarmos os pesos relativos das duas

pretônicas e a posição dos segmentos fonológicos anteriores e posteriores poderemos ter uma explicação mais plausível.

O segmento glotal apresentou-se mais favorável para a elvação de /e/. Sabe-se que a consoante glotal tem seu traço + *alto*. Na língua falada culta do Recife esta hipótese não é sustentada pelos pesos relativos .55 para o abaixamento e .58 para a manutenção da vogal média anterior. O menor índice que obtivemos foi direcionado para a elevação da glotal com PR. .04. Não se tratou aqui de um dado fictício, mas podemos perceber que vocábulos com o contexto posterior preenchido por uma glotal não são alçados. Como exemplo, temos o único dado que foi pronunciado duas vezes e pelo mesmo falante, *d[i]rreter*.

Outras variantes que obtiveram pesos relativos abaixo de .50 e desfavorecedores à aplicação de uma das regras do comportamento da média pretônica anterior foram a manutenção de [e] pelas bilabiais, com PR. .39, o alteamento motivado pelas labiodentais com PR. .36 e a manutenção motivada pelas palatais com PR. .14.

Seguimos mostrando os dados da tabela 18, que traz os pesos relativos e a frequência para a variável [o]. Esperamos que com o destrinchar das informações possamos ter mais maturidade para costurarmos argumentos que venham nos elucidar os fenômenos em pauta. Após a análise da tabela, ainda disporemos do outro confronto de dados entre as variantes posterior e anterior. Por fim, os pesos relativos descritos na tabela terão a intenção de confrontar todas as variantes e todos os contextos consonantais.

TABELA 18: Contexto Posterior – Resultados para /o/

Contexto Posterior	[O]		[o]		[u]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Alveolar/Dental <i>n[O]tícia</i> <i>l[o]tada</i> <i>alg[u]dão</i>	37% (430/1179)	.52	51% (600/1179)	.55	13% (149/1179)	.39
Bilabial <i>t[O]mada</i> <i>aut[o]mático</i> <i>s[u]brinho</i>	47% (150/319)	.75	32% (103/319)	.21	21% (66/319)	.59
Velar <i>ort[O]gráfico</i> <i>[o]c[o]rrência</i> <i>b[u]cado</i>	30% (11/271)	.30	83% (226/271)	.70	6% (15/271)	.38
Glotal <i>ac[O]rdar</i> <i>ac[o]rdar</i> <i>p[u]rque</i>	37% (140/380)	.28	51% (194/380)	.69	12% (46/380)	.59
Labiodental <i>n[O]vidade</i> <i>n[o]venta</i> <i>cot[u]velada</i>	42% (81/194)	.60	42% (82/194)	.22	16% (31/194)	.82
Palatal <i>rel[O]joeiro</i> <i>n[o]jenta</i> <i>b[u]chechar</i>	30% (21/70)	.64	47% (33/70)	.26	23% (16/70)	.82
Total	40% (852/2413)		51% (1238/2413)		8% (323/2413)	

A tabela 18, que apresenta o resultado do contexto posterior para a vogal pretônica posterior, mostra que as alveolares contribuíram unicamente para a manutenção e abaixamento desta variável, contrariando os resultados da vogal anterior que teve sua influência apenas para a elevação. Nos outros trabalhos, a alveolar também contribuiu,

assim como na nossa pesquisa, para a manutenção da pretônica posterior na fala dos cariocas, Yacovenco (1993), e dos formosenses, Graebin (2008).

As consoantes labiais (bilabiais, labiodentais) e as palatais contribuíram para o abaixamento e para a elevação de /o/. As bilabiais com PR .75 para o abaixamento e .59 para a elevação, já as labiodentais apresentaram os índices de PR. 60 para o abaixamento e PR. .82 para a elevação. O índice mais alto obtido foi a elevação de /o/ diante de uma labiodental ou de uma palatal, que apresenta resultados semelhantes aos das labiais, chegando a se aproximar numericamente da labiodental, para ser mais exato.

Voltando à discussão sobre as consoantes palatais, utilizamos os resultados de outras pesquisas para corroborar com os nossos dados. As mesmas contribuíram para a o abaixamento de /o/ com PR .64 e para a elevação com PR .82, assim como os estudos de Silveira (2008), Silva (1989), Bisol (1981) e Graebim. As consoantes palatais são boas condutoras do processo de elevação, isto tem se comprovado na análise do Português Brasileiro. Além deste argumento, devemos levar em consideração que a baixa quantidade de vocábulos presentes nos *corpora* do nosso trabalho deve ser observada com cautela diante um índice bastante relevante, apenas 16 palavras: *buchechar* (6 ocorrências), *brochura* (2 ocorrências), *brocheiro* (3 ocorrências), *psicologia* (2 ocorrências) e *mochila* (3 ocorrências), se mostraram favorecedoras para a aplicação da regra.

Por sua vez, a velar contribuiu apenas para a manutenção de /o/, concordando com a averiguação de Yacovenco (1993) na fala culta dos cariocas.

A glotal confirma nossas expectativas contribuindo para as variantes mais altas, diferentemente dos dados obtidos para a vogal média pretônica anterior, onde a mesma favoreceu o abaixamento e a manutenção.

Passemos agora a análise do confronto de ambas as médias pretônicas diante do contexto posterior.

TABELA 19: Contexto Posterior (Tabela 17 x Tabela 18)

Contexto Posterior	[E]	[e]	[i]	[O]	[o]	[u]
Alveolar / Dental	.49	.44	.62	.52	.55	.39
Bilabial	.58	.39	.63	.75	.21	.59
Velar	.34	.63	.64	.30	.70	.38
Glotal	.55	.58	.04	.28	.69	.59
Labiodental	.47	.59	.36	.60	.22	.82
Palatal	.91	.14	.08*	.64	.26	.82

No confronto das variáveis com os segmentos posteriores podemos perceber que os contextos que favoreceram por um lado a uma das variáveis, não favoreceram a outra. A alveolar / dental contribuiu para o abaixamento e manutenção de /o/, e apenas à elevação de /e/.

As bilabiais se mostraram favorecedoras do abaixamento e da elevação de ambas as pretônicas. Apesar de possuírem o traço de labialidade que deveria contribuir para a elevação da média pretônica, apresentaram como favorecedoras também do abaixamento de ambas as pretônicas.

Comportamento diferente aos das bilabiais tiveram as labiodentais, apresentando-se como favorecedoras da manutenção de ambas as pretônicas e da elevação da vogal posterior.

A glotal teve resultados bem distintos com relação ao comportamento das vogais em estudo. Para /e/, ela se mostrou como favorecedora do abaixamento e da manutenção, para /o/, mostrou-se favorecedora da manutenção e da elevação.

A palatal, apesar de ter o traço + *alto*, mostrou-se mais favorecedora do abaixamento, pois os maiores índices foram para o abaixamento, trazendo um grande questionamento sobre o que estaria motivando tais resultados. Talvez com o estudo sobre qual tipo de vogal tônica ou pretônica seguinte possamos ter resultados mais plausíveis.

Uma outra surpresa foi o comportamento das velares que também gozam do seu ponto de articulação alto. Aqui elas contribuíram apenas com a manutenção de ambas as pretônicas e quase com o mesmo peso relativo.

Com intuito de apresentarmos uma descrição mais detalhada e mais eficaz, exporemos agora a demonstração de todos os pesos relativos referente aos segmentos posteriores e anteriores a fim de melhor fazermos uma averiguação.

TABELA 20: Contextos anterior e posterior
(Tabela 16 x Tabela 17 x Tabela 18 x Tabela 19)

Variantes	[E]		[O]		[e]		[o]		[i]		[u]	
	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P
Alveolar / Dental	.52	.44	.60	.52	.48	.44	.48	.55	.57	.62	.37	.39
Bilabial	.51	.58	.41	.75	.46	.39	.46	.21	.59	.63	.74	.59
Velar	.31	.34	.43	.30	.63	.63	.51	.70	.63	.64	.62	.38
Glotal	.33	.55	.65	.28	.81	.58	.62	.69	.51	.04	.03	.59
Labiodental	.56	.47	.50	.60	.52	.59	.55	.22	.27	.36	.40	.82
Palatal	.89	.91	.41	.64	.17	.14	.76	.26	.75	.08	.16	.82

As últimas observações que fazemos sobre a influência dos contextos anterior e posterior sobre o comportamento das vogais médias pretônicas consistem em mapear quais os segmentos que de igual forma contribuíram, quer seja em contexto anterior ou posterior. Deste modo agrupamos as variantes de acordo com as suas realizações: médio-baixas, médio-altas e altas e destacamos as que apresentaram peso relativo igual ou superior a PR. **.50** (vermelho negrito) e as que apresentaram-se de igual forma como descrito anteriormente (preto negrito + preenchimento amarelo). Os contextos que apenas foram utilizados em uma posição não serão mais observados aqui, tendo em vista que já foram expostos anteriormente.

Iniciemos pelas alveolares que se mostraram favorecedoras do abaixamento de /o/, tanto em contexto anterior, quanto posterior, mas não para [E] em contexto posterior. De igual modo também contribuíram para o alçamento de /e/, mas não de /o/. Aqui elas também favorecem o alteamento em contexto anterior e posterior de /e/.

Quanto às consoantes labiais, temos duas considerações a serem feitas: i) as bilabiais contribuíram para o abaixamento da média pretônica anterior e da elevação de ambas as pretônicas nos dois contextos, ii) as labiodentais contribuíram para o abaixamento de /o/ em ambas as posições e da manutenção de /o/ também em ambos os contextos.

A glotal nos trouxe uma relevante informação quando observada, constatamos que a mesma contribuiu para a manutenção de ambas as pretônicas e em ambos os contextos.

Por fim, as velares, que também têm se apresentado como consoantes favorecedoras da elevação da média anterior, aparecem como fortes instigadoras da manutenção de ambas as pretônicas e também, assim como a glotal, em ambos os contextos.

3.2.1.3. Vogal da Sílabla Tônica

Nos trabalhos abordados nesta pesquisa identificamos alguns resultados semelhantes. O fato que mais chama a atenção é a influência que a vogal presente numa sílaba adjacente tem sobre a vogal da sílaba vizinha, o que pode ser explicado pelos processos de harmonização vocálica ou assimilação regressiva.

Informamos de antemão que, como disséramos nos procedimentos metodológicos, foi nossa intenção analisar todas as vogais, pois comparando previamente os resultados dos nossos dados com os de pesquisas já realizadas, constatamos que, com exceção das

vogais altas, as demais podem influenciar a realização do processo de abaixamento, manutenção ou elevação de forma homorgânica. A não ser a vogal alta anterior que na maioria dos trabalhos, Celia (2004); Silveira (2008); Silva (1989); Bisol (1981) e outros se mostrou como favorecedora tanto para a elevação de /e/ quanto para a elevação de /o/.

Dispusemos de todas as vogais segundo a classificação de Matoso Câmara, 2004, agrupando-as em posição tônica e pretônica seguinte para tentar nos responder algumas questões levantadas nas hipóteses inicialmente formuladas nesta pesquisa.

A priori cabe ressaltar o argumento quanto à altura das vogais, pois é necessário termos uma idéia de como as vogais se organizam e se apresentam quanto à cavidade bucal. Segundo o diagrama de Daniel Jones citado em Bisol, 1981, p. 114, a vogal alta anterior corresponde à posição mais elevada da língua, enquanto a alta posterior corresponde paralelamente à médio-baixa /e/. Portanto, para a autora, *o espaço da cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o das posteriores*, o que resulta no fato de ser a vogal alta anterior mais alta que a posterior (Idem, 1981, p. 114). Mais a frente, traremos este diagrama e explicaremos mais detalhadamente a sua relevância para nossa pesquisa.

A tabela abaixo trata dos índices e pesos relativos das vogais das sílabas tônicas em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas.

TABELA 21: Comportamento da pretônica em relação a vogal da sílaba tônica – Resultados para /e/

Vogal da Sílaba tônica	[E]		[e]		[i]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
[a] <i>t[E]st[a]va</i> <i>ap[e]s[a]r</i> <i>d[i]sab[a]va</i>	38% (383/1022)	.43	60% (608/1022)	.67	3% (31/1022)	.32
[E] <i>d[E] cola</i> <i>b[e]nem[E]rito</i> <i>c[i]mit[E]rio</i>	40% (107/269)	.46	45% (120/269)	.48	16% (42/269)	.75
[e] <i>acont[E]c[e]r</i> <i>acont[e]c[e]r</i> <i>d[i]sisp[e]ro</i>	66% (114/172)	.68	33% (56/172)	.43	1% (2/172)	.17
[i] <i>d[E]sist[i]r</i> <i>p[e]squ[i]sa</i> <i>acont[i]c[i]am</i>	52% (412/794)	.61	30% (240/794)	.26	18% (142/794)	.81
[O] <i>dir[E]t[O]rio</i> <i>dir[e]t[O]rio</i> <i>d[i]m[O]ra</i>	27% (22/83)	.25	72% (60/83)	.85	1% (1/83)	.15
[o] <i>c[E]b[o]la</i> <i>n[e]rv[o]so</i> <i>d[i]saf[o]ro</i>	62% (67/108)	.78	20% (22/108)	.16	18% (19/108)	.74
[u] <i>lit[E]rat[u]ra</i> <i>arquit[e]t[u]ra</i> <i>c[i]l[u]lar*</i>	48% (29/60)	.68	50% (30/60)	.43	2% (1/60)	.25*
[ã] <i>al[E]g[ã]ndo</i> <i>com[e]ç[ã]ndo</i> <i>s[i]gur[ã]ça</i>	18% (44/243)	.27	77% (188/243)	.75	5% (11/243)	.51

[~e] <i>adol[E]sc[~e]ncia</i> <i>d[e]s[~e]nho</i> <i>apar[i]tim[~e]nte</i>	35% (136/387)	.47	58% (223/387)	.57	7% (28/387)	.58
[~i] <i>cons[E]gu[~i]ndo</i> <i>cons[e]gu[~i]ndo</i> <i>agr[i]d[~i]ndo</i>	44% (22/50)	.34	4% (2/50)	.05	52% (26/50)	.96
[õ] <i>am[E]dr[õ]ntar</i> <i>am[e]dr[õ]ntar</i> <i>am[i]dr[õ]ntar*</i>	5% (1/21)	.06	91% (19/21)	.93	5% (1/21)*	.50*
[~u] <i>j[E]rim[~u]m</i> <i>p[e]rf[~u]me</i> <i>j[i]rim[~u]m</i>	18% (14/80)	.17	45% (38/80)	.41	35% (28/80)	.86
Ditongo oral <i>ac[E]ler[ow]</i> <i>ch[e]gu[ej]</i> <i>agr[i]d[iw]</i>	57% (274/474)	.68	38% (179/474)	.39	4% (21/474)	.37
Ditongo Nasal <i>dec[E]pç[ãw]</i> <i>d[e]cis[ãw]</i> <i>d[i]cis[ãw]*</i>	28% (52/184)	.41	71% (131/184)	.75	1% (1/184)	.06*
Total	43% (1677/3947)		48% (1916/3947)		19% (354/3947)	

A primeira impressão que temos ao observar a tabela acima é que os nossos dados não diferem muito dos apurados nas outras pesquisas realizadas na região nordeste. Assim como em Salvador, os dados de Recife também apresentam a influência da alta anterior como favorecedora da elevação e abaixamento de /e/.

Conforme os dados supra citados, notamos que a vogal baixa mostra-se como favorecedora da manutenção de /e/ com PR .67. Este resultado pode ser comparado aos

* Exemplos fictícios para eliminar os *nock outs*.

estudos de Yacovenco, 1993 e Freitas, 2001. Em ambos os trabalhos, a vogal baixa aparece como favorecedora da manutenção.

A vogal médio-baixa anterior contribui apenas para a elevação de /e/, com PR. .75, enquanto a posterior favorece a manutenção, com PR. .85. Conforme veremos nas próximas descrições, as vogais da sílaba tônica não apresentam uma relação de homorganicidade com a vogal média anterior, não neste primeiro momento, onde estamos analisando as vogais médio-baixas.

As vogais médio-altas contrariando a maioria dos estudos elencados aqui, apresentam índices semelhantes quando se trata da influência do abaixamento das pretônicas. A vogal médio-alta em posição tônica favorece este fenômeno com o PR. .68, e a vogal tônica posterior favorece com PR. .78. Esta análise trata do abaixamento, porque quando nos focalizamos no alteamento, apenas a vogal médio-alta posterior aparece como favorecedora, mais uma vez não vemos uma relação de homorganicidade. Então o que estaria motivando estas vogais a terem este comportamento?

As vogais altas, tidas como as principais influenciadoras do processo de elevação, aqui aparecem contrariando o que ocorrera nos processos de manutenção e abaixamento. Como incide nos outros dos trabalhos, a vogal alta anterior aparece como favorecedora da elevação de ambas pretônicas. O contrário não ocorre porque existe, pelo menos neste fenômeno, uma relação homorgânica. Isto é comprovado quando observamos o processo de elevação, a vogal alta anterior aparece como o PR. .81, enquanto a alta posterior não apresentou dado algum, restando-nos, por uma questão de salvaguardar a pesquisa, a opção de inserirmos um dado fictício, com o intuito de eliminarmos os *nocks outs*. Quanto ao processo de abaixamento, os resultados encontrados em nossa pesquisa

corroboram com os resultados de Silva, 1998, na fala dos soteropolitanos. Poderíamos afirmar, então, que seria uma característica do dialeto do nordeste.

As vogais nasais também foram estruturadas uma a uma, afinal é nossa intenção detectarmos, *in locu*, como estas vogais, em posição tônica, agem como influenciadoras das vogais médias em posição pretônica.

De antemão, vale ressaltar que quase todas as vogais nasais, com exceção de [õ], que não apresentou dado algum para a elevação, contribuíram para o alteamento da vogal média anterior em posição pretônica, e nenhuma contribui para o abaixamento. Neste caso a nasalidade é uma forte favorecedora da elevação, mesmo sendo esta pretônica uma oral, *s[i]gur[ã]nça*, *aparent[i]m[~e]nte*, *agr[i]d[~i]ndo*, *j[i]rim[~u]m*. Como favorecedoras da manutenção de /e/, as vogais nasais: /ã/ apresentou PR. .75; /~e/ com PR. .57 e /~u/, que surpreendentemente foi categórico com PR. .93, mostrando que não há variação neste caso.

Por fim, analisamos os ditongos: os nasais aparecem corroborando com as vogais nasais que não se mostraram favoráveis ao abaixamento. O PR. .75 mostra que estes segmentos vocálicos são fortes guinchos para as variantes mais altas, enquanto os ditongos orais apareceram na contra-mão do processo, ainda que mais tímido, com PR. 68 para o abaixamento.

Vejamos agora os dados da vogal média posterior em posição pretônica.

TABELA 22: Comportamento da pretônica em relação a vogal da sílaba tônica – Resultados para /o/

<i>Vogal da Sílaba tônica</i>	<i>[O]</i>		<i>[o]</i>		<i>[u]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
[a] <i>b[O]l[a]cha</i> <i>b[o]l[a]cha</i> <i>b[u]l[a]cha</i>	19% (140/752)	.21	74% (561/752)	.84	7% (51/752)	.35
[E] <i>b[O]n[E]ca</i> <i>b[o]n[E]ca</i> <i>b[u]n[E]ca</i>	18% (22/126)	.49	53 (67/126)	.44	28% (37/126)	.74
[e] <i>n[O]v[e]lo</i> <i>n[o]v[e]lo</i> <i>n[u]v[e]lo</i>	66% (73/111)	.86	18% (20/111)	.18	16% (18/111)	.37
[i] <i>d[O]rm[i]da</i> <i>d[o]rm[i]da</i> <i>d[u]rm[i]da</i>	43% (196/454)	.62	31% (140/454)	.23	26% (118/454)	.84
[O] <i>mon[O]p[O]lio</i> <i>mon[o]p[O]lio</i> <i>g[u]rdur[O]as</i>	9% (5/54)	.24	87% (47/54)	.84	4% (2/54)	.38
[o] <i>Cal[O]r[o]so</i> <i>Cal[o]r[o]so</i> <i>comp[u]sit[o]r</i>	53% (43/82)	.83	46% (38/82)	.31	1% (1/82)	.08
[u] <i>c[O]st[u]ro*</i> <i>c[o]st[u]ro</i> <i>c[u]st[u]ro</i>	3% (1/36)	.10*	50% (18/36)	.19	47% (17/36)	.96
[ã] <i>z[O]n[ã]ndo</i> <i>v[o]t[ã]ndo</i> <i>t[u]m[ã]ndo</i>	31% (35/113)	.49	66% (74/113)	.74	3% (4/113)	.22

* Exemplos fictícios para eliminar os *nock outs*.

[~e] <i>ad[O]lesc[~e]nte</i> <i>ad[o]lesc[~e]nte</i> <i>p[u]liticam[~e]nte</i>	26% (39/151)	.28	71% (107/151)	.85	3% (5/151)	.14
[~i] <i>cond[O]m[~i]nio</i> <i>s[o]br[~i]nho</i> <i>s[u]br[~i]nho</i>	27% (10/37)	.15	27% (10/37)	.32	46% (17/37)	.97
[õ] <i>ec[O]n[õ]mico</i> <i>ec[o]n[õ]mico</i> <i>ec[u]n[õ]mico*</i>	13% (3/24)	.72	83% (20/24)	.96	4%* (1/24)	.02*
[~u] <i>c[O]st[u]mes</i> <i>c[o]st[u]mes</i> <i>c[u]st[u]me</i>	4% (1/27)	.10	93% (25/27)	.88	3% (1/27)	.58
Ditongo Oral <i>c[O]zinh[ej]ro</i> <i>c[o]zinh[ej]ra</i> <i>c[u]zinh[ej]ra</i>	81% (257/317)	.94	10% (30/317)	.07	10% (30/317)	.31
Ditongo Nasal <i>c[O]raç[ãw]</i> <i>c[o]raç[ãw]</i> <i>alg[u]d[ãw]</i>	23% (29/129)	.58	63% (81/129)	.28	15% (19/129)	.87
Total	35% (854/2413)		51% (1238/2413)		14% (321/2413)	

Conforme a tabela acima, a vogal baixa contribuiu apenas para a manutenção de /o/. Resultado que também é apurado nos dados do trabalho de Yacovenco, 1993, na fala dos cariocas.

As vogais médio-baixas apresentaram comportamentos bem distintos, a anterior favoreceu a elevação de /o/, enquanto a posterior apenas contribui com a manutenção. Em ambas as vogais encontramos casos de vocábulos que podem ser pronunciados como as três realizações. Assim temos *b[O]neca* : *b[o]neca* : *b[u]neca* para /e/ tônico, e vocábulos como *g[O]rdurosas* : *g[o]rdurosa* : *g[u]rdurosas* para /o/.

Contribuíram unicamente para o abaixamento da pretônica /o/ as vogais médio-altas em posição tônica. Em nenhum outro trabalho, as vogais médio-altas em posição tônica contribuem para o abaixamento desta pretônica. Os nossos dados são bem claros no que diz respeito a esta questão. Enquanto os índices não chegam próximos dos índices apresentados.

No que cerne à influência das vogais altas, a anterior /i/ mostrou-se como favorecedora do abaixamento de /o/, com PR. .62. Nos trabalhos de Silva, 1989, na fala dos soteropolitanos, e Graebin, 2008, na fala dos formosenses, encontramos também esta vogal apresentando-se como contribuinte para o processo de abaixamento. Poderíamos inferir que este fenômeno se daria por conta de ambas as localidades estarem localizadas na região mais ao norte, conforme as isoglossas de Nascentes, 1923. As altas também, corroborando com os dados de outras pesquisas, revelam-se como fortes influenciadoras do alçamento vocálico. É o que podemos constatar neste trabalho. Para /i/ o PR. é de .84 e para /u/ o índice é categórico, PR. .96. Estaríamos nós diante de uma evidência da variação linguística? Ao menos na língua falada culta, parece que sim.

Quanto às vogais nasais em posição tônica, as vogais baixa e média anterior nasais favorecem apenas a manutenção de /o/.

A média posterior, contrariando a tendência de alçamento contribui para o abaixamento da pretônica posterior e para a manutenção da mesma. Quanto ao abaixamento, não dispomos de argumentos tão convincentes para escrevermos aqui uma explicação plausível, pois trata-se apenas de três incidências do vocábulo *ec[O]n[õ]mico*.

As vogais altas nasais se comportam tal qual as vogais orais, apresentando-se como fortes contribuintes para a elevação de /o/. O interessante talvez seja o fato de /~u/ não

ter apresentado índice tal significativo como /~i/. O resultado preponderante foi mesmo para a manutenção com PR. .88 em palavras como *c[o]st[~u]mes* e *pr[o]n[~u]ncia*.

Os ditongos orais, com PR. .94, contribuíram para o abaixamento de /o/. É um índice categórico, pois palavras como *c[O]sinh[ej]ro*, *carr[O]c[ej]ro*, *c[O]rr[ew]* parecem mais frequentes que as outras variantes. No entanto, alguns procedimentos precisam ser colocados em xeque, o primeiro diz respeito ao número de vocábulos que foram inseridos. Estamos nos referindo ao fato de algumas palavras ocorrerem mais do que outras frequentemente. Vocábulos como o primeiro e segundo exemplos não são tão comuns na língua falada, mas devemos nos deter à estrutura da pesquisa quando pusemos uma lista de vocábulos para serem lidas e estas mesmas palavras foram inseridas em um texto para leitura. Então, supostamente, sem nenhuma comprovação direta, poderia a nossa metodologia direcionar os dados para estes índices.

Os ditongos nasais também contribuíram para o abaixamento e a manutenção de /o/. O PR. .87 para a elevação comprova que vocábulos terminados em ditongos nasais decrescentes são altamente condicionados ao alçamento vocálico, *alg[u]d[ãw]*, *res[u]luç[ãw]*.

Confrontemos agora os pesos relativos de /e/ com os de /o/ para extrairmos mais respostas para as nossas hipóteses.

TABELA 23: Vogal da sílaba tônica - Resultados para /e/ e para /o/
(Tabela 21x Tabela 22)

Variantes → Vogal Tônica	[E]	[O]	[e]	[o]	[i]	[u]
[a]	.43	.21	.67	.84	.32	.35
[E]	.46	.49	.48	.44	.75	.74
[e]	.68	.86	.43	.18	.17	.37
[i]	.61	.62	.26	.23	.81	.84
[O]	.25	.24	.85	.84	.15	.38
[o]	.78	.83	.16	.31	.74	.08
[u]	.68	.10*	.43	.19	.25	.96
[ã]	.27	.49	.75	.74	.51	.22
[~e]	.47	.28	.57	.85	.58	.14
[~i]	.24	.15	.05	.32	.96	.97
[õ]	.06*	.72	.93	.96	.50	.02*
[~u]	.17	.10	.41	.88	.86	.58
Ditongo oral	.68	.94	.39	.07	.37	.31
Ditongo nasal	.41	.58	.75	.28	.06	.87

Ao analisarmos, lado a lado, a influência da vogal tônica na realização das médias pretônicas, percebemos que são quase unânimes os ambientes favoráveis ou não dos fenômenos estudados. Sendo assim, a vogal baixa contribui tanto para a manutenção de /e/ quanto de /o/ seguindo a tendência da pronúncia do Português Brasileiro descrito em outros trabalhos aqui analisados.

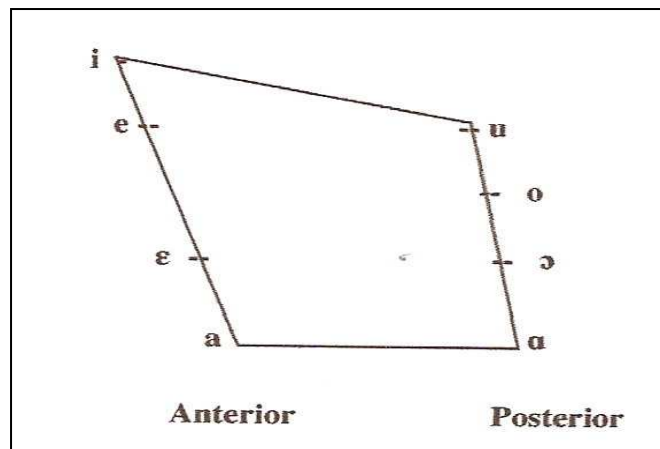
As vogais médio-baixas, [E] e [O], que em outros trabalhos aparecem como favorecedoras do abaixamento, aqui favorecem a elevação e a manutenção de ambas as pretônicas. Aparecem também na contramão das tendências as vogais médio-altas, favorecendo o abaixamento das pretônicas em estudo.

Também contribuem para o abaixamento das pretônicas as vogais altas. Contudo, existem duas diferenças bastante notórias: i) no que tange ao abaixamento, a vogal alta anterior favorece o abaixamento de ambas as pretônicas, já a posterior, apenas o abaixamento da anterior. ii) quanto à elevação, a anterior também aparece favorecendo a ambas, e apenas a elevação da posterior numa relação de homorganicidade. Segundo Bisol 1981, p.114, tal influência deve-se ao fato de ser a vogal alta anterior /i/ a vogal de realização mais alta. Conforme a autora:

Daí se deduz que a mais alta posição da língua é a que corresponde à emissão da vogal /i/, enquanto /u/ se põe em diagonal com /e/, dele não se distanciando tanto em altura quanto /i/ se distancia de /e/. Tal fato tem a seguinte razão fisiológica: o espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o espaço destinado à emissão das vogais posteriores. Consequentemente a vogal alta posterior é menos alta que a anterior. E por ser menos alta é natural que não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois convertê-la em /i/ seria provocar uma articulação mais alta que a própria. Essa afirmação é sustentada pela evidência da análise estatística de nossos dados que neste sentido apresenta valores polarizados.

A alta anterior, assim como em de outras pesquisas, mostra-se como favorecedora da elevação tanto de /e/ quanto de /o/, isto já fora explicado quando fizemos uso do diagrama de Daniel Jones para mostrar que segundo a literatura o /i/ pode influenciar tanto o alteamento de /e/ quanto de /o/. Situação contrária ocorre com a alta posterior que pode-se mostrar favorecedora da elevação de /o/ e nem sempre de /e/ como ocorre nesta pesquisa. Trata-se, portanto, de uma relação de homorganicidade.

FIGURA 8: Diagrama de Daniel Jones ¹⁴



As vogais nasais seguem uma tendência, por terem o traço de nasalidade não favorecem o abaixamento, pois as vogais nasais contêm o traço + *alto*. Com exceção de [õ] que aparece favorecendo o abaixamento de /o/, as demais tendem a favorecer às variantes mais altas (manutenção e elevação).

Desta forma, contribuem para a manutenção das pretônicas as vogais nasais baixa e médias e para a elevação, as altas.

Os ditongos orais contribuem, concomitantemente, com o abaixamento das médias pretônicas enquanto os nasais não seguem um padrão único, favorece para o abaixamento e elevação de /o/ e para a manutenção de /e/ .

1.2.1.4. Vogal Pretônica Átona Seguinte

¹⁴ Apud Bisol, 1981, p. 114.

A vogal pretônica átona seguinte é um dos critérios mais utilizados nas pesquisas sobre o comportamento das médias pretônicas em geral. Por meio desse critério tem sido possível identificar contextos específicos que contribuem diretamente ou não para as variantes em questão. Observar quais vogais permitem o espraçamento ou não de uma determinada vogal em voga é de extrema relevância para o nosso estudo. Desta forma iremos elencar todas as vogais vistas no contexto tônico. A ausência de segmento contíguo será desprezada, assim restarão do total de dados para /e/ que é de 3.947 um montante de 1.587 para a aplicação de vogais pretônicas contíguas. E quanto ao ditongo nasal, em nossa pesquisa nenhum vocábulo foi registrado com este tipo de segmento em posição contígua à pretônica.

TABELA 24: Comportamento da vogal pretônica seguinte – Resultados para /e/

<i>Vogal Pretônica Seguinte</i>	<i>[E]</i>	
	Frequência	Peso Relativo
[a] <i>compl[E]t[a]mente</i>	22% (70/316)	.45
[E] <i>ac[E]l[E]rol</i>	43% (112/260)	.58
[e] <i>b[E]st[e]rol</i>	54% (23/43)	.58
[i] <i>aqu[E]c[i]mento</i>	44% (205/465)	.64
[O] <i>c[E]l[O]fane</i>	31% (40/131)	.40
[o] <i>f[E]d[o]rento</i>	48% (13/27)	.64

[u] <i>c[E]l[u]lar</i>	15% (13/87)	.13
[ã] <i>l[E]v[ã]ntar</i>	8% (2/25)	.21
[~e] <i>d[E]f[~e]nder</i>	30% (28/94)	.51
[~i] <i>p[E]ch[~i]nchar</i>	33% (1/3)	.71
[õ] <i>am[E]dr[õ]ntar</i>	5% (2/37)	.07
[~u] <i>p[E]r[~u]mbar*</i>	3% (1/38)	.15*
Ditongo oral <i>cab[E]l[ej]reira</i>	74% (45/61)	.85
Total	34% (555/1587)	

O trabalho que tivemos em rodar os dados referentes à vogal pretônica seguinte foi o maior das variáveis linguísticas, primeiramente pelo número de vogais e ditongos a serem investigados, e também pelo número resumido de dados que pediu a inserção de mais dados fictícios para poderem ser rodados. Não poderíamos, entretanto, deixar de lado esta variável uma vez que nela estão embutidas explicações que podem elucidar questões a respeito do comportamento das vogais médias pretônicas.

Como podemos observar na tabela 24, as rodadas *Up & Down* consideraram a vogal pretônica seguinte apenas relevante para a aplicação da regra do abaixamento. Desta forma, a vogal médio-baixa anterior e a médio baixa posterior favoreceram com PR. .58

* Exemplos fictícios para eliminar os *nock outs*.

para o abaixamento de /e/. De igual modo a vogal alta anterior e a médio-alta posterior com PR. .64. Os índices mais altos, no entanto, foram apresentados pela vogal alta nasal anterior e pelo ditongo oral, a primeira com PR. .71 e a segunda com PR. .85.

Vejamos, então, os resultados da tabela seguinte, para os dados da pretônica posterior.

TABELA 25: Comportamento da vogal pretônica seguinte – Resultados para /o/

Vogal Pretônica Seguinte	[O]		[o]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
[a] <i>t[O]m[a]riam</i> <i>adv[o]c[a]tício</i>	15% (24/163)	.16	85% (138/163)	.90
[E] <i>ad[O]l[E]scência</i> <i>atr[o]p[E]lado</i>	41% (43/104)	.75	55% (57/104)	.23
[e] <i>b[O]ch[e]chava</i> <i>b[o]ch[e]chava</i>	53% (56/105)	.59	31% (33/105)	.19
[i] <i>arb[O]r[i]zado</i> <i>arb[o]r[i]zado</i>	47% (92/194)	.77	44% (86/194)	.24
[O] <i>c[O]l[O]carem</i> <i>c[o]l[O]cava</i>	58% (36/62)	.77	32% (20/62)	.20
[o] <i>dic[O]t[o]mia</i> <i>dic[o]t[o]mia</i>	25% (16/63)	.29	73% (46/63)	.83
[u] <i>p[O]p[u]lação</i> <i>p[o]p[u]lação</i>	20% (28/138)	.26	72% (100/138)	.80
[ã] <i>c[O]m[ã]ndava</i> <i>c[o]m[ã]ndava</i>	34% (1/3)	.67	33% (1/3)	.17

<p>[~e] <i>ap[O]s[~e]ntadorias</i> <i>ap[o]s[~e]ntadorias</i></p>	<p>70% (7/10)</p>	<p>.78</p>	<p>20% (2/10)</p>	<p>.19</p>
<p>[~i] <i>apr[O]x[~i]midade</i> <i>apr[o]x[~i]mar</i></p>	<p>80% (8/10)</p>	<p>.29</p>	<p>10% (1/10)</p>	<p>.45</p>
<p>[õ] <i>aut[O]n[õ]mia</i> <i>ec[o]n[õ]mizar</i></p>	<p>50% (2/4)</p>	<p>.94</p>	<p>25% (1/4)</p>	<p>.03</p>
<p>[~u] <i>apr[O]f[~u]ndar</i> <i>apr[o]f[~u]ndar</i></p>	<p>17% (1/6)</p>	<p>.48</p>	<p>67% (4/6)</p>	<p>.17</p>
<p>Ditongo oral <i>pr[O]v[ei]tosa</i> <i>pr[o]v[ei]tosa</i></p>	<p>50% (3/6)</p>	<p>.56</p>	<p>17% (1/6)</p>	<p>.05</p>
<p>Total</p>	<p>37% (317/868)</p>		<p>56% (490/868)</p>	

A tabela 25 revela-nos que o alteamento de /o/ influenciado pela vogal pretônica contígua também foi refutado pela rodada *Up & Down*. Desta feita, a vogal baixa contígua, quase em sua totalidade, contribuiu para a manutenção da vogal média pretônica anterior com PR. .90. Com índices semelhantes, as vogais posteriores [o] e [u] também favoreceram a manutenção de /o/ com PR. .83 para a primeira e PR. .80 para a segunda.

O número de vogais que se mostraram favoráveis para o abaixamento representam a maioria, pois de um total de treze segmentos analisados, oito apresentaram índices acima da média para o fenômeno citado, sendo assim, todas as vogais anteriores, a posterior médio-baixa [O], também as nasais baixa, ambas as médias e o ditongo oral.

A tabela 25 diferentemente da tabela 24 não apresentou nenhum dado fictício para solução dos *nock outs*. No entanto, alguns dados precisam de uma justificativa mais contundente para a sua análise. Assim, alguns vocábulos surgiram apenas uma vez e obtiveram pesos relativos considerados. Cabe-nos então elucidar que os pesos relativos mostram quais ambientes são mais propícios para a aplicação das regras em estudo. Mesmo que, por exemplo, nos dados da vogal nasal [ã] só apareça um único vocábulo para [O], *c[O]m[ã]ndava*, entendemos aqui, que se trata de casos que dão conta dos fenômenos em pauta.

3.2.1.5. Posição Quanto à Sílabas Tônicas

A tabela 26 nos traz os índices e pesos relativos indicativo à posição da vogal pretônica quanto à sílaba tônica, levando em consideração que esta variante foi excluída para a elevação da média pretônica anterior, e para a manutenção da média posterior na rodada *Up & Down*. Sendo assim, a distância 1 refere-se às pretônicas que estão em posição geminada à sílaba tônica. A distância 2 faz menção à vogal pretônica que contém uma outra sílaba entre ela e a sílaba tônica. A distância 3 diz respeito à pretônica que está distando duas ou mais sílabas entre a pretônica e tônica.

Em alguns trabalhos, Silveira 2008 e outros, a distância entre a vogal pretônica e a sílaba tônica não foi considerada como relevante. Na nossa pesquisa ela mostrou-se importante para corroborar com as explicações existentes quanto à manutenção e ao abixamento.

A priori vejamos os resultados para /e/ e posteriormente os resultados para /o/.

TABELA 26: Comportamento da vogal pretônica referente à posição quanto à sílaba tônica – Resultados para /E/

<i>Distância em relação à sílaba tônica</i>	<i>[E]</i>		<i>[e]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Distância 1 <i>ap[E]lidos</i> <i>ap[e]lidos</i>	47% (1111/2345)	.53	41% (972/2345)	.48
Distância 2 <i>am[E]drontar</i> <i>am[e]drontar</i>	38% (481/1262)	.48	56% (704/1262)	.50
Distância 3 <i>d[E]coração</i> <i>d[e]coração</i>	25% (85/340)	.36	71% (240/340)	.65
Total	43% (1677/3947)		48% (1916/3947)	

O programa não considerou relevante para o alteamento de /e/ a variável distância da sílaba tônica. No entanto, algumas considerações serão feitas.

Os dados apresentados na tabela 26 são bem tímidos, não cabendo a nós inferir argumentações tão plausíveis. Não podemos afirmar que a distância 1 favoreça o abaixamento, pois os pesos relativos, além de estarem muito próximos da hipótese nula, se mostram na mesma incidência. De igual forma, a distância 2 apresenta resultados semelhantes aos da distância 1. A distância 3, diferentemente da distância 1 e da distância 2, se mostrou favorável apenas para a manutenção da vogal média anterior, com PR . 65.

TABELA 27: Comportamento da vogal pretônica referente à posição quanto à sílaba tônica – Resultados para /o/

<i>Distância em relação à sílaba tônica</i>	<i>[O]</i>		<i>[u]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Distância 1 <i>ac[O]rd<u>ou</u></i> <i>alg[u]d<u>ão</u></i>	33% (502/1512)	.39	18% (268/1512)	.71
Distância 2 <i>apr[O]xi<u>mou</u></i> <i>c[u]meç<u>ando</u></i>	40% (289/729)	.68	6% (38/729)	.16
Distância 3 <i>abs[O]sul<u>atmente</u></i> <i>c[u]tove<u>luda</u></i>	36% (61/172)	.71	10% (17/172)	.38
Total	35% (852/2413)		14% (323/2413)	

A tabela 27 apresenta os dados referentes à distância da vogal pretônica posterior em relação à sílaba tônica. Esta variável mostrou-se insignificante pelo programa para a médio-alta posterior pretônica.

A distância 2 e a distância 3 mostraram-se favorecedora do abaixamento de /o/, enquanto a distância 3 apresentou-se como influenciadora do processo de elevação da média posterior.

Comparando-se as duas tabelas, 26 e 27, verificamos que nenhuma similaridade há entre elas, ou seja, apresentam dados totalmente discrepantes, o que não nos permite, como havíamos feito com as outras variáveis, confrontar os dados de ambas em tabelas.

3.2.1.6. Extensão da Palavra

As tabelas 28 e 29 trazem os índices percentuais e pesos relativos para a influência e análise da extensão da palavra no comportamento de ambas as médias pretônicas.

TABELA 28: Extensão da palavra - Resultados para /e/

Extensão da Palavra	[E]		[e]		[i]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Dissílaba <i>tr[E]lar</i> <i>b[e]ber</i> <i>f[i]liz</i>	57% (190/333)	.53	31% (103/333)	.38	12% (40/333)	.73
Trissílaba <i>apr[E]ssou</i> <i>apr[e]ssou</i> <i>m[i]nino</i>	46% (732/1594)	.53	42% (672/1594)	.42	12% (190/1594)	.60
Polissílaba <i>acad[E]mia</i> <i>am[e]dronta</i> <i>s[i]gurança</i>	37% (755/2020)	.47	57% (1141/2020)	.58	7% (124/2020)	.39
Total	43% (1677/3947)		48% (1916/3947)		9% (354/3947)	

A variável extensão da palavra não foi refutada em nenhuma das rodadas dos nossos dados. A tabela 28 nos mostra que os vocábulos dissílabos e trissílabos se mostraram timidamente favorecedores do abaixamento com PR. .53 e, um pouco mais ativo para a elevação.

Os vocábulos polissílabos contribuíram apenas para a manutenção de /e/, todavia não podemos afirmar que os mesmos não contribuíram para o abaixamento, pois o peso relativo apresentado para este fenômeno permeia os índices de aceitação.

TABELA 29: Extensão da palavra - Resultados para /o/

<i>Extensão da Palavra</i>	<i>[O]</i>		<i>[o]</i>		<i>[u]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Dissílaba <i>n[O]tou</i> <i>n[o]tou</i> <i>p[u]der</i>	44% (160/361)	.53	38% (136/361)	.35	18% (65/361)	.73
Trissílaba <i>m[O]lhada</i> <i>m[o]lhada</i> <i>b[u]neca</i>	30% (278/938)	.41	53% (496/938)	.56	18% (164/938)	.60
Polissílaba <i>metr[O]politana</i> <i>metr[o]politana</i> <i>n[u]vidade</i>	37% (414/1114)	.56	54% (606/1114)	.50	8% (94/1114)	.39
Total	43% (852/2413)		48% (1238/2413)		9% (323/2413)	

Para os resultados da posterior pretônica, os resultados se mostraram bastantes conexos em relação à pretônica /e/. Os vocábulos dissílabos se apresentam como favorecedoras do abaixamento e da elevação de /o/, assim também para /e/.

As palavras trissílabas contribuiram razoavelmente, pois os índices não nos permitem afirmar que estes vocábulos contribuam para a manutenção, uma vez que o peso relativo apresentado é .56. O peso relativo é um pouco maior para a elevação. Então podemos afirmar que os vocábulos trissílabos contribuem para a elevação da pretônica média posterior. Já os vocábulos polissílabos apenas apresentam um leve índice para o abaixamento de /o/, diferentemente da vogal média anterior que se apresentou como favorecedora da manutenção para a mesma.

3.2.1.7. Natureza da Vogal Média Pretônica

É nossa intenção neste item observar o grau de atonicidade da vogal pretônica. Desta forma, fica evidente que analisaremos o processo derivacional dos vocábulos em estudo. A átona casual se refere à vogal média pretônica que passou por mudança prosódica depois do processo derivacional, passando de tônica à átona, ou o contrário ocorrendo. A átona permanente se refere à vogal média pretônica dos vocábulos que continua com a mesma prosódia após a derivação, sobre ela não recai a sílaba tônica, pois sempre se manteve átona.

Bisol (1981) apud Silveira (2008, p. 113) afirma que “o traço da atonicidade da vogal média, por si só, é uma forte candidata ao processo de elevação”, agindo como agentes condicionadores da harmonização vocálica, uma vez que a lembrança do acento subjacente exerce uma negatividade sobre a aplicação da regra.

TABELA 30: Natureza da vogal média pretônica - Resultados para /e/

Natureza da vogal média pretônica	[E]		[e]		[o]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Átona Permanente <i>ap[E]sar</i> <i>av[e]nida</i> <i>m[i]ninas</i>	36% (860/2374)	.46	54% (1290/2374)	.53	10% (224/2374)	.51
Átona casual <i>acad[E]mia</i> <i>aqu[e]cido</i> <i>p[i]dido</i>	52% (817/1573)	.56	40% (626/1573)	.48	8% (130/1573)	.49
Total	43% (1677/3947)		48% (1916/3947)		9% (354/3947)	

Não temos resultados satisfatórios para afirmar que a natureza da vogal com relação à atonicidade aponte algumas decorrências. Os índices acima revelam, ainda que de forma acanhada, que as vogais átonas permanentes influenciam a vogal pretônica anterior no processo de manutenção e de elevação, enquanto a átona casual contribuiu para o abaixamento de /e/.

TABELA 31: Natureza da vogal média pretônica - Resultados para /o/

<i>Natureza da vogal média pretônica</i>	<i>[O]</i>		<i>[o]</i>		<i>[u]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Átona Permanente <i>b[O]neca</i> <i>b[o]liche</i> <i>b[u]nito</i>	39% (524/1358)	.50	47% (643/1358)	.47	14% (191/1358)	.57
Átona casual <i>ap[O]stou</i> <i>c[o]loca</i> <i>c[u]mida</i>	31% (328/1055)	.50	56% (595/1055)	.54	13% (132/1055)	.41
Total	35% (852/2413)		51% (1238/2413)		13% (323/2413)	

Conforme a tabela 31, para a média pretônica posterior, os índices não se apresentam tão diferentes quanto para /e/. Para o abaixamento, não podemos afirmar que nenhum tipo de átona (casual ou permanente) favoreça-o.

A átona casual aparece contribuindo para a manutenção de /o/ com PR. .54, enquanto a átona permanente favorece a elevação de /o/.

Quando pomos, lado a lado, os dados de /e/ e os de /o/ percebemos que a átona permanente aparece como favorecedora da elevação de ambas as médias pretônicas, porém, no que tange à manutenção, a ordem se inverte. Para /e/ ela aparece como favorecedora da manutenção, para /o/ quem favorece é átona casual que aparece como favorecedora do abaixamento de /e/, e para /o/ não se manifesta de forma evidente.

3.2.1.8. Tipo de Sílabas

Este item refere-se ao tipo de sílaba, se aberta, sem coda silábica, ou travada com coda silábica, que pode influenciar o comportamento das médias pretônicas.

TABELA 32: Tipo de Sílabas - Resultados para /e/

<i>Tipo de Sílabas</i>	<i>[E]</i>	
	Frequência	Peso Relativo
Aberta <i>ap[E]sar</i>	36% (860/2374)	.46
Fechada <i>c[E]rteza</i>	52% (817/1573)	.56
Total	43% (1677/3947)	

A primeira observação que fazemos nos remete a trazer à memória o que nos diz a literatura a respeito das codas silábicas que ocorrem no português, são as consoantes /n/, /s/ e /r/. Qualquer outra consoante que ocupe esta posição na sílaba trará inserida na sua estrutura uma vogal, ocasionando a epêntese, *ad/i/vogado*. A segunda diz respeito ao fato de retirarmos as vogais médias pretônicas nasais que são condicionadoras do

processo de elevação, pois as nasais possuem o traço de nasalidade. O que nos resta a dizer é que a sílaba fechada contribui apenas para o abaixamento de /e/ com PR. .56.

TABELA 33: Tipo de Sílabas - Resultados para /o/

Tipo de Sílabas	[O]		[u]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Aberta <i>af[O]gava</i> <i>b[u]neca</i>	36% (692/1950)	.51	13% (262/1950)	.53
Fechada <i>m[O]strava</i> <i>c[u]stume</i>	36% (160/463)	.48	13% (61/463)	.38
Total	36% (852/2413)		13% (354/2413)	

A tabela 33 nos mostra que a sílaba aberta favorece o abaixamento e elevação de /o/, diferentemente dos resultados obtidos para /e/. Aqui, para a pretônica anterior a sílaba aberta mostrou-se favorável para a elevação apenas. Mais o fato mais curioso aqui é que as sílabas abertas se apresentaram mais propícias para a elevação das médias pretônicas nos trabalhos verificados, Celia (2004) e Silveira (2008).

3.2.1.9. Estrutura da Sílabas

As tabelas 34 e 35 referem-se aos padrões silábicos do português. São itens que se referem à estrutura da sílaba do português demonstrando quais contribuíram para a aplicação dos fenômenos em pauta. Analisamos, ao todo, quatro padrões presentes em

nossos dados. Vale salientar que tais padrões foram incorporados dentro da perspectiva fonética e não fonológica, uma vez que estamos trabalhando diretamente com a fala.

TABELA 34: Estrutura da Sílabas - Resultados para /e/

Estrutura da Sílabas	[E]		[e]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
(CV) <i>ap[E]sar</i> <i>av[e]nida</i>	45% (1422/3151)	.54	46% (1435/3151)	.45
(CVC) <i>c[E]rteza</i> <i>c[e]rveja</i>	29% (163/554)	.31	66% (366/554)	.77
(CCV) <i>agr[E]diram</i> <i>apr[e]ssou</i>	36% (80/225)	.46	49% (111/225)	.49
(CCVC) <i>cr[E]scimento</i> <i>cr[e]scido</i>	70% (12/17)	.78	24% (4/17)	.28
Total	43% (1677/3947)		49% (1916/3947)	

A análise *Up & Down* excluiu a estrutura da sílabas da vogal pretônica e mostrou que esta não tem significância na regra da elevação de vogal média pretônica anterior. Sendo assim, a tabela acima mostra que os padrões silábicos que mais influenciaram o abaixamento foram CV, com PR. 54 e CCVC, com PR. 78.

O padrão CVC mostrou-se como favorecedor da manutenção de /e/, com significativo PR. .77. Olhando mais atentamente para estes dados poderíamos afirmar que eles demonstram uma relevância secundária para a elevação das médias pretônicas, uma vez

que, como veremos mais a frente, esta variante também não contribuiu para a elevação de /o/.

TABELA 35: Estrutura da Sílabas - Resultados para /o/

Estrutura da Sílabas	[O]		[o]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
(CV) <i>aut[O]ridade</i> <i>alg[o]dão</i>	36% (649/1786)	.50	49% (871/1786)	.48
(CVC) <i>c[O]rtezia</i> <i>ac[o]rdou</i>	37% (141/378)	.66	51% (191/378)	.31
(CCV) <i>atr[O]pelou</i> <i>bl[o]queado</i>	25% (61/243)	.29	71% (172/243)	.86
(CCVC) <i>pr[O]stituto</i> <i>pr[o]stituído</i>	17% (1/6)	.05	67% (4/6)	.94
Total	43% (852/2413)		51% (1238/2413)	

Também a análise *Up & Down* não reconheceu como relevante para a elevação de /o/ a estrutura silábica, como anteriormente havíamos dito.

De acordo com os dados apresentados para o abaixamento, podemos afirmar que o padrão CVC foi favorável com PR. .66. Já o padrão CV não apresentou um peso relativo significativo, pois o programa não reconhece como preciso um dado em posição mediana (PR. .50).

No que tange à manutenção da média posterior pretônica, os padrões CCV e CCVC mostraram índices satisfatórios. No entanto, dois fatos devem ser apurados. Ambos dizem respeito ao padrão CCVC, o peso relativo de .94 não mostra nenhuma variação linguística, o que não nos dá plena convicção ao afirmar esta proposição. O segundo chama a atenção para o fato de todos os dados desta variante, quatro no total de seis vocábulos, são da mesma etimologia, oriundos do vocábulo *prostituir*. Por fim, o padrão CCV mostrou-se como favorecedor da manutenção de /o/ com PR. .86.

3.1.10. Natureza do *Corpus*

A natureza do *corpus* visou verificar que tipo de situação, formal ou não, o falante tenderia a abaixar, manter ou elevar as vogais médias em posição pretônica. Três formas de coleta foram utilizadas, a fala espontânea, a leitura de um texto e leitura de uma lista de palavras.

Em outras pesquisas esta metodologia também foi utilizada. Temos como exemplo o trabalho de Graebim, 2008, na cidade de Formosa – GO. A autora constatou que o diálogo, ou seja, a fala espontânea obteve o maior índice para a elevação e abaixamento, enquanto a leitura de textos e de palavras obteve índices favoráveis para a manutenção de ambas as vogais médias pretônicas.

Voltemos, pois, aos nossos *corpora* e verifiquemos os índices.

TABELA 36: Natureza do Corpus - Resultados para /e/

Natureza do Corpus	[E]		[e]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Espontâneo	40% (882/2210)	.47	50% (1110/2210)	.52
Leitura de Texto	53% (524/989)	.61	39% (384/989)	.39
Lista de Palavras	36% (271/748)	.45	56% (422/728)	.58
Total	43% (1677/3947)		49% (1916/3947)	

De acordo com a tabela 36, somos levados a acreditar que a leitura de textos foi favorável ao abaixamento da média anterior, com PR. .61. E a fala espontânea e a leitura de lista de palavras foram as responsáveis pela manutenção de /e/, com PR. .52 para o primeiro e PR. .58 para o segundo.

TABELA 37: Natureza do Corpus - Resultados para /o/

Natureza do Corpus	[O]		[o]	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Espontâneo	31% (391/1282)	.40	53% (682/1282)	.54
Leitura de Texto	43% (279/652)	.65	50% (323/652)	.46
Lista de Palavras	38% (182/479)	.56	49% (233/479)	.46
Total	43% (852/2413)		51% (1238/2413)	

Tanto para /e/ como para /o/, a análise *Up & Down* apontou como insignificante para os resultados a natureza do *corpus em relação à* elevação das médias pretônicas.

Com base na tabela 37, a leitura de textos e de listas de palavras foram responsáveis pelos índices do abaixamento, enquanto a fala espontânea pela manutenção.

Com dados tão distintos assim, podemos apresentar argumentos não tão convincentes. O fato de a leitura de palavras ou de textos exigir um grau de formalismo maior e, portanto, de maior articulação fonética, explicaria porque estes modos apresentem maiores índices para o abaixamento. No entanto, temos um entrave. O peso relativo da lista de palavras para a manutenção de /e/ não se encaixa nesta regra. Por outro lado, o índice pelo mesmo apresentado não é tão alto, apenas .58, o que nos leva a sustentar a nossa hipótese. Um outro fato seria a abordagem do falante e estrutura temporal da coleta. Primeiro foi feita a coleta da fala espontânea e depois do texto. Esta mudança de modo poderia influenciar o falante, pois lhe foi dado um texto em mãos, exigindo dele maior formalidade, que a posteriori fora esquecida com a lista de palavra, uma vez que o mesmo já se encontrava relaxado (à vontade).

3.2.1.11. Natureza do Vocábulo

Este item tem o propósito de investigar e mostrar qual a natureza dos vocábulos analisados que mais contribuíram para o abaixamento, para a manutenção ou para a elevação das vogais médias em posição pretônica. Qual o grau de influência entre a natureza vocabular e o comportamento da vogal média pretônica?

TABELA 38: Natureza do Vocábulo - Resultados para /e/

Natureza do Vocábulo	<i>[E]</i>		<i>[e]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Nome	38% (900/2370)	.47	52% (1237/2370)	.50
Verbo	49% (777/1577)	.51	43% (679/1577)	.49
Total	43% (1677/3947)		49% (1916/3947)	

Respaldados pela tabela acima, verificamos que os pesos relativos apresentados não sugerem dinamicamente nenhum parecer. Os pesos relativos obtidos são tímidos e pouco nos revelam quando apurados.

Semelhantemente, ao observamos para a tabela abaixo, veremos que o mesmo processo ocorre também com a média posterior. Não temos dados significativos para apurarmos algo. O que podemos dizer de antemão é que os vocábulos nominais apresentam uma leve atuação sobre a elevação de /o/.

Um outro fenômeno muito interessante é o fato de processos distintos serem refutados pela análise *Up & Down*. Enquanto a natureza vocabular foi excluída para a elevação da média anterior, para a média posterior este fator mostrou-se irrelevante para a manutenção.

Em trabalhos como o de Freitas, 2001, que analisou a fala de Bragança – PA, os vocábulos nominais foram favorecedores da manutenção de ambas as pretônicas.

TABELA 39: Natureza do Vocábulo - Resultados para /o/

Natureza do Vocábulo	<i>[O]</i>		<i>[u]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Nome	33% (523/1570)	.51	13% (210/1570)	.53
Verbo	39% (329/843)	.49	13% (113/843)	.45
Total	35% (852/2413)		49% (323/2413)	

3.2.1. Fatores Extralinguísticos

Após a análise dos fatores linguísticos, verificaremos os fatores extralinguísticos abordados em nosso estudo, sexo/gênero e idade.

Outros fatores, tais como classe social, escolaridade, convém repetir, não foram observados pelo fato de estruturarmos esta pesquisa em torno dos falantes escolarizados, com nível superior. E, com relação à classe social, optamos também por não analisá-la por compreender que no Brasil há uma complexidade enorme em classificar socialmente os seus cidadãos. Além do mais, de acordo com o questionário aplicado, os doze falantes que fizeram parte desta pesquisas são de classe média (média ou alta).

Os fatores extralinguísticos em algumas outras pesquisas mostram-se relevantes. Neste estudo apresentaram-se timidamente, pois houve várias refutações feitas pela análise *Up*

& *Down* para estes fatores. No entanto, cabe a nós apresentarmos os poucos dados que temos e deles extrairmos o máximo de informações que pudermos.

3.2.1.1. Sexo/Gênero

Iniciaremos a nossa análise pelo fator sexo/gênero conforme demonstrado nas tabelas que se seguem.

TABELA 40: Sexo/Gênero - Resultados para /e/

<i>Sexo /Gênero</i>	<i>[E]</i>		<i>[e]</i>		<i>[i]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
<i>Masculino</i>	30% (610/2030)	.67	62% (1253/2030)	.30	8% (167/2030)	.55
<i>Feminino</i>	56% (1067/1917)	.34	35% (663/1917)	.68	10% (187/1917)	.45
Total	43% (1677/3947)		49% (1916/3947)		8% (354/3947)	

A tabela 40 nos revela que a variante feminina continua sendo a mais policiada, pois o PR. .68 nos mostra que o universo feminino prefere manter a pronúncia médio-alta da pretônica anterior, enquanto o sexo/gênero masculino contribui para o abaixamento, com PR. .67 e para a elevação, com PR. .55, confirmando que os homens são mais relaxados e inovadores.

TABELA 41: Sexo/Gênero - Resultados para /o/

<i>Sexo/Gênero</i>	<i>/o/</i>	
	Frequência	Peso Relativo
<i>Masculino</i>	55% (693/1250)	.54
<i>Feminino</i>	47% (545/1163)	.46
Total	51% (1238/2413)	

Foram excluídos da rodada *Up & Down*, por não apresentarem relevância, o abaixamento e a elevação de /o/, o que implica dizer que, no geral e devido aos dados tímidos e complexos, este fator mostrou-se de pouca importância. O primeiro fato se deve a estas exclusões, o segundo aos próprios índices apresentados, PR. .54 para o gênero/sexo masculino, e PR. .46 para o feminino apenas.

3.2.1.2. Faixa Etária

A faixa etária, assim como a variável sexo/gênero, obteve várias variantes retiradas da rodada *Up & Down*. Nas pesquisas aqui analisadas, dos fatores extralinguísticos, este foi o que se mostrou com mais relevância. Isso pode se dar por conta do choque cultural entre as gerações, quer sejam falantes da norma culta ou não. Tal evidência pode ser corroborada pelo argumento da variação sócio-histórica tão difundida nos compêndios atuais.

TABELA 42: Faixa Etária - Resultados para /e/

Faixa Etária	<i>[E]</i>		<i>[e]</i>	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
+ <i>Novos</i> (Até 39 anos)	41% (1079/2640)	.49	51% (1338/2640)	.53
+ <i>Velhos</i> (mais de 40 anos)	46% (598/1307)	.54	44% (578/1307)	.44
Total	43% (1677/3947)		49% (1916/3947)	

A tabela 42 nos revela que há pouca precisão para se extrair as informações necessárias. Diante dos dados poucos representativos que possuímos, podemos inferir que os pesos relativos resultante das rodadas dos dados não são apresentados como dados expressivos. No entanto, diante dos índices obtidos, podemos dizer que os falantes mais velhos preferem o abaixamento, enquanto os mais novos optam pela manutenção.

Trabalhos como os de Yacovenco (1993) e de Silva (1989) revelam que os falantes mais velhos mantêm a variante mais baixa, confirmando as expectativas que os mais novos estão inovando.

De acordo com o exposto acima, seria pertinente afirmar que estamos diante de uma mudança linguística ainda gradual. O fato de a elevação ter sido excluída da análise mostra que na fala culta do Recife o fenômeno de alteamento ainda não se faz tão presente.

Ao analisarmos os dados desta tabela com os índices do gráfico 1, constatamos que há uma diferença enorme quanto ao número de dados presentes. Portanto, seria necessário

estarmos atento a estes detalhes. No mais a fala dos mais novos mostram-se como mantenedora da pronúncia média fechada, o que é perceptível quando estamos no processo de coleta de dados.

TABELA 43: Faixa Etária - Resultados para /o/

<i>Faixa Etária</i>	<i>[u]</i>	
	Frequência	Peso Relativo
<i>+ Novos (Até 39 anos)</i>	14% (227/1363)	.51
<i>+ Velhos (mais de 40 anos)</i>	12% (96/823)	.48
Total	13% (323/2413)	

A única variante relevante considerada pela rodada *Up & Down* foi a elevação de /o/. Processo totalmente inverso do que encontramos para /e/. No tocante à vogal pretônica posterior, os mais novos são mais inovadores. No entanto, assim como os índices de /e/, aqui temos praticamente um panorama nulo. Pois o PR. .51 para /o/ não nos diz muita coisa.

1.2. Resumo

Neste capítulo apresentamos os dados e as análises. Foi nossa intenção apresentar as tabelas e os gráficos de forma que houvesse uma melhor compreensão na estrutura demonstrada. Dividimos os nossos fatores em linguísticos e extralinguísticos a fim de

seguirmos uma sucessão de valores quanto à relevância dos mesmos para o programa utilizado.

Iniciamos, apresentando os gráficos com o quantitativo de dados utilizados em nossa pesquisa e seus respectivos valores percentuais. Depois passamos a estudar estes fatores especificamente com o intuito de melhor extrairmos o maior número de informações possíveis.

Quando estes fatores possuíam muitas variantes, analisamo-las individualmente e depois cruzamos os dados em tabelas conjuntas com o intuito de visualizarmos melhor os resultados.

As variantes que não apresentaram relevância para a rodada *Up & Down* foram retiradas das tabelas para facilitar o processo de compreensão dos resultados e seus comentários respectivamente.

Vimos que as variáveis linguísticas se mostraram mais relevantes que as extralinguísticas, que, neste trabalho, apresentaram dados muito tímidos que pouco pudemos explorar.

Na composição das tabelas foram inseridos exemplos tendo como objetivo a facilitação da compreensão da aplicação dos fenômenos em pauta.

Diante do exposto, cabe-nos agora apresentarmos as conclusões apresentadas em nosso trabalho e detalharmos quais os fatores que contribuem para cada fenômeno estudado, sendo assim, voltamos para o objetivo inicial deste trabalho apurando os argumentos e hipóteses pelos dados assegurados.

CONCLUSÃO

Considerar que esta pesquisa tenha sido encerrada aqui é afirmar que foram esgotadas todas as investigações que a mesma possa, ainda, nos proporcionar, o que não é correto afirmar. Sabemos que poderíamos investigar outros fatores e extrairmos mais informações. No entanto, também é sabido que assim como estes questionamentos não foram completamente elucidados, não estabelecemos aqui um marco final, mas um ponto de partida para outras investigações sobre a pesquisa dialética e sociolinguística quantitativa no Brasil.

Sobre os resultados obtidos em nosso estudo através da estratificação dos dados computados, podemos afirmar que:

- Para o abaixamento de /e/, as consoantes palatais e posição anterior e posterior se mostram favorecedoras. Para a manutenção, a velares em ambos os contextos e glotal e contexto anterior. E para a elevação, mais uma vez as consoantes palatais em posição anterior juntamente às alveolares / dentais, bilabiais e velares foram as acionadoras do gatilho.
- Para o abaixamento de /o/ as alveolares/dentais, glotal e posição anterior e a bilabial em posição posterior foram as favorecedoras. Para a manutenção, apenas as palatais e a glotal em posição anterior. Já para a elevação o número de consoantes que contribuíram foi bem maior: bilabiais (em ambos os contextos), velar (em contexto anterior), e labiodental e palatal (em contexto posterior).
- A vogal tônica foi a grande influenciadora do comportamento da média pretônica, esta por sua vez não mostrou argumentos para uma possível relação

homorgânica. A vogal tônica alta anterior [i], contrariando os resultados de outros estudos, não se mostrou apenas como favorecedora da elevação de /e/, podendo também contribuir para o abaixamento. Este comportamento da vogal alta anterior não sustenta o argumento da assimilação do traço mais alto.

- Em posição tônica, as vogais orais médio-altas contribuíram para o abaixamento de ambas as pretônicas, juntamente com a alta anterior e os ditongos orais, que para /o/ apresentaram-se categoricamente como contribuintes. A vogal alta posterior e a vogal nasal [õ] apenas favoreceram o abaixamento de /e/. Quanto à manutenção, a vogal baixa, oral e nasal, médio-alta anterior e médias nasais se mostraram favorecedoras de ambas as pretônicas, a alta posterior nasal apenas para /o/, e os ditongos nasais apenas para /e/. No que se refere à elevação, a vogal médio-baixa anterior, a alta também anterior e as altas nasais contribuíram para ambas as pretônicas. A médio-alta posterior favoreceu apenas /e/, e a alta posterior e os ditongos nasais apenas /o/.
- Diante do exposto acima, percebemos que a vogal alta anterior influencia o alteamento de ambas as pretônicas enquanto a alta posterior estabelece uma relação de homorganicidade, contribuindo apenas para a elevação de /o/.
- Com relação a vogal pretônica seguinte, apenas o abaixamento foi fator em comum para as duas variantes. A vogal médio-baixa e a médio-alta anteriores, a alta anterior e os ditongos orais contribuíram para o abaixamento de ambas as pretônicas. Já a vogal médio-alta posterior, alta anterior nasal apenas contribuíram para o abaixamento de /e/, assim como a baixa e média nasais para o abaixamento de /o/. As vogais baixa, médio-alta e alta posteriores foram as favorecedoras da manutenção de /o/.

- Quanto à extensão dos vocábulos, apenas os dissílabos e os trissílabos apresentaram índices favoráveis e relevantes para a aplicação da regra do alteamento das pretônicas.
- As distâncias 2 e 3 mostraram-se mais favorecedoras do abaixamento de /o/, enquanto a distância 3 apenas se mostrou favorecedora da manutenção de /e/.
- O tipo de sílaba (aberta ou fechada) não apresentou índices relevantes para extração de quaisquer resultados.
- A atonicidade (átona casual ou átona permanente) também não apresentou índices relevantes. Apenas podemos constatar que a átona casual apresentou-se timidamente favorável para o abaixamento de /e/, de igual modo a permanente para a elevação de /o/.
- No tocante à natureza do vocábulo, os índices apresentados não foram favoráveis a quaisquer interpretações.
- A leitura de texto foi a única estratégia de coleta que apresentou resultado satisfatório, indicando que a mesma é a favorecedora do abaixamento das pretônicas, enquanto a fala espontânea indica uma leve influência para a manutenção, já a leitura da lista de palavras alternou timidamente entre o abaixamento de /o/ e manutenção de /o/.
- A variável padrão silábico apenas foi relevante para o abaixamento e manutenção das pretônicas. O padrão **CVC** favoreceu o abaixamento de /o/ e manutenção de /e/. O padrão **CCVC** mostrou-se categoricamente para a manutenção de /o/ e fortemente para o abaixamento de /e/, enquanto o **CCV** apenas contribuiu para a manutenção de /o/.

- Com base no que foi exposto até aqui percebemos que as variáveis linguísticas mostraram-se mais relevantes que as extralinguísticas para os fenômenos estudados, mostrando que a língua possui elementos que a regem internamente.
- A faixa etária não foi tida como fator relevante para a aplicação de nenhuma regra.
- A variável sexo/gênero mostrou-se apenas relevante para a aplicação das regras referente à /e/, indicando que as mulheres são mais conservadoras, optando pela manutenção enquanto os homens preferem as vogais mais baixas e levemente as altas.

Quanto às hipóteses levantadas na formatação desta pesquisa, podemos afirmar que:

- A vogal alta da sílaba tônica mostrou-se motivadora da elevação das pretônicas, no entanto, não da forma que supúnhamos. Pois, para /e/ outras vogais obtiveram índices maiores, principalmente as nasais [~i] e [~u], mostrando o mesmo que não estabelece diretamente uma relação homorgânica. Enquanto o [o] aparece com maior propensão à elevação de /o/.
- As vogais médio-fechadas não ocorrem restritamente diante de vogais de mesma altura e de certos ditongos orais como havíamos previsto, aqui elas tem as vogais baixas e algumas nasais como favorecedoras da regra.
- A alternância i::e::é e u::o::ó não é exclusivamente possível diante das altas orais /i/ e /u/, como reza a nossa hipótese.
- As consoantes alveolares se mostraram favorecedoras do abaixamento em contexto precedente para ambas as médias pretônicas e apenas da elevação de /e/.

- As consoantes bilabiais favorecem o abaixamento das médias pretônicas apenas em contexto posterior, e não em ambos os contextos como pensávamos. Aqui elas também são motivadores também da elevação.
- O padrão CV, inicial ou não, não se mostrou favorecedor do abaixamento das pretônicas.
- A consoante velar não se mostrou favorecedora da elevação em ambos os contextos. Para /e/ quando a velar aparece no contexto posterior e para /o/ em contexto posterior.
- A bilabial, apesar do traço + *baixo*, favorece a elevação de ambas as pretônicas enquanto a palatal aparece como favorável quando vem precedente para /e/ e seguinte para /o/.

Finalizando, podemos afirmar que o estudar o comportamento das vogais médias em posição pretônica na língua falada culta do recifense mostrou-nos que a língua em situação dinâmica não só apresenta a complexidade como a fascinação dos fenômenos que podem ser averiguados.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. & PAGOTTO, E. G. Nasalização vocálica no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. Gramática do português falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Fapesp, 1996. VI: Desenvolvimentos. 495-526.

BISOL, L. Harmonização vocálica: uma regra variável. 1981. Tese de Doutorado em Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. A Harmonização vocálica na fala culta. DELTA, v. 4, n. 1, 01-20, 1988.

_____. (Org.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BISOL, L. & BRESCANCINI, Cláudia. (Orgs.). Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em Língua Materna: A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI, S. M., GOMES, C. A., MALVAR, E. S., et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 20, 75-90, 1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Análise Fonológica. Mercado de Letras. Campinas, 2002.

CALLOU, D., LEITE, Y. & COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. Organon, 1991.

CALLOU, D., LEITE, Y. Iniciação à fonética e à fonologia. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1999.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR., J. M. Problemas de linguística descritiva. 13 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

_____. Estrutura da língua portuguesa. 22 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CARRERA-SABATÉ, J. Statistics in the analysis of phonetic variation: application of the Goldvarb programme. Revista de Sociolinguística [on line]. Disponível: <http://cultura.gencat.es/llengcat/noves/> [capturado em 13/06/2009]

CARVALHO, J. H. D. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas E e O em sílaba átona. In: Estudos linguísticos. Coimbra: Atlântida Editora, 1969.

CELIA, G. F. As vogais médias na fala culta de Nova Venécia. 2004. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas.

CLARK, J. & YALLOP, C. An introduction to phonetics and phonology. 2 ed., Oxford: Blackwell, 1995.

CORREA, Manoel Luz Gonçalves. Linguagem e Comunicação Social: Visões da linguística moderna, São Paulo: Parábola, 2002.

GRAEBIN, Geruza de Souza. A fala de Formosa / GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas. 2008. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília.

DIAS, Marcelo Pires, CASSIQUE, Orlando & CRUZ, Regina Célia Fernandes. O alteamento das vogais pretônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Vol. 5 n. 9, agosto de 2007. [www.revel.inf.br}

DUBOIS, Jean. Et alli. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1998.

FARACO, Carlos Alberto, TEZZA, Cristóvão & CASTRO, Gilberto de. (Orgs). Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

FASOLD, R. W. Microcomputer varbrul 2 system MS-DOS version. October, 17, 1986: manuscript.

FIORIN, José Luiz Et alli (org). Introdução à Linguística I. Objetos Teóricos, São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Introdução à Linguística II. Princípios de análise, São Paulo: Contexto, 2004.

FOTOS do Recife atual. Disponível em: www.colorfotos.com.br/recife/fotosrecife.htm
Acesso em 25 de março de 2009.

FREITAS, Simone Negrão. As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança. 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.

FREITAS, Maria Teresa, SOUZA, Solange Jobim & KRAMER, Sônia. (Orgs). Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Histórico das cidades. Rio de Janeiro, IBGE, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> > acesso em: 25 de março de 2009.

GUY, Gregory R. ZILLES, Ana. Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HISTÓRIA do Recife. In: Histórico e fotos do Recife, 2009. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Recife> Acesso em: 25 de março de 2009.

HORA, Dermeval da. & COLLISCHONN, Gisela. Teoria Linguística: Fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003.

HORA, Dermeval da. (Org). Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. Ed. UFPB, João Pessoa, 2004.

JOHNSON, K. Acoustic and auditory phonetics. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997.

KENT, R. D. & READ, C. The acoustic analysis of speech. San Diego: Singular, 1992.

LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. Parábola, São Paulo. 2008.

LAVER, J. Principles of phonetics. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEE, S.-H. & OLIVEIRA, M. A. D. Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, D. D. and COLLISCHONN, G. Teoria linguística: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

LEMLE, M. Analogia na morfologia: um estudo de caso. In: Revista Brasileira de Linguística. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. v. 1. 1621.

MAPAS da cidade do Recife. In: Google Maps, 2009. Disponível em: maps.google.com.br, Acessos em 25 de março de 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). Manual de Linguística. São Paulo, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza (Orgs). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAES, J., CALLOU, D. & LEITE, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. A. Gramática do português falado. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996. V: Convergências. 33-53.

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis/RJ, Vozes, 2000.

MOTA, J. A. Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE. 1979. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa - Universidade Federal da Bahia.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs): Introdução à linguística, volume 1, domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística, volume 2 domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, volume 3, São Paulo: Cortez, 2004.

- NARO, A. J. The history of e and o in portuguese: a study in linguistic drift. *Language*, 47, 3, 615-645, 1971.
- NASCENTES, A. O linguajar carioca. 2 ed., Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. D. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C. Introdução à sociolinguística variacionista. 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. 101-114.
- OLIVEIRA, M. A. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of Sociology of Language*, 89, 93-105, 1991.
- PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e (') identidade*. EDUFAL, Maceió. 2004.
- PAOLILLO, J. C. *Analysing Linguistic Variation: statistical models and methods*. Stanford, California: CSLI, 2002.
- PASSOS, C. & PASSOS, E. O auto-segmento tonal em português. *Estudos linguísticos e literários*, UFBA, v. 1, 1984.
- PERREIRA, Regina C. Mendes. *As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano*. 1997. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba.
- POTTER, R. K., KOPP, G. A. & KOPP, H. G. *Visible speech*. New York: Dover Publications, 1966.
- RAND, D. & SANKOFF, D. GoldVarb - Version 2.0 - On line manual. April, 1990. Disponível: <http://www.crm.umontreal.ca/~sankoff/GoldVarbManual.Dir/> [capturado em 30/10/2008].
- RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (org). *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- ROBINSON, J. S., LAWRENCE, H. R. & TAGLIAMONTE, S. A. *A multivariate analysis application for windows - User's manual*. October 2001. Disponível: [capturado em 13/06/2008].
- SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U., DITTMAR, N., et al. *Sociolinguistics. An international handbook of the science of language and society*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. 984-997.
- SANKOFF, D. & LABOV, W. On the uses of variable rules. *Language Sociology*, 8, 1979.
- SCHERRE, M. M. P. Levantamento, codificação, digitação e quantificação de dados. In: MOLLICA, M. C. *Introdução à sociolinguística variacionista*. 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. 121-134.
- SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C. and BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, M. B. As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador. 1989. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa - Faculdade de Letras, UFRJ.

_____. Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon*, 18, 79-89, 1991.

SILVA, Thais Cristófar. Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Exercícios de Fonética e Fonologia. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso. As vogais pretônicas na fala culta do nordeste paulista. 2008. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. 5 ed., São Paulo: Ática, 1997.

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIEGAS, M. C. Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística. 1987. Dissertação de Mestrado em Linguística - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

VIEGAS, M. C. & VEADO, R. M. A. Alçamento de vogais pretônicas. *Revista de Estudos da Linguagem*, 2, 3, 1995.

YACOVENCO, L. C. As vogais médias pretônicas no falar culto carioca. 1993. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WEINREICH, Uriel, LABOV, Willian, HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2004.

Ficha Social do Informante

Entrevistado n°. _____ Local: _____ Data: / /

1. Nome: _____
2. Endereço: _____
3. Data de Nascimento: _____
4. Você estuda? () sim () não () nunca estudou
5. Até que série você cursou? _____
6. Por que você não continuou?

7. Você trabalha? _____
8. Que tipo de atividade você faz? _____
9. É essa a sua profissão? _____
10. Você tem outra profissão? () sim () não
11. Qual é a sua profissão? _____
12. Você é financeiramente independente? () sim () não
13. Você recebe ajuda financeira de alguém? () sim () não
14. De quem? () familiares () outros
15. Qual a sua renda mensal aproximada (ou renda familiar, se for independente)?
Renda individual: _____ Renda familiar: _____
16. Além de você, quantas pessoas moram em casa? _____
17. Qual a relação de parentesco que há entre vocês? () pais () filhos
() irmãos () tios, avós, primos () companheiro(a) () nenhuma
18. Você costuma ver TV? () sim () não
19. Que programa(s) você assiste? () novela () notícias () outros
Quais? _____
20. Você costuma ouvir rádio? () sim () não
21. Em que horário você ouve? _____
22. Você lê jornal? () não () diariamente () de vez em quando
23. Qual(is) jornal(is)? _____
24. Que revistas você lê? _____
25. Você vai ao cinema? () não () sempre () de vez em quando
26. Qual a sua diversão favorita? _____
27. Você tem hábito de leitura? () sim () não
28. Que tipo de livro você costuma/gosta de ler? () romance () ficção
() não-ficção () outros. Quais? _____
29. Você é uma pessoa que:
() nunca sai do Recife
() só sai a negócios
() sempre sai para passear
30. Passa muito tempo fora?
() menos de um mês
() mais de um mês

Observações: _____

Lista de Palavras

a	b	c	d
Algodão	Botava	Começando	Desagravo
Acreditar	Beterraba	Cemitério	Desilusão
Afetivo	Bebida	Cozinheiro	Decênio
Apesar	Besouro	Carolina	Descrevia
Aquecido	Benemérito	Cozer	Demora
Acendido	Bonito	Carroceiro	Divertir
Advogado	Boneca	Caroneiro	Dormindo
Apelido	Bolacha	Chegado	Defender
Aprendi	Beliche	Chefiar	Deliberado
Apertava	Bochechar	Colchonete	Desconhecido
Aparentar	Bucheiro	Cerebral	Domesticar
Afetivo	Brejeiro	Colar	Diferenciar
Americano	Beijar	Celeiro	Dormir
Alegria	Bebo	Couraça	Demente
Alegre	Bebia	Coração	Detido
Adora		Cereal	Derramar
Adorava	f	Colégio	Dormida
Avenida	Fotografia	Coelho	Dosar
	Fidelidade	Carestia	Dotar
e	Fecho	Chocolate	Demorar
Escorrego	Foguete	Conhecido	Depressa
Elefante	Formação	Caroceiro	Depois
Entrevista	Fevereiro	Concorridíssimo	Doceira
Empareidar	Fedorento	Carinhosamente	
Enriquecendo	Feliz	Chegou	g
Engordando		Certeza	Gozador
Escolarização	j	Colegial	Goela
	Joelho	Coleguismo	Gostaria
i	Jerimum	Calor	Gozador
Informada	Jenipapo	Caloroso	Gosmento
Ironia	Jogado	Cobertor	Guerreiro
Integração	Jesuíta	Campeonato	Guerrilha
	Jovial	Caetano	Guepardo
o	Jornal	Comer	Gostaria
Ocasão		Cretino	Gostava
Ocorrência	p	Corredor	
Ortográfico	Poderia	Cobertor	h
	Perder	Cobrar	Hipopótamo
s	Profunda	Cebola	
Semente	Pedagogo	Copiar	l
Socorro	Protetor	Cooperativa	Lotava

Secar	Pedido	Comer	Legalidade
Semente	Professoranda	Comigo	Levado
Sobreviver	Pelejar		Locutor
Sinceramente	Pode		
Sofrimento	Podern	m	n
Segunda	Podia	Microfone	Negocia
Social	Probleminha	Moeda	Nogueira
Semana	Pecado	Moela	Novela
Sobrinho	Portugal	Meter	Novelo
	Perguntar	Movelaria	Noveleiro
r	Protesto	Motor	Negócio
Rodar	Pejorativo	Moedor	Netuno
Representante	Possuir	Metade	Nortear
Reboliço	Perigoso	Medo	Nocivo
Rogar	Posteridade	Medroso	Noventa
Recuperação	Precisava	Melhor	Necessário
Relojoeiro	Pais	Maioria	Novidade
Rodovia			
Relógio	t	v	z
Rocheiro	Torcer	Voador	Zerar
Revoltado	Telefonou	Voltaria	Zelador
Ressentido	Televisão	Vocábulo	Zebu
Representando	Travesseiro	Velório	Zoação
Rinoceronte	Torcida	Veterano	Zodíaco
Reduzido	Teoria	Violoncelos	Zoolatria
Região			
Revista	q	x	
	Queijeiro	xodó	
	Quermesse		
	Querer		

Texto para Leitura
QUE DANADO É ISSO?

Seu nome era Carolina Nogueira. Gostava de uns passatempos esquisitos e excêntricos. Colecionava algumas coisas: algodão, besouros, garrafas de bebidas, bonecas de chocolate, relógios em forma de hipopótamos, fotografias de bois zebus. Era uma zoação só. Adorava animais, uma verdadeira zoolatria. O pior de tudo era o fato de ser professoranda. Os meninos metiam apelidos. Lá vem a carroceira, caroceira, gosmenta, caroneira, guerrilheira, elefanta e até mesmo jerimum. Com ironia, gozavam, com tom pejorativo, da goela da professora.

Um dia, copiaram no pedido da merenda um bilhete dizendo que a pobre era metida e fedorenta. A maioria dava legalidade para tais cretinos episódios. O demente gestor chegou e demorou a tomar uma decisão. Resolveu implantar um microfone escondido na cortina da sala. O desconhecido foi revelado. Sinceramente, disse ele, acho que este probleminha é tão pequenininho que não vou rogar, e não acho necessário pedir para os alunos zerarem com esta bagunça nojenta. Tome você mesma o controle da situação.

Ela, carinhosamente, sozinha e ressentida, resolveu castigar a turma. Elaborou um ditado e o aplicou. A maioria da turma guerreira não gostou da novidade, resolveu fazer um protesto. Não adiantou de nada, estava aquecida e levada pelo caloroso calor da vingança. Era melhor obedecer e escrever o treino ortográfico. Começando o ditado, falou a primeira e a segunda palavras, depois, como de costume, acelerou o ritmo da voz. Eis a lista completa dos trinta vocábulos sonorizados.

- | | | |
|----------------|-----------------|----------------|
| 1. Advogado | 12. Jenipapo | 23. Voador |
| 2. Americano | 13. Jesuíta | 24. Velório |
| 3. Benemérito | 14. Movelaria | 25. Veterano |
| 4. Brocheiro | 15. Portugal | 26. ioloncelos |
| 5. Cooperativo | 16. Posteridade | 27. Xodó |
| 6. Cerebral | 17. Queijeiro | 28. Zelador |
| 7. Décenio | 18. Quermesse | 29. Zoodíaco |
| 8. Colchonete | 19. Rocheiro | 30. Fevereiro |
| 9. Campeonato | 20. Relojoeiro | |
| 10. Felicidade | 21. Rinoceronte | |
| 11. Guepardo | 22. Telefonou | |

Após o episódio, acreditaram que surgiria uma afetividade. Apesar de aparentar que tudo estava resolvido, não dosaram, nem demoraram a chamar a direção da instituição. Naquele instante, o corredor estava parecendo um cemitério. O colégio, conhecido por sua alegria, bochechava, afetivamente em silêncio. O desagravo demorou a ser resolvido. A integração estava, a partir de agora, ameaçada.

Acabado o expediente, foi para casa a pé. Apertava-lhe o coração. A sua couraça fora detida. Sabia que tudo mudaria a partir daquele momento. No outro dia, havia Carolina acordado com uma canseira tão grande que estava com as pernas acendidas. Devia ser o cobertor que era muito pesado. Resolveu cobrar as cebolas que emprestara ao vizinho da esquerda. Voltou para casa, fechou a porta e resolveu comer. Venha lancha comigo, gritou para o seu colega Caetano que não aceitou o bolo de cereja e cereal que estava sobre a doceria. Foi para a escola e, tomada por uma grande fúria, decidiu realizar um novo ditado. Tinha certeza que os alunos logo tomariam nota.

Um aluno gritou, professora eu não aprendi esta palavra. Um furor ainda maior apertava o seu coração. Toda alegre, a turma só queria saber de conversar. Adorava o som que vinha da avenida. Botava pra quebrar. Era a dupla Beterraba e Boliche. Está muito bonito! Gritou a professora. Dá vontade de dá uma bolacha em cada um. Bando de brejeiros! Professora, a senhora parece que bebe, bebia ou vai beber. Deixe de insolência, menino! Tome conta da sua vida. Um outro aluno, lá de atrás, berrou: Professora, o Marcos que me beijar. Quietos, turma! Vamos voltar ao trabalho. Vocês não percebem que estou estressada hoje?

Depois da aula, cansada, Carolina resolveu dormir um pouco para diferenciar aquela situação. Esquecer dos problemas era o que mais queria. Após a dormida, viu-se detida, por um certo tempo, naquele lugar. Acordou ao derramar o restante do refrigerante que havia tomado no almoço. Depressa, pegou o pano para limpar. Não tinha como descrever aqueles dias de angústia e sofrimento. Decidiu dotar sua mente de bons pensamentos. Notou que apenas dormindo, não resolveria o problema. Tinha que se defender, não podia se divertir, não estava feliz naquela hora. Tudo era tão cinza, pura desilusão, estava deliberada para domesticar suas emoções. Era preciso ser madura, portanto.

Foi informada que haveria formação continuada, de professores do ensino Fundamental I, ainda no mês de fevereiro. Correu como um foguete para terminar o trabalho pedido. O curso era concorridíssimo, tinha que chefiar o tempo. Não havia coleguismo nesta hora. Era cada um por si. Escorregou na calçada e quase se emparedou no muro da secretaria. Viu que naquele momento estava ocorrendo uma entrevista na direção. O locutor estava querendo saber do fato que ocorreu outrora na escola. Estava lotada a secretaria. Perguntou para si mesma quem estaria enriquecendo e engordando com toda aquela escolarização, quando percebeu que machucou o joelho e foi atendida por um rapaz de aparência jovial que havia jogado o jornal e um monte de moedas para ampará-la.

Sentiu uma enorme dor na moela, parecia um motor moedor. Tinha medo, afinal, já era muito medrosa. Desde pequena, tinha medo até de um novelo de lã. Era um negócio de louco. Não poderia perder e nem poderia nortear a nociva novela pela qual passara. Precisava protestar contra aquela terrível e horrível calçada. Era um profundo pecado aquilo.

O rapaz a levou para o seu protetor, o Dr. Netuno Almeida. Parecia cena da revista da semana. Seu sobrinho já fora seu aluno. Chamava-o de querido, mesmo sem ele querer. Pois sabia que era puro interesse dela. Nesta ocasião, na ocorrência do rebuliço, noventa alunos fizeram um documento com representante legal e tudo. E o mesmo fez-se rodar por toda a redondeza.

Tinha que pelejar muito se quisesse conquistar aquele nocivo. Ela não negociava, nem perguntava para qualquer um, qualquer informação sobre aquele assunto perigoso. Dizia sempre, ainda vou conquistar e possuir este homem. Ele era também, um representante de medicamentos que vivia, de relógio em punho, nas rodovias representando os laboratórios de toda a região.

Após a sua recuperação, conseguiu sobreviver e secar os ferimentos. A semente do socorro havia chegado. Tinha um encontro e um contrato social com o seu amado. Não podia torsir naquela hora. A expectativa e a torcida eram muito grandes. Na teoria, não queria dormir com o travesseiro. Queria um homem de verdade, que lhe proporcionasse um gozo gostoso.

Pela manhã, molhada, escutou o grito do leiteiro e descobriu que tudo não havia passado de um sonho. Jamais voltaria a ter aqueles vestígios.

RESULTADOS FINAIS PARA E

Variantes						
Fatores	/E/	PR	/e/	PR	/i/	PR
Sexo / Gênero	Masculino	.67	Feminino	.68	Masculino	.55
Faixa Etária	+ velho	.54	+novo	.53		
Contexto Anterior	Alveolar/dental Bilabial Labiodental Palatal	.52 .51 .56 .89	Labiodental Glotal Velar	.52 .81 .63	Glotal Alveolar/dental Bilabial Palatal	.51 .57 .59 .75
Contexto Posterior	Bilabial Palatal Glotal	.58 .91 .55	Velar Labiodental Glotal	.63 .59 .58	Alveolar/dental bilabial Velar	.62 .63 .64
Número de Sílabas do vocábulo	Dissílabo Trissílabos	.53 .53	Polissílabos	.58	Dissílabos Trissílabos	.73 .60
Distância em relação à tônica	Distância 1	.53	Distancia 3+	.65		
Atonicidade	Átona casual	.56	Átona Permanente	.53	Átona Permanente	.51
Vogal Tônica	e i o u dit. oral	.68 .61 .78 .68 .68	a O ã ~e õ dit. nasal	.67 .85 .75 .57 .93 .75	i E o ã ~e ~i ~u	.81 .75 .74 .51 .58 .96 .86
Vogal Pretônica seguinte	E i o ~i e dit. Oral	.58 .64 .64 .71 .58 .85				
Tipo de Sílabas	Fechada	.56				
Classe Gramatical	Verbo	.51	Verbo	.50		
Natureza do corpus	Texto	.61	Espontâneo Lista	.52 .58		
Estrutura da sílaba	CV CCVC	.54 .78	CVC	.77		

RESULTADOS FINAIS PARA O

Variantes	/O/	PR	/o/	PR	/u/	PR
Fatores						
Sexo / Gênero			Masculino	.54		
Faixa Etária					+novo	.51
Contexto Anterior	Alveolar/dental Glotal	.60 .65	Palatal Glotal Velar	.76 .62 .51	Bilabial Velar	.74 .62
Contexto Posterior	Bilabial Labiodental Palatal	.75 .54 .52	Glotal Velar Labiodental	.50 .58 .54	Bilabial Labiodental Palatal	.73 .79 .87
Número de Sílabas do vocábulo	Dissílabos Polissílabos	.53 .56	Trissílabo Polissílabo	.56 .50	Dissílabos Trissílabos	.73 .60
Distância em relação à tônica	Distância 2 Distância 3	.68 .71				
Atonicidade	Átona casual Át. permanente	.50 .50	Átona casual	.54	Átona permanente	.57
Vogal Tônica	e i o õ dit. Oral dit. Nasal	.86 .62 .83 .72 .94 .58	ã a O ~e Õ ~u	.74 .84 .84 .85 .96 .88	E i u ~i ~u Dit. Nsal	.74 .84 .96 .97 .58 .87
Vogal Pretônica seguinte	E e i O ã ~e Õ Dit. Oral	.75 .59 .77 .77 .67 .78 .94 .56	o a u	.83 .90 .80		
Tipo de Sílabla	Aberta	.51			Aberta	.53
Classe Gramatical	Nome	.51			Nome	.53
Natureza do corpus	Texto Lista	.63 .56	Espontâneo	.54		
Estrutura da sílaba	CV CVC	.50 .66	CCV CCVC	.86 .94		

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)